

SIVALDO DE MACEDO MICHENCO

**REPRESENTAÇÕES DA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI
SEGUNDO ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO EM
AMAMBAI-MS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

SIVALDO DE MACEDO MICHENCO

REPRESENTAÇÕES DA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI
SEGUNDO ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO EM
AMAMBAI-MS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: **Profª Drª Silvana de Abreu**

DOURADOS-MS

2011

SIVALDO DE MACEDO MICHENCO

**REPRESENTAÇÕES DA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI
SEGUNDO ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO EM
AMAMBAI-MS**

COMISSÃO EXAMINADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e orientadora Prof^ª Dr^ª Silvana de Abreu (UFGD)

2º Examinador: Prof^ª Dr^ª Flaviana Gasparotti Nunes

3º Examinador: Prof^ª Dr^ª Salete Kozel Teixeira

Dourados, 30 de agosto de 2011

“Naquilo que escrevi fui profundamente sério, mas muitas vezes tive que sorrir das minhas afirmações cada vez que buscava professar com autoridade”.

Woodbridge, *Essay on Nature*

Introdução da obra *Por uma geografia nova* de Milton Santos

AGRADECIMENTOS

Para Dimea, minha mãe de todas as horas e “socorros”. A meu pai Estefano Michenco.

Aos irmãos, Silvano, Elias, Carlos, Tereza, Marli e Marcia. Estendo a todos da família Michenko&Michenco que comemoram neste ano de 2011 o centenário de imigração dessa família, da Rússia para o Brasil. E ainda a todos da comunidade de Marilu (minha terra natal) no município de Iretama - PR.

Aos colegas da turma do Mestrado em Geografia. Especial lembrança guardo dos acalorados e intermináveis debates envolvendo esse grupo singular.

Aos professores do Programa de Mestrado: Prof^ª. Dr^ª. Lisandra Pereira Lamoso; Prof. Dr. Jones Dari Goettert; Prof^ª. Dr^ª. MarciaYukari Mizusaki; Prof^ª.Dr^ª. Flaviana Gasparotti Nunes; Prof. Dr. Edvaldo Cesar Moretti e todos os demais, pela dedicação empenhada desde sempre para com a pesquisa acadêmica.

Abraço especial a Prof^ª. Dr^ª. Silvana de Abreu, pelos ensinamentos e pela paciência histórica em me orientar.

Agradeço pela participação de todos os alunos e professores que abriram as portas de suas salas de aula para que eu pudesse realizar as etapas da pesquisa.

O desejo aqui seria de estender agradecimentos a todas as pessoas que foram e são importantes para mim, às amizades sinceras, sempre fundamentais. O problema é a “falta de espaço”. Assim, saúdo em nome de todos, àqueles que estiveram mais presentes nesses últimos tempos e que contribuíram direta ou indiretamente com essa Dissertação. Alguns deles: André e Marcilene, Eduardo e família, Wilson, Jocimar e família, Reinaldo (o Rei), Murilo, Addison, Alisson e família, André Soares, Fabiana, Sônia e Evellyn, Marcio, Sará e família, Aroldo, Lorivaldo e família, Júlio e família, Danilo e Priscila, Walter e família, Silvio Henrique... Enfim, recebam todos minha franca gratidão.

Ao fundamental apoio da UFGD, a qual oportunizou o desenvolvimento da pesquisa que nesse momento se encerra.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 01 – Situação de ocupação e de colonização do Mato Grosso do Sul.....	29
Figura 02 – Faixa de fronteira de Mato Grosso do Sul.....	31
Figura 03 – Tipologia das relações fronteiriças	32
Figura 04 – Amambai e a fronteira com o Paraguai.....	54
Figura 05 – A fronteira no Orkut.....	60

DESENHOS

Desenho 01	68
Desenho 02	69
Desenho 03	70
Desenho 04	70
Desenho 05	71
Desenho 06	72
Desenho 07	72
Desenho 08	73
Desenho 09	74
Desenho 10	75
Desenho 11	77
Desenho 12	78
Desenho 13	79
Desenho 14	80
Desenho 15	80
Desenho 16	81
Desenho 17	82
Desenho 18	82
Desenho 19	83
Desenho 20	83
Desenho 21	84
Desenho 22	85
Desenho 23	86
Desenho 24	86
Desenho 25	88

Desenho 26	88
Desenho 27	89
Desenho 28	90
Desenho 29	93
Desenho 30	94
Desenho 31	95
Desenho 32	96
Desenho 33	96
Desenho 34	97
Desenho 35	98
Desenho 36	99
Desenho 37	100
Desenho 38	101
Desenho 39	101
Desenho 40	102
Desenho 41	102
Desenho 42	103
Desenho 43	104
Desenho 44	105
Desenho 45	106
Desenho 46	107
Desenho 47	107
Desenho 48	108
Desenho 49	108
Desenho 50	109
Desenho 51	110
Desenho 52	110

GRÁFICOS

Gráfico 01 – Representação na questão 01 em percentuais	44
Gráfico 02 – Representação na questão 01 em números	45
Gráfico 03 – Representação da questão 02 em percentuais	51
Gráfico 04 – Representação da questão 02 em números	52
Gráfico 05 – Representação na questão 03 em percentuais	66
Gráfico 06 – Representação na questão 02 em números	67
Gráfico 07 – Representação geral da fronteira em percentuais	111
Gráfico 08 – Representação geral da fronteira em números	112

QUADROS

Quadro 01: Reportagens relacionadas ao tema “fronteira”	57
Quadro 02: Reportagens relacionadas ao tema “Paraguai”	58

FOTOS

Foto 01 – Capitan Bado – Coronel Sapucaia: Fronteira Brasil-Paraguai.....	59
Foto 02 – Capitan Bado – Coronel Sapucaia: Fronteira Brasil-Paraguai.....	59
Foto 03 – Casa China em Pedro Juan Caballero: Fronteira Brasil Paraguai	87
Foto 04 – Mescla linguística no comércio – Aldeia Amambai – Amambai – MS	91
Foto 05- Mescla linguística no comércio – Av. Pedro Manvailler - Amambai-MS.....	92

LISTA DE ABREVIATURAS

CEPG: Centro de Estudos e Pós-Graduação

CIMI: Conselho Indigenista Missionário

CNPQ: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Mercosul: Mercado Comum do Sul

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais.

SEMAC: Secretaria de Estado de Meio Ambiente, do Planejamento, das Ciências e da Tecnologia.

UFRJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO

As transformações que a Geografia vem experimentando nas últimas décadas são observadas no advento de novas propostas teóricas e novas metodologias de pesquisas. Esta pesquisa, visando apreender-se de nova metodologia, acaba por aliar a teoria das representações com o contexto fronteira, procurando assim auxiliar o estabelecimento de reflexões sobre a fronteira Brasil-Paraguai, mais especificamente, sobre a fronteira da porção sul do Estado do Mato Grosso do Sul com aquele país. Ao mesmo tempo com essa reflexão, procura contribuir com o ensino de Geografia das escolas localizadas nessa área. Para operacionalizar a proposta, a investigação se insere no contexto intraescolar das turmas do 3º ano do ensino médio das escolas públicas, localizadas no município de Amambai-MS, visando revelar as representações dos alunos acerca dessa fronteira. A análise dos resultados revela que a disponibilização de novos sentidos para essa fronteira é possível, dependendo de novos processos de identificação que podem ser emersos, principalmente, no contexto da sala de aula. A apropriação dessa nova maneira de conceber a fronteira, a nosso ver, também pode ser disponibilizada na mudança de postura da mídia, que acaba transmitindo a imagem da contravenção.

Palavras-chave: Fronteira, Representações, Alunos, Escolas

ABSTRACT

The transformations that Geography has been experiencing in recent decades are observed in the advent of new theoretical proposals and new research methodologies. This research, aims to seize up a methodology, ends up to ally the theory of representations to the boundary context, attempting to assist in the establishment of reflections on the Brazil-Paraguay border, more specifically on the border of the Southern state of MatoGrosso do Sul with that country. At the same time with this reflection seeks to contribute to the Geography's teaching in schools located in that area. To operationalize the proposed research, fits into the context of intra-school classes in the 3rd year of secondary education in public schools, located in the municipality of Amambai/MS, in order to reveal the students' representations about this border. The results show that the availability of new directions for this boundary is possible, depending on new identification processes that can be emerged, especially in the classroom's context. The appropriation of this new way of conceiving the border, in our view, can also be made available in the change of media's attitude, which ends up conveying the image of a transgression.

Keywords: Border, Representations, Students, School.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	4
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	5
LISTA DE ABREVIATURAS.....	8
RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I	
REPRESENTAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES PARA A COMPREENSÃO DA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES.....	18
1.1 Representações individuais e coletivas dos sujeitos.....	25
CAPITULO II	
REPRESENTAÇÕES DA FRONTEIRA: OS DIZERES DOS ALUNOS.....	28
2.1 Da materialidade da fronteira em estudo.....	28
2.2 Das escolas pesquisadas aos sujeitos: a análise do discurso da fronteira “Brasil-Paraguai”.....	34
2.3 Sistematizando grupos de representações.....	36
2.3.1 Representações da fronteira como limite territorial.....	37
2.3.2 Representações da fronteira como palco de uma mobilidade social.....	39
2.3.3 Representações da fronteira no sentido metafórico.....	41
2.3.4 Representações da fronteira como palco da contravenção.....	42
2.4 Analisando grupos de representações.....	43
2.4.1 Algumas considerações necessárias.....	62
CAPITULO III	
AS REPRESENTAÇÕES DA FRONTEIRA NOS DESENHOS DOS ALUNOS.....	64
3.1 Desenhando e representando fronteira(s).....	65
3.3 Sistematizando ideias: construindo representações.....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	121

INTRODUÇÃO

Esse projeto de pesquisa teve como ponto de partida nossa trajetória como profissional no magistério. Migrando do Estado do Paraná para a cidade de Amambai em Mato Grosso do Sul, no ano de 2003, iniciamos a carreira docente no ensino fundamental e médio na Escola Estadual Vespasiano Martins, onde permanecemos até o presente momento. Durante todo esse tempo, múltiplas experiências foram acumuladas e conseqüentemente muitas indagações surgiram, dentre elas: Qual o papel do professor de Geografia no processo de formação do indivíduo?

É sabido que o ensino de Geografia na educação básica tem sido alvo de críticas e apreciações diversas que vão desde aquelas que procuram evidências de práticas em sala de aula, até a análise de livros didáticos e suas supostas filiações teóricas. Esse movimento teórico tem contribuído, entre muitas coisas, para o surgimento de novas propostas curriculares, renovações e reformas no ensino em geral, desencadeando novos desafios e debates no processo de ensino-aprendizagem da Geografia como conhecimento e disciplina do currículo escolar.

Essas novas reflexões por que passa não só o ensino de Geografia, mas a educação como um todo, impõem um repensar constante e novas atitudes diante dessa nova realidade. Percebemos que o professor da educação básica precisa constantemente aprimorar sua qualificação profissional, pois a própria melhoria da educação brasileira passa também por essa qualificação do profissional da educação, portanto, alçar vãos teóricos é importante e necessário porque contribui com a formação do professor e com a relação teoria-prática.

Distante do meio acadêmico há alguns anos, encontramos algumas dificuldades na elaboração de um projeto consistente e de viabilidade de pesquisa. Ao retomar as leituras e os conceitos geográficos, descobrimos na própria realidade cotidiana, de vivência, nosso objeto de pesquisa.

Observamos que no cotidiano do “fazer Geografia” na Escola Estadual Vespasiano Martins transcorria também um pensarsui *generis de fronteira*, vendo como professor e cidadão, em Amambai-MS, fronteira com o Paraguai.

Tais leituras, indagações e observações culminaram com a realização de um projeto para o mestrado. A proposta inicial era analisar o processo de produção do conhecimento

geográfico na região de fronteira, para evidenciar como os conceitos de lugar, fronteira, território e região vêm sendo trabalhados nas aulas de geografia, da Escola Estadual Vespasiano Martins.

A ideia era que havia uma singularidade, em nossa percepção, nessa escola, qual seja um grande número de alunos oriundos do Paraguai ou descendentes de paraguaios e que isso trazia impacto na concepção de fronteira, no ensino da escola. Indagamos ainda o porquê dessa escola e em que medida ela se diferenciava concretamente das demais. O fato é que não conseguimos reunir elementos, apenas tivemos a percepção de que ela congregava grande parte dos alunos paraguaios, ou seus descendentes que estudam do lado brasileiro do limite internacional.

Não havia dados consolidados para qualificar nossa hipótese. Evidentemente, que esse modo de ver a escola à qual dedicamos todos esses anos de trabalho está permeado pela nossa experiência e, ao mesmo tempo, o conhecimento apenas parcial das outras escolas da cidade de Amambai-MS.

Avaliamos ainda, que havia um pensar sobre a fronteira, sobre o lugar vivido, na escola em que trabalhamos e que isso seria, certamente, um fator a ser considerado para as demais escolas de Amambai-MS.

Optamos por fazer mudanças no projeto inicial incorporando a análise das escolas de ensino médio - “fechar o leque” da discussão e pesquisar sobre o conceito geográfico de fronteira dos alunos. Seus dizeres, saberes e representações. Surgiu assim o projeto intitulado: Representações da fronteira Brasil-Paraguai segundo alunos do 3º ano do ensino médio em Amambai-MS.

Trabalhar o conceito de fronteira e ao mesmo tempo vivenciá-la, tornou-se um elemento essencial e especial nessa pesquisa, além de que o pensar a fronteira sempre esteve no cerne do escopo geográfico, fundamentalmente porque a geografia sempre esteve pautada na análise do território e seus limites, seja no sentido do registro, seja no sentido geopolítico da expansão e da defesa das “fronteiras”.

Nesse sentido, pensar/fazer a geografia, pensar/compreender a fronteira e o ser/estar fronteiriço a partir da análise de alunos de nível médio, nos permite compreender a realidade vivida, porque na escola estão todos os saberes/fazer, portanto, nos permite viver a geografia, seus saberes e dizeres. Por exemplo, no município em questão, localizado nos limites “Brasil-Paraguai” vivenciamos um conjunto de intermediações e diversidades de línguas (português, espanhol e guarani) e de práticas culturais mescladas

(polca paraguaia, tereré, chimarrão, churrasco, entre outras) que enriquecem o “ser da fronteira”, havendo subsídios para uma investigação científica e até mesmo a necessidade de estudos que investiguem essa realidade.

Além disso, a construção e/ou delimitação fronteiriça envolve a definição do ser/estar de cada um: ser brasileiro, ser paraguaio implica em registrar onde você está e quem você é. Para quem vive como nós “na fronteira”, ser um ou ser outro é uma condição definitiva (nacionalidade) que permite mobilidade, uma vez que se o registro civil de cada um define qual o lugar de pertencimento, o “ir e vir” “de lá para cá e de cá para lá”, nos limites internacionais, nos mistura e confunde ao mesmo tempo em que nos identifica.

Todos esses elementos acabaram por definir, ainda, a teoria das representações sociais como proposição para a análise, pois desvelar o universo vivido e construído, por meio das representações dos alunos, nos oferece a possibilidade de subsidiar novas propostas para o ensino de Geografia nas escolas pesquisadas, principalmente, por elas estarem inseridas numa realidade de fronteira, o que faz jus a um “olhar” diferenciado no “fazer Geografia”, destacando assim elementos que possam auxiliar os professores em suas práticas pedagógicas no âmbito da Geografia.

Pensando nisso, buscamos a contribuição dessa teoria para essa pesquisa, onde tanto o espaço concreto, o vivido na fronteira, quanto o espaço percebido da fronteira passam a ser determinantes nas representações da fronteira. As representações concebidas pelos alunos, portanto, podem estar atreladas a estas conveniências, pelo que devemos considerá-las como representações em movimento, no dinamismo da própria fronteira, das modificações da sociedade, do individual e do coletivo.

Para o desenvolvimento da proposta optamos por uma referência metodológica baseada em conceitos qualitativos. Segundo Bogdan e Bilken (1994) o agente pesquisador infiltra-se durante algum tempo dentro das escolas, famílias, bairros e outras localidades no intuito de pesquisar com maior precisão suas informações.

Partindo desse princípio, a investigação dessa pesquisa se inseriu no contexto intra-escolar das seguintes instituições de ensino: Escola Estadual Agrícola Lino do Amaral Cardinal, Escola Estadual Coronel Felipe de Brum, Escola Estadual Dom Aquino Corrêa, Escola Estadual Fernando Correa da Costa e Escola Estadual Vespasiano Martins.

O desenvolvimento da produção e coleta dos dados se deu sem muitas dificuldades e ótima recepção tanto das direções das escolas quanto de alunos e professores, mesmo porque a pesquisa em contexto acabou se revelando no nosso próprio campo de atuação

profissional, ou seja, as escolas. Lembrando ainda que, na Escola Estadual Vespasiano Martins, a disciplina de Geografia está sobre nossa responsabilidade, viabilizando ainda mais a investigação a partir de inserções e reflexões maiores sobre o tema fronteira no cotidiano das aulas ministradas, o que acabou tendo reflexos, principalmente nas representações metafóricas da fronteira.

Os procedimentos de pesquisa adotados estiveram pautados em dois segmentos: na aplicação de questionário com questões referentes ao tema proposto e na elaboração da representação da fronteira por meio de desenho.

As questões foram amplas, mas simples:

- 1) O que é fronteira?
- 2) Quando você ouve ou lê a palavra fronteira o que você lembra?
- 3) Ilustre uma imagem do que é fronteira.

Sendo assim, após a boa recepção e pautado no princípio ético de pesquisador, entendemos ser importante dar um retorno à escola sobre os resultados da investigação.

No intuito de atingir os objetivos propostos, a dissertação foi estruturada em capítulos que abordaram desde as Representações sociais, Geografia das representações (vertente teórica do próprio interior da Geografia); passando pela descrição do lócus, a materialidade da pesquisa, ou seja, o município de Amambai circunstanciado pela fronteira “Brasil-Paraguai” no Estado do Mato Grosso do Sul, até a representação, propriamente dita, dos alunos sobre essa fronteira¹. A mídia também se apresentou aqui como fonte de pesquisa, sendo basilar a compreensão desta como mecanismo de influência nas representações dos alunos, principalmente no que concerne à fronteira “Brasil-Paraguai” como palco da contravenção.

No primeiro capítulo, procuramos analisar a teoria das Representações, que atualmente tem despertado o interesse de muitos pesquisadores, constituindo-se num aporte teórico de relevância para esta investigação. Buscou-se o entendimento e estruturação dessa abordagem geográfica, pelo fato de que ela oferece subsídios à compreensão das expressões (representações) construídas pelos grupos humanos acerca de seus espaços vividos e sobre si mesmos.

¹Trata-se de qualificar a fronteira em análise, ou seja, demarcar um recorte espacial de possível vivência cotidiana e/ou influência fronteiriça dos alunos

Destacamos neste capítulo possíveis fatores de influência na construção dessas representações. Além da mídia, já mencionada, enfatizamos também a escola e o próprio vivenciar a fronteira.

No segundo capítulo, procuramos contextualizar o espaço fronteiro a ser estudado, principalmente Amambai-MS como município de fronteira. Prosseguimos aludindo sobre o contexto da pesquisa, referindo-nos às escolas e à abrangência do ensino nestas escolas nas quais se realizou essa pesquisa. Tangenciando a fronteira “Brasil-Paraguai” e no intuito de compreender as representações dos alunos sobre esta, organizamos “grupos” em função das respostas e dos “ideários predominantes”, cada qual com sua característica. Os grupos de respostas/alunos nos permitiram, apenas como opção didática, apresentar a delimitação a seguir:

- Representação da fronteira como limite territorial;
- **Representação da fronteira como palco de uma mobilidade social ²**;
- Representação da fronteira no sentido metafórico;
- Representação da fronteira a partir da ideia da contravenção.

Em seguida, passamos a apresentar as análises das representações elaboradas pelos alunos. Analisamos então suas respostas, evidenciadas nos questionários aplicados, no caso aqui, as questões 01 e 02. Quantificamo-las através de gráficos e qualificamos, evidenciando uma teia de relações de saberes da fronteira e sobre a fronteira.

No terceiro capítulo discorremos sobre a possibilidade de utilização de desenhos como fonte de pesquisa, como linguagem que expressa conhecimento. Para a análise em pauta nos baseamos na ideia “*falaimagens*”, trabalhada por Oliveira Júnior (1994), notadamente em sua dissertação de mestrado, que é basilar àqueles que trabalham com a imagem ou o desenho do aluno. Com as análises dos desenhos dos alunos ficaram evidentes relações e significados.

O sentido forte desta prática (utilizar desenhos) é o de dar existência e possibilidade às percepções da realidade e à aproximação das ideias, imagens e conceitos que já permeiam os alunos em seus pensamentos acerca da fronteira “Brasil-Paraguai” e do

²Mobilidade social nessa pesquisa não se refere à mudança de posição social de uma pessoa num determinado sistema de estratificação social, o que estaria vinculado a um conceito mais sociológico. Tal mobilidade social refere-se à etnicidade na fronteira Brasil-Paraguai e suas movimentações, ou seja, a fronteira como lugar do encontro entre culturas e em seus movimentos históricos e geográficos.

conceito de fronteira, presente nos currículos escolares, nos dizeres da imprensa, na construção cotidiana.

Em vista do envolvimento entre pesquisador/pesquisados coube indagar ainda se esse trabalho, ao ser produzido, e as representações que se originaram não estariam aprisionados pela subjetividade do pesquisador ou, como discutiu Jovchelovitch (1998), pela análise do sujeito analista. Essa autora, ao discutir as representações sociais, observou que longe de se darem numa discussão neutra e asséptica, nasceram e cresceram “sob a égide de interrogações radicais, que repõe contradições e dilemas talvez a principal dessas contradições seja a relação indivíduo-sociedade e como esta relação se constrói”. (JOVCHELOVITCH, 1998, p.63).

Compreendemos que o significado desta pesquisa está além das subjetividades do autor. Esta vem com o propósito de evidenciar as representações dos alunos bem como contribuir eficazmente para as práticas pedagógicas dos professores das escolas pesquisadas, principalmente no objetivo de enriquecer as reflexões, contextualizações e elucubrações sobre a fronteira “Brasil-Paraguai”.

CAPÍTULO I

REPRESENTAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES PARA A COMPREENSÃO DA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES

O desenvolvimento do entendimento da teoria das representações sociais se constituiu numa das principais abordagens para a análise e interpretação das representações produzidas pelos alunos nesta investigação, pois conforme Gil Filho (2005, p. 78) “muito mais que uma observação ou opinião sobre o mundo, o ato de representar é a expressão de uma internalização da visão de mundo articulada que gera modelos para a organização da realidade”.

O estudo das representações se apresenta, dessa forma, como um largo campo de pesquisas. O que significa dizer que as práticas sociais nos espaços vividos pelos sujeitos dão origem às representações e estas, por sua vez, fazem desse espaço um objeto de debate, não apenas da Geografia, mas também dos diferentes setores das ciências sociais e humanas.

No caso de investigar a fronteira em Escolas Estaduais de Amambai, considerando as representações de fronteira, significa vincular o debate à materialidade dessa fronteira como um conhecimento, o que permite avançar no debate da fronteira e da Geografia como ciência.

Pensando sob a lógica das relações de poder, para Raffestin (1993, p.165):

A fronteira é compreendida como zona de contacto e limite, ou seja, é uma linha de separação definida que cristalizada se torna uma ideológica, pois justifica territorialmente as relações de poder.

Nesse caso, a fronteira limita, separa e atrita (zona de contato), mas fundamentalmente consolida territórios e relações de poder: ser brasileiro, ser paraguaio, distingue papéis e valores.

Concordamos com o autor, pois o conjunto de representações pertinentes a essa “zona de contacto e limite”, ou seja, a fronteira “Brasil-Paraguai” pode estar ligado a valores sociais e comportamentais absorvidos, de maneira coletiva, pelos indivíduos, seja na escola, como processo que faz referência às representações associando-as às situações

de aprendizagem, seja pela mídia, como produtos traduzidos pelas imagens e discursos estruturados, ou seja, pelo próprio fato de “vivenciar a fronteira”.

Não é intenção entrar em debate aprofundado sobre a instituição escola ou sobre a mídia, mas por vezes, as consideramos como basilares na formação das representações da fronteira. Por outro lado, não as consideramos como a tradução de divisões estáticas e imóveis, mas sim como o efeito de processos dinâmicos que permeiam toda a sociedade que em conjunto formam e (des)formam mentalidades.

Na escola as representações podem estar associadas às situações de ensino aprendizagem que são permeadas pelo conhecimento empírico e/ou acumulado das disciplinas escolares. Em Geografia, Kozel (2005) utiliza os chamados mapas mentais³ como procedimento metodológico para revelar as representações construídas pelos alunos no ambiente escolar.

É pensando no contexto acima exposto que buscamos a contribuição da geografia das representações. Compreendendo suas proposições entenderemos também as representações construídas pelos alunos durante a pesquisa empírica, pois o processo de construção e apreensão do conhecimento formalizado passa tanto pelas disciplinas escolares quanto pelas complexas inter-relações educador/educanda na escola.

Portanto, a escola não é só o lugar em que se apreende na objetividade, nos conteúdos, nas disciplinas. Esse ambiente escolar é também permeado por outras relações subjetivas onde aprendemos de forma coletiva e na vivência cultural. Segundo Gil Filho (2005) é nessa vivência cultural que a chamada Geografia das Representações se apresenta.

A Geografia das Representações é uma Geografia do conhecimento simbólico. Assume as representações sociais como ponto de partida para uma Geografia Cultural do mundo banal, da cultura cotidiana, do universo consensual impactado pelo universo reificado da ciência e da política. (GIL FILHO, 2005, p.80)

Nesse contexto, o ambiente escolar assume uma importante posição nessa pesquisa, sendo fundamental para o entendimento das representações construídas por um grupo de sujeitos sociais, ou seja, os alunos, evidenciando relações na fronteira “Brasil-Paraguai” a partir das Representações.

³ De acordo com Kozel (2005) os mapas mentais consistem em mapeamentos cognitivos, passando pelo conceito de espaço vivido, em direção às representações sociais. “Como o espaço geográfico é produzido pela sociedade, apenas a sua representação geométrica impressa nos mapas é insuficiente para captar a gama de relações históricas, socioculturais, econômicas, políticas, etc. que o geraram”. (KOZEL, 2005, p. 169/171).

Os desafios da diversidade, da alteridade também se refletem na escola, pois esta além de ser um ambiente plural na sua constituição, também é um dos pilares de sustentação da sociedade contemporânea, ou seja, reflete valores e ideários predominantes. Reproduz, portanto, a desigualdade social, a diferença de classes, bem como as contradições inerentes à sociedade vivida.

Pensando de modo mais amplo, para além da escola e não apenas nela, Tedeschi (2008, p. 16) argumenta:

A educação se constitui como um território cheio de enfrentamentos e cruzamentos de diferentes manifestações culturais e conflitos identitários, colocando-se como local privilegiado para atuação e busca constante de diálogo, interação, troca e reciprocidade entre grupos diferentes, como fator de crescimento cultural e enriquecimento mútuo, procurando sustentar relações crítico-solidárias.

Se considerarmos as escolas estaduais de Amambai, é possível entendê-las como campo de confluência de um maior número de indivíduos que “vivem a fronteira”, permitindo, nos enfrentamentos cotidianos, buscar aportes para compreender a representação que os sujeitos (alunos) têm do mundo social (fronteira “Brasil-Paraguai”) inclusive porque no cotidiano escolar, as representações culturais oriundas do processo de globalização também estão presentes.

Devemos considerar as escolas pesquisadas como parte de movimentos e dinamismo da própria fronteira, das modificações da sociedade, do individual e do coletivo. Frente a isso, é possível dizer que as representações de fronteira podem estar análogas tanto ao próprio ambiente escolar quanto ao processo de ensino aprendizagem, sendo possível canalizá-las para a formação de uma linguagem geográfica, ou não, mas que no interior da escola e no ensino de Geografia é possível contribuir para a composição do desvelamento da realidade fronteiriça em Amambai.

A mídia, seja ela televisionada ou não, precisa evidentemente ser considerada como um instrumento importante no entendimento de ideias e mecanismos de imposição e legitimação de domínios e/ou ideologias. Para Chartier (2001, p. 17) “a imprensa se apresenta como um dos mecanismos pelos quais um grupo se impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”. Essa é uma análise importante para o nosso trabalho.

As imagens das mídias tornam-se cada vez mais manipuláveis, ao mesmo tempo, segundo Oliveira Júnior (1994, p. 67) “a produção de imagens deixa de ser um efeito de duplicação e representação para tornar-se um processo de construção”. Mas não há influência apenas porque são manipuláveis. Isso se dá porque é um campo de ideias produzidas a partir de fatos e de conceitos pré-definidos. Nesse sentido, podemos nos reportar a Foucault (2003, p. 8-9) que em sua obra nos esclarece como o discurso cerceado pelo poder pode ser metodicamente analisado no intuito de impor valores sociais:

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm a função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2003, p. 8-9).

As representações da fronteira “Brasil-Paraguai” certamente não estão livres dessas práticas, que as fazem o “palco da contravenção”. Mesmo levando em consideração que essa análise tem algumas limitações, sem fazer uma abordagem mais ampla da prática discursiva desses agentes, torna-se possível fazer considerações que sugerem ou podem sugerir questionamentos. Quais sejam as abordagens em telejornais ou *sites* da internet, que vinculam a fronteira com o tráfico de drogas. Ajuíza, portanto, a fronteira como sinônimo de criminalidade.

Para Pereira (2003, p. 162) “a identificação regional com o território de fronteira é complexa e difícil, construindo-se por meio de um caminho tortuoso”.

Sobre o papel da imprensa:

Compreender os processos de comunicação permeados cada vez mais pela mídia em um ambiente de fronteira vai exigir um estudo aprofundado de muitas questões. Implica em observar aspectos sociais, o funcionamento e procedimentos das organizações midiáticas, seus profissionais, as mensagens transmitidas, bem como o público atingido por essas informações. Esse trabalho, com certeza, não é tarefa fácil. É necessário ampliar o foco de estudo sobre o contexto social das comunidades. (SOARES, 2006, p. 12)

Concordamos com os autores, pois não é tarefa fácil responder a complexidade da condição fronteiriça e a mídia tanto não dá conta como não quer fazer análises mais complexas.

Portanto, consideramos a mídia como um fator de influência na construção das representações sobre a fronteira “Brasil-Paraguai” e a realidade “produzida” por ela, como

um jogo de apropriações práticas e representações dos sujeitos envolvidos diretamente ou não nos jogos de poder da/na fronteira.

Desvendar tal influência pode significar, de certa forma, outra perspectiva e possibilidade de compreender a fronteira, até mesmo em outro patamar conceitual, para além dos estigmas da contravenção.

Aspectos que os dizeres dos alunos e as representações expressas por eles demonstram potencial para realizar. A contravenção é importante, mas não reflete majoritariamente os ideários representados pelos alunos analisados.

O “vivenciar a fronteira” como legitimação das representações nos remete ao significado do questionamento do indivíduo em sua escala do cotidiano, como produto do senso comum, legitimando o que é veiculado nas relações sociais, cotidianas, nos permitindo formas de selecionar elementos para compreender discursos simbólicos, principalmente no que tange às representações da fronteira “Brasil-Paraguai”.

Sposito (2004), referindo-se às representações do espaço, coloca essa escala do cotidiano como um dos caminhos para essa compreensão. Para este autor:

A casa, a rua, o ambiente de trabalho, os grupos de pessoas circundantes e tudo aquilo que faz parte do cotidiano torna-se elemento referencial para estudos dessa natureza. Nessa dimensão, o indivíduo pode ganhar em termos de inventividade e de solidariedade novas, tornando-a revolucionária porque é nesse nível que a liberdade se projeta, que a desregulamentação passa pela decisão da pessoa (SPOSITO, 2004, p. 115).

Concordamos com o autor e consideramos esta análise também pertinente ao contexto da fronteira “Brasil-Paraguai”. Dessa forma é nesse “vivenciar a fronteira”, na “escala do cotidiano da fronteira”, que passa a construção das representações sobre essa mesma fronteira. Segundo Kozel (2010, p. 04):

O mundo vivido não é um mero mundo de fatos e negócios, mas um mundo de valores, de bens. Está ancorado num passado e direcionado para um futuro; é um horizonte compartilhado, embora cada indivíduo possa construí-lo de um modo singularmente pessoal.

Para essa discussão é fundamental a compreensão de que o valor da vivência corrobora na valorização da pesquisa e contribui no entendimento das complexas estruturas das representações da fronteira “Brasil-Paraguai”.

A fronteira vai aparecer em grande parte como limite, o que separa um e outro. E essa vertente certamente está carregada de geograficidade consolidada no decorrer da vida de estudante na fronteira.

Dizer que existem características peculiares na educação escolarizada de fronteira e que estas levaram esses alunos, majoritariamente, à representação da fronteira “Brasil-Paraguai” como limite, torna-se até paradoxal, mas é fato que existem realidades específicas circundadas no cotidiano dessa fronteira, ligada ao sentido do limite.

Qual seja o fato de que para permanecer no país vizinho por mais de um dia é necessário um documento liberado pela aduana paraguaia denominado de “*Permiso*”, um visto de passaporte que dá o direito de permanecer por **noventa dias nesse país**. O que pode remeter o aluno, ou qualquer cidadão da fronteira, ao sentido do limite jurídico da fronteira.

Pérez (2005, p. 36) entende o cotidiano como “um significante flutuando do real-social, que implica a compreensão de que na vida cotidiana os significados não são fixos, se fundamentam na prática e emergem do modo pelo qual são usados na prática concreta”.

Essas práticas concretas, nesse contexto, nos remetem às relações interpessoais do cotidiano, englobando as afirmações conceituais que podem ser advindas do processo ensino-aprendizagem, no caso aqui do conceito de fronteira que está inserido na disciplina de Geografia.⁴

De acordo com Couto (2006 p.94):

Os conceitos são fundamentais à compreensão da realidade. Inerente ao pensamento conceitual, os processos de generalização e abstração permitem captar a essência das coisas, suas regularidades e conexões, suas particularidades e generalidades, sua existência e sua essência, seu desenvolvimento.

Deste modo as representações da fronteira como limite podem ter sido gestadas, por esses alunos, tanto na lógica do cotidiano quanto num contexto específico, fundamentado na prática escolar e/ou na formulação de conceitos na disciplina de Geografia.

Quando nos referimos à fronteira “Brasil-Paraguai” como palco de uma mobilidade social, a teoria das representações torna-se basilar para essa compreensão, pois esta pode

⁴Para Vesentini (2005) os conhecimentos geográficos fazem parte de uma totalidade curricular, que em cada escola, reflete um modo específico de perceber a realidade. Do ponto de vista da fronteira “Brasil-Paraguai”, podemos dizer que esta é vista de vários modos e de acordo com cada realidade escolar.

ser utilizada como instrumento de delimitação, comparação e definição dos movimentos históricos, culturais, bem como da formação identitária dessa fronteira.

Nessa linha de pensamento, Nogueira (2007, p.28) mostra que:

Para pensar a fronteira como lugar de referência identitária, como um dado da cultura, tomando enfim, como base os pressupostos da geografia humanística, exige-se outro repertório conceitual, visto que a coerência metodológica não contempla o trânsito dos conceitos. Assim, teríamos como subsídio os seguintes conceitos: existir, identificar, significar, simbolizar, compreender, experienciar, perceber, habitar, ser, viver, etc. (NOGUEIRA, 2007, p. 28).

Entendemos com o autor que esses conceitos podem auxiliar na identificação de pertencimento dos alunos com essa fronteira a partir de um dado da cultura.

Não se trata de territorializar a cultura, até mesmo porque se torna complexo definir uma cultura própria de fronteira. Para Santos (2006, p. 45):

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é "algo natural", não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à importância que passa a ter. Aplica-se ao conteúdo de cada cultura particular, produto da história de cada sociedade.

Portanto, não estamos aqui identificando uma cultura em um determinado território, mas apenas levando-se em conta algumas particularidades da fronteira “Brasil-Paraguai”, em específico da Região Sul fronteira, do Mato Grosso do Sul com o Paraguai.

Essa busca por representações da fronteira “Brasil-Paraguai” não visa separar, pôr a fronteira e seus sujeitos em um pedestal ou redoma, muito menos falar de uma cultura pura. Ao contrário, nossa análise parte do entendimento do aluno sobre a sua realidade. É na narrativa desses alunos, através da aplicação de questionários, que encontraremos subsídios para captar tais representações.

Esclarece Chartier (1988, p. 16-17) que “a história cultural é importante para identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Ao voltar-se para a fronteira “Brasil-Paraguai”, esse campo pode auxiliar nas análises das representações dos alunos, tomando por objeto os motivos dessas representações.

Estes aspectos da teoria das representações observados até o momento nos apresentaram muitas possibilidades de compreensão em relação à representação dos alunos pesquisados acerca da fronteira “Brasil-Paraguai”. Não somente pelos subsídios teóricos de interpretação, mas também pela riqueza de aspectos que podemos eleger para compor as análises que serão explicitadas posteriormente e, sobretudo, porque dizem respeito e refletem fenômenos relacionados à vida cotidiana desses alunos.

No intuito de melhor compreender essas representações abordaremos a seguir alguns aspectos da teoria das representações que por um lado individualiza e por outro coletiviza os sujeitos.

1.1 Representações individuais e coletivas dos sujeitos

Evidentemente, não se pretende aqui o desenvolvimento de um estudo aprofundado de psicossociologia, contudo, estudos mais recentes sobre representação partem dessa tradição, cujo precursor e pesquisador importante é Serge Moscovici.

Fazer esta análise nos permite uma aproximação com as bases teóricas que, acreditamos ser pertinentes para o desenvolvimento das apreciações sobre as representações elaboradas pelos alunos a respeito da fronteira “Brasil-Paraguai”.

Moscovici (2003, p.49) sintetiza representações coletivas da seguinte forma:

Se, no sentido clássico, as representações coletivas se constituem em um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de ideias e crenças (ciência, mito, religião, etc.), para nós, são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo “social” em vez de “coletivo”.

Dessa forma, pode-se dizer que os desenhos dos alunos do 3º ano do ensino médio das Escolas Estaduais de Amambai-MS, sejam como sujeitos individuais, coletivos ou sociais, como enfatiza Moscovici, perpassam por representações partilhadas por conhecimentos que se constituem em realidade comum. Qual seja o fato de estes serem influenciados por fatores diversos, já explicitados nessa investigação, como o “vivenciar a

fronteira”, a escola e também a mídia. O que reincidente nas três concepções teóricas apontadas por este autor.

Na primeira, chamada por Moscovici (2003) de sociológica, os grupos e indivíduos estariam sob o controle de uma ideologia dominante, produzida e imposta por sua classe social. Nesse caso, podemos citar o fato de os alunos analisados, terem entre si, o pertencimento a uma mesma classe social, haja vista estudarem na escola pública de ensino médio. O que, de certa forma, acaba por influenciar nas representações da fronteira “Brasil-Paraguai”, ainda que não de forma absoluta.

Na segunda concepção desse autor, a psicológica, os indivíduos simplesmente recebem informações e ideias de fora e processam-nas para transformá-las em julgamentos e opiniões pessoais. No caso aqui citaremos a influência da mídia local, fato exposto nessa investigação, nas representações sobre essa fronteira.

Por fim, na terceira concepção de Moscovici (2003) os indivíduos não são apenas processadores de informações ou portadores de ideologias de uma maneira determinista e estática, são também pensadores ativos que, a partir de vários episódios cotidianos de interação social que vivenciam, produzem e comunicam suas concepções, participando, dessa forma, da construção da sociedade. Neste caso citaremos aqui o “próprio vivenciar a fronteira”, e, de igual modo, o cotidiano escolar que podem propiciar a estes indivíduos outras representações sobre a fronteira. Assim se tem o fato de o tema fronteira estar atrelado ao contexto da disciplina de Geografia.

A partir dessas concepções teóricas, entendemos que, para Moscovici, o campo específico abarcado pela teoria das representações sociais baseia-se na análise de um compartilhamento de conhecimentos, ou seja, transformam ideias em práticas.

Para Kozel (2010, p.6) “o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente, é um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação”. Esta análise corrobora e articula as representações da fronteira “Brasil-Paraguai” com o viés da percepção desses sujeitos, ou seja, as representações individuais dos alunos a partir de todas as “parcialidades da imaginação⁵”.

A Geografia das representações, balizada por Gil Filho (2005) e Kozel (2005), evidencia também que esta abordagem permite compreender a lógica dos alunos pesquisados num sistema de valores dos grupos sociais, no caso a escola na fronteira, que reflete um dado espaço social e cultural.

⁵ Sobre a percepção ver Merleau-Ponty (1999); Tuan (1980); entre outros.

Ressaltando a importância em destacar enfoques possíveis sobre a representação, elegemos aqui a perspectiva cotidiana escolar, refletindo sobre as dimensões conceituais estabelecidas nesse cotidiano.

As representações provenientes do ambiente escolar não existem dissociadas do processo de leitura que se faz do mundo, que pode estar carregado de individualidades. É nesse aspecto que essa leitura, através das disciplinas escolares, forma-se em conhecimento formal, refletindo assim uma construção coletiva das representações, ou uma (des)construção individual das representações. A escola é palco de uma construção coletiva⁶ das representações.

Os alunos do 3º ano das escolas estaduais de Amambai-MS assumem, então, duas atuações imprescindíveis: a do sujeito individual e a do sujeito social. Nesse sentido, Farr(2003, p.35-36) menciona que “Durkheim fez diferenciação em relação ao estudo das representações sociais e individuais, pois o primeiro estaria para a sociologia enquanto que o outro seria domínio da psicologia”. Distinguindo a interação entre o mundo do indivíduo moldado pelo social e o mundo do indivíduo propriamente dito.

Para Tuan (1980) estes mundos se distinguem apenas tematicamente, pois na experiência estão inter-relacionados. Pode-se dizer assim, que o representar a fronteira constitui-se em uma interação entre o “indivíduo moldado pelo social” e o “indivíduo propriamente dito” que se vincula ao instrumental da percepção e das influências externas.

Mesmo porque segundo Kozel (2010, p. 3), “o processo de desenvolvimento mental passa por etapas que se realizam em função das experiências e do meio onde o indivíduo adquire mais informações que refletem diretamente na percepção”.

A percepção torna-se então um fator decorrente do meio, portanto, para analisar as representações dos alunos torna-se necessário levar em conta as interações e/ou correlações com o meio no qual eles estão inseridos. Este meio se caracteriza aqui como a fronteira “Brasil-Paraguai”, a qual passaremos a evidenciar no capítulo a seguir como a materialidade da fronteira em estudo.

⁶Para Moscovici (2003), corroborando com a idéia exposta, nas sociedades contemporâneas existem duas classes distintas de universos de pensamento, que se ligam entre si: os universos consensuais e os reificados. Esses dois universos atuam simultaneamente, pois a matéria-prima para a construção das realidades consensuais (do senso comum), que são as representações sociais, provém dos universos reificados, onde se produzem e circulam as ciências e o pensamento erudito em geral, o do cientista. É nesse sentido que ratificamos a idéia da escola como palco da construção coletiva das representações.

CAPITULO II

REPRESENTAÇÕES DA FRONTEIRA: OS DIZERES DOS ALUNOS

Com o intuito de evidenciar o meio investigado, procuramos, no início desse capítulo contextualizar a fronteira a ser estudada: Amambai-MS como município de fronteira e ainda analisamos respostas dos alunos, evidenciadas através das questões 01 e 02, fundamentalmente.

2.1 Da materialidade da fronteira em estudo

Como ponto de partida da análise em pauta, consideramos ser importante compreender que a materialidade da fronteira a ser estudada se constitui no município de Amambai-MS, limite do Mato Grosso do Sul com o Paraguai.

Uma ocupação mais antiga desse município foi formada por migrantes gaúchos, no final do século XIX e início do Século XX, quando, segundo Fabrini (1995, p. 46), “buscavam áreas de campos para a prática da pecuária e a atividade ervateira, em áreas de topografia mais elevada na serra de Amambaí”.

Especificamente sobre o município, de acordo com Sobrinho (2009, p. 56):

A partir de 1893, começaram a se formar as primeiras caravanas com destino a Mato Grosso. O sucesso das primeiras famílias que chegaram ao Estado foi decisivo para que outras se aventurassem em uma viagem com data de saída, mas sem prevista para a chegada. (SOBRINHO, 2009, p. 56)

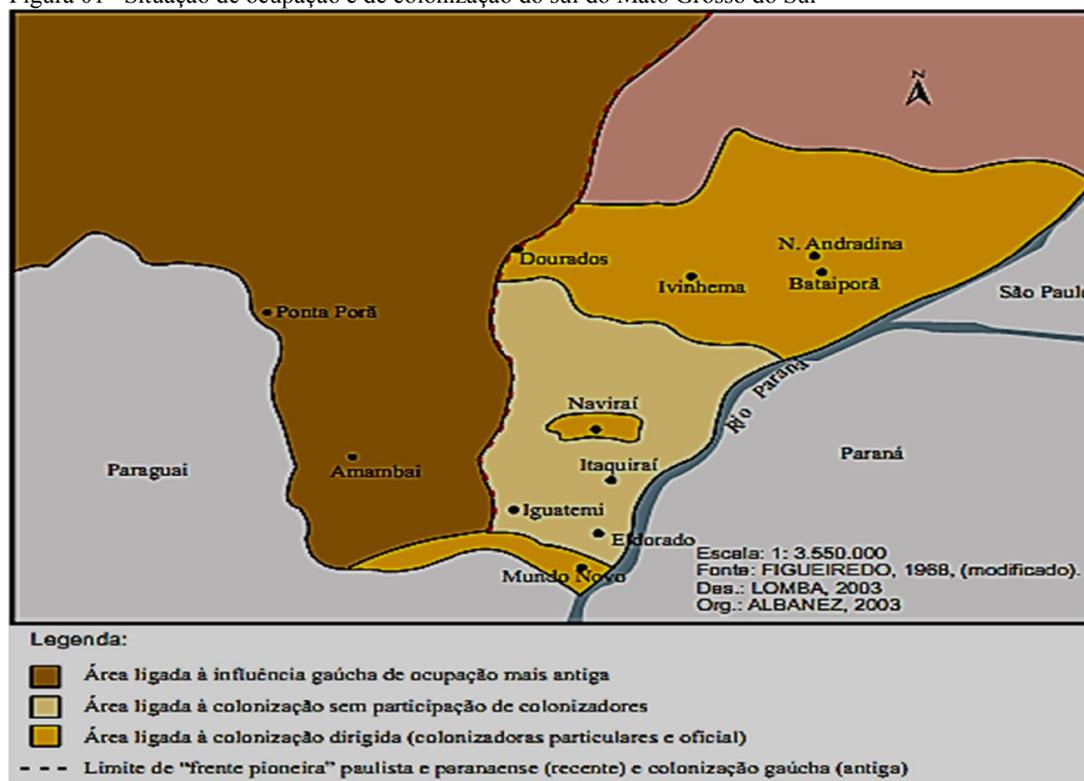
Para Albanez (2003, p.43) o Patrimônio União ou Vila União viria a se tornar Distrito de Paz de Amambai, em 1914, constituindo-se como município originário de Ponta Porã e independente apenas em 28 de setembro de 1948. O município cuja condição de Distrito de Paz Amambai se deu em 1914 carrega desde a origem movimentos importantes de colonização, sendo de imigração e de migração. (ALBANEZ, 2003, p. 43).

Assim, a consolidação de Amambai teria origem fundamentalmente nos movimentos migratórios.

O movimento de imigração refere-se aos paraguaios, que por sua vez, “se adentraram ao território brasileiro por fatores diversos como guerras, perseguições políticas, busca de melhores condições de vida, enfim”. (CHAVES, 2010, p. 282).

O outro movimento, o de migração, identificado por Albanez (2003, p. 68) resulta de diferentes movimentos de mobilização de pessoas (migrantes) em diferentes momentos históricos e que consolidaram a influência gaúcha no município e seu entorno, como bem podemos observar na Figura 01.

Figura 01 – Situação de ocupação e de colonização do sul do Mato Grosso do Sul



Fonte: ALBANEZ, 2003

É possível, ainda, nos referirmos ao período relativo à primeira metade do século XX, com a Companhia Colonizadora Vera Cruz atraindo cafeicultores paulistas, principalmente nas décadas de 1950 e 1960. (BATISTA, 2006).

Paralelo a esse movimento de colonização no Sul do Mato Grosso do Sul os minifúndios e a agricultura familiar, que eram predominantes na Região Sul do país,

passaram a sofrer crise frente ao processo de modernização da agricultura, que exigia grandes áreas para o plantio mecanizado. A condução da cultura e sua colheita também passaram a ser mecanizados. “Neste cenário, os minifúndios tornaram-se um entrave para a expansão do capitalismo”. (BONI, 2010, p. 79).

Atraídos pela possibilidade da posse de terra em proporção bem superior a que possuíam em seus estados de origem, muitos pequenos agricultores venderam suas propriedades no sul ou investiram suas economias na compra de terras em vários municípios do então Mato Grosso.

A história do município de Amambai interpõe-se à dinâmica desses movimentos, constituindo-se, assim, de muitas matrizes culturais: paraguaios, índios, gaúchos e mato-grossenses, inclusive.

Estes movimentos carregados de outros “viveres” e outros “saberes”, se mesclaram e trouxeram várias vertentes ideológicas e culturais, principalmente os gaúchos e paraguaios. No caso dos indígenas é sabido que eles já habitavam essa terra e que a concepção de territorialidade⁷ é diferenciada no que concerne ao uso e sentido desse território, inclusive de fronteira.

A cidade de Amambai e os sujeitos que dela participam são originários desses movimentos de chegada e de movimentos de permanência ou não, como é o caso de indígenas e paraguaios.

O Estado do Mato Grosso do Sul, tem uma extensão de 1517 quilômetros de fronteira. Destes, 386 quilômetros fazem divisa com a Bolívia e 1131 quilômetros com o Paraguai. São 44 (quarenta e quatro⁸) municípios situados na “faixa⁹ de fronteira”, sendo

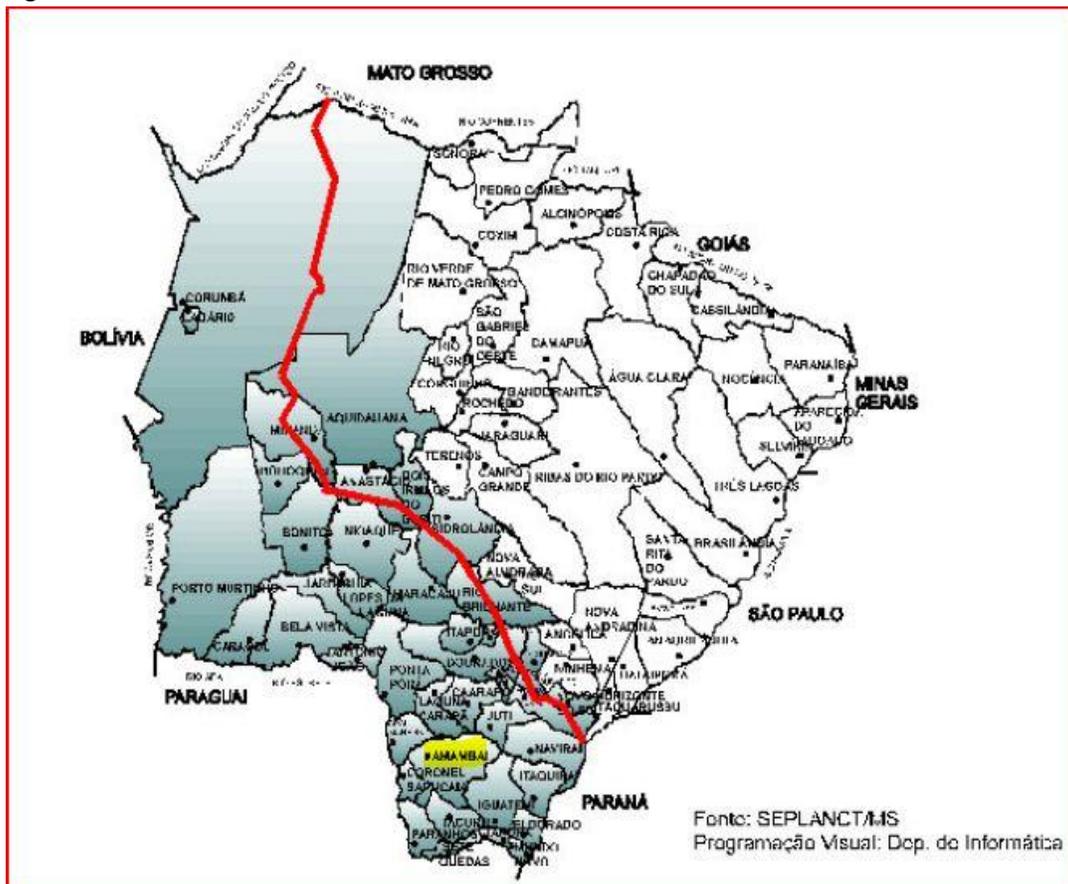
⁷ Para Brand (2001) o indígena concebe o território pela denominação “*Tekoha*”, implicando-se na dimensão simbólica do mesmo, do imaginário e da identidade social sobre esse espaço. “Este é o lugar sagrado onde se concretiza o modo de ser dos guaranis kaiowas. Sem seu tekoha o índio não tem como manter viva as suas tradições e seu modo de viver” (BRAND, 2001 p. 123). Portanto diferenciado da concepção do “branco”.

⁸ Os municípios que compõem a fronteira de Mato Grosso do Sul são estes: Amambai; Anastácio; Antônio João; Aquidauana; Aral Moreira; Bela Vista; Bodoquena; Bonito; Caarapó; Caracol; Coronel Sapucaia; Corumbá; Deodápolis; Dois Irmãos do Buriti; Douradina; Dourados; Eldorado; Fátima do Sul; Glória de Dourados; Guia Lopes da Laguna; Iguatemi; Itaporã; Itaquiraí; Japorã; Jardim; Jateí; Juti; Ladário; Laguna Carapã; Maracaju; Miranda; Mundo Novo; Naviraí; Nioaque; Novo Horizonte do Sul; Paranhos; Ponta Porã; Porto Murtinho; Rio Brillhante; Sete Quedas; Sidrolândia; Tacuru; Taquarussu e Vicentina.

⁹ A faixa de fronteira do Brasil foi definida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, como o limite de 150 km de largura definindo o limite entre diversas diferentes dos países da América do Sul e o Brasil, estabelecida pela Lei nº 6.634/79 e regulamentada pelo Decreto nº 85.064, de 26 de agosto de 1980. A Constituição Federal do Brasil, promulgada em 1988, em seu artigo 20, estabeleceu que “A faixa de até cento e cinquenta quilômetros de largura, ao longo das fronteiras terrestres, designada como faixa de fronteira, é considerada fundamental para defesa do território nacional, e sua ocupação e utilização serão reguladas em lei”.

que destes apenas 12 municípios situam-se na “linha¹⁰ de fronteira”. Vejamos na figura 02 a representação da faixa de fronteira, com destaque para Amambai, no Sul do Estado, município lócus da pesquisa

Figura 02 – Faixa de fronteira de Mato Grosso do Sul



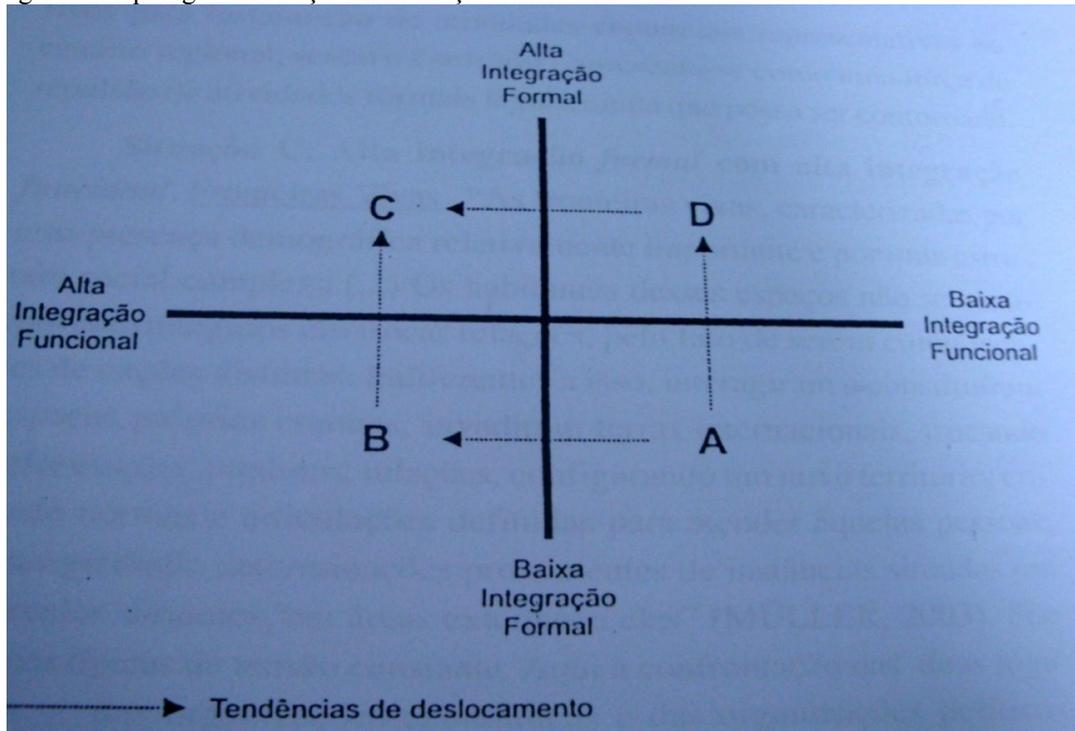
Fonte: Nogueira, 2007 – Modificado por Michenco (2011)

Sobre essa “fronteira” ainda há muito pouco em termos de conhecimento sistematizado. Pode-se citar o trabalho de Oliveira (2005), que analisa as regiões, cidades, empresas e entidades da fronteira sob duas formas de lógica integradora: a integração formal e a integração funcional. Mediante essas duas condições o autor organiza a tipologia de relações fronteiriças do Mato Grosso do Sul.

A Figura 03 representa as diferenças e tipologia entre as localidades, caracterizadas pela presença de integração formal e funcional desenvolvidas pelo autor.

¹⁰ A linha de fronteira é o limite físico natural ou artificial entre dois países estabelecido por tratados internacionais.

Figura 03 Tipologia das relações fronteiriças



Fonte: Oliveira (2005, p. 368)

Apenas para esclarecer o trabalho do autor, sem se aprofundar na análise, a situação A refere-se ao que o autor considera como “fronteira morta”, com destaque para os municípios de Caracol, Aral Moreira e Japorã, “todos com sede muito próxima a linha limite, mas com uma relação quase inexistente com o lado paraguaio” (p. 377); asituação B refere-se ao que o autor considera como “território perigoso” onde se encontra os municípios de Dourados, Naviraí e Amambai. Tais municípios, segundo o autor, são centros sub-regionais, com os dois últimos sob o comando de Dourados (p. 379); asituação C refere-se ao que o autor considera como “fronteiras vivas” e “onde mora o perigo” com destaque para “o pedaço” do território mais ao leste (de Mundo Novo a Coronel Sapucaia), possuindo diferença com a parte mais a oeste, de Bela Vista a Porto Murtinho. (p. 381).

Ainda, para Oliveira (2005, p. 24), os municípios de Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai) configuram-se como “a soma das partes e dinâmica do

território do Tipo C”; asituação D.¹¹ por sua vez, refere-se ao que o autor considera como “fronteira burocrática”, mas sem mencioná-la como realidade da faixa de fronteira do Mato Grosso do Sul.

De forma diferenciada de Oliveira, estudos realizados pelo grupo RETIS¹² (UFRJ) analisam a identidade cultural dos territórios fronteiriços. Ao pesquisar a fronteira sul-mato-grossense com o Paraguai esse grupo acabou por definir tal área como “*Sub-região Cultural Cone Sul-mato-grossense*”. (MACHADO, 2004, p. 63).

A despeito das delimitações apontadas pelos diferentes autores da região fronteiriça em que Amambai está inserida nos propusemos a pensar/analisar a representação da fronteira vivida pelos sujeitos da fronteira.

Certamente afirmamos, nenhuma das delimitações apontadas compõe a base discursiva e/ou de representação da fronteira dos sujeitos analisados, quais sejam, os alunos de 3º ano das escolas de ensino médio da rede pública estadual em Amambai.

Tal análise nos permite compreender as representações de/da fronteira “Brasil-Paraguai”, elaboradas pelos alunos das escolas deste município de fronteira, que de certa forma, seguem as representações que os demais membros da comunidade constroem sobre o “viver a fronteira”.

¹¹ Exemplo claro dessa integração encontramos na tríplice fronteira Brasil (Foz do Iguazu), Paraguai (Ciudad del Este) e Argentina (Puerto Iguazu) onde até se cogita a possibilidade da criação do chamado “Polo Internacional do Iguazu”. “A tentativa de ampliar essa base territorial com o denominado Polo Internacional do Iguazu ainda encontra sérios obstáculos junto às autoridades dos três países, mas é visão estratégica de futuro que isso será oficialmente criado e reconhecido com o passar do tempo”. Artigo Tríplice Fronteira: Uma nova nacionalidade José Afonso de Oliveira. Acessível em: <<http://mozarcostadeoliveira.blogspot.com/>>

¹² O Grupo RETIS de Pesquisa, sob coordenação de Lia Osório Machado, é formado por pesquisadores-doutores, doutorandos, mestres, mestrandos, bolsistas de iniciação científica e de apoio técnico. O grupo atua no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com apoio do CNPq, da FAPERJ e do CEPG/UFRJ.

2.2 Das escolas pesquisadas aos sujeitos: a análise do discurso da fronteira “Brasil-Paraguai”

Segundo dados da Secretaria de Estado de Meio Ambiente, do Planejamento, das Ciências e da Tecnologia – SEMAC (2010), em Amambai funcionam 20 (vinte) escolas públicas. Destas, apenas cinco ofertam o nível médio, que são as escolas estaduais: Agrícola Lino do Amaral Cardinal, Coronel Felipe de Brum, Dom Aquino Corrêa, Fernando Correa da Costa e Vespasiano Martins.

É no ambiente de tais escolas da Rede Estadual de Ensino que focamos a investigação para análise e construção de argumentos que expressam as representações de fronteira, tomando por base os dizeres e desenhos dos alunos que estão em fase de conclusão do ensino médio.

Vale destacar que essas escolas tornam-se campo de confluência de um maior número de indivíduos que “vivem a fronteira”, permitindo, nos enfrentamentos cotidianos, buscar aportes para compreender a representação que os sujeitos (alunos) têm do mundo social (fronteira “Brasil-Paraguai”), além de que, no cotidiano escolar, as representações culturais oriundas do processo de globalização também estão presentes.

Compreendemos que o ambiente escolar seja adequado para o estudo das representações, haja vista a própria escola ser contribuinte na construção da visão de mundo. Assim, vamos trilhando caminhos para compreender as representações da fronteira “Brasil-Paraguai” pelos alunos do 3º ano de ensino médio das Escolas Estaduais do Município de Amambai/MS.

Interessa, portanto, nesse estudo focalizar a experiência objetivo-subjetiva das relações sociais do ponto de vista desses sujeitos.

Os desafios da diversidade, da alteridade também refletem-se na escola. A mesma passa a ser o nosso centro de estudo, pois, além de ser um ambiente plural na sua constituição, também é um dos pilares de sustentação da sociedade contemporânea.

A análise proposta carrega certamente a busca de diálogo e troca como fator de crescimento cultural e enriquecimento mútuo. De um lado, porque pesquisador e sujeitos se interpõem e se imbricam à medida que trabalhamos a representação de fronteira e ao mesmo tempo, vivenciamos a fronteira, como professor, como cidadão.

Por outro lado, porque pensar/fazer a geografia em Amambai, limite com o Paraguai, impõe necessariamente pensar e compreender a fronteira como um fenômeno

complexo, o qual se consolida nas representações, em pensamentos sobre a fronteira e sob a fronteira e que passa pela contravenção, principalmente como demonstram as notícias veiculadas na imprensa local e também que se revela no cotidiano das pessoas permeado por outros fazeres na fronteira.

Analisando o modo de ver, viver e representar a fronteira pelos alunos de nível médio de escolas de Amambai buscamos contribuir com essa discussão, ou seja, compreender a realidade vivida, permeada pela sua representação: a fronteira para quem nela vive. Nesse sentido ainda, contribuir com o debate geográfico, aspectos que ratificam a investigação proposta.

Esta pesquisa foi direcionada ao ensino médio ofertado pelas Escolas públicas de Amambai. Tal delimitação deu-se pela preocupação em trabalhar com um “olhar” já mais crítico e que está apto para o estabelecimento de relações complexas, pela média de idade dos alunos. Da mesma forma isso vale para a condição de alunos de escola pública, compreendendo que existe uma condição de classe sócioeconômica que lhes garante semelhanças e identidades e aspectos objetivos da pesquisa.

Castellar (2006), ao estudar sobre o que se denominou de construtivismo epistemológico piagetiano¹³ e relacionando-o ao ensino de geografia propõe caminhos centrados também na psicologia genética.

Sintetizar tal teoria permite nos apreciar a magnitude de sua potencialidade para a educação, onde a aplicabilidade de conteúdos esquematizada a partir dos estágios de desenvolvimento cognitivos dos indivíduos pode ser arma para a construção do conhecimento geográfico aplicado (p. 44).

É no ensino médio que a geografia assume de vez objetos de atenção da sociedade como fenômenos sócio ambientais, culturais, econômicos, geopolíticos, enfim há nesse nível uma maior aproximação dos resultados e descobertas produzidos no ensino fundamental, o que implica uma análise e compreensão das realidades locais com a dinâmica global. Neste caso, a fronteira, como espaço de vida, de cultura, economicamente

¹³ Para Piaget (1979, p. 16) o construtivismo epistemológico preocupa-se com o que conhecemos e como alcançamos esses conhecimentos. Na epistemologia genética estudam-se os mecanismos e processos que os sujeitos atravessam na passagem dos estados de menor conhecimento aos estados de maior conhecimento. Avaliando-se esses sujeitos pelo grau de conhecimento científico adquirido e compreendido, e não pela quantidade de informações conteudísticas sem significado que possam acumular.

globalizada, que vá além dos aspectos institucionais de delimitação entre países torna-se nosso foco.

É neste momento também que teremos uma ampliação dos domínios cognitivos e conceituais, principalmente no 3º ano do ensino médio, última série desse nível de ensino, que como nos aponta Vygotsky (1989), no processo de formação social da mente, a formulação de conceitos permite ao pensamento emancipar-se de complexidades e a partir de então fazer conexões de ideias e pensamentos.

Considerando isso elaboramos três questões básicas para serem respondidas/representadas pelos alunos. Foram aplicados 109 questionários para 109 alunos, sendo que todos foram respondidos.

As questões aplicadas foram às seguintes:

- 1) O que é fronteira?
- 2) Quando você ouve ou lê a palavra fronteira o que você lembra?
- 3) Ilustre uma imagem do que é fronteira.

Do universo dos questionários obtivemos aqui um total de 327 (trezentas e vinte sete) respostas, haja vista que todos os alunos responderam e que cada questionário continha 03 questões.

Ao analisarmos esse total de respostas tivemos um total de 435 (quatrocentas e trinta e cinco) representações diferenciadas. O que significa dizer que mesmo sendo o número total de questões 327 (trezentas e vinte e sete) não serão apenas 327 (trezentas e vinte e sete) representações, pois vários alunos apresentaram mais de uma representação nas respostas formuladas.

Com esses dados sistematizados, a construção textual é facilitada à medida que qualificamos os dados quantitativos com olhares qualitativos que a análise dos dizeres dos alunos traz. O conjunto nos permitiu sistematizar as ideias dos alunos em quatro grupos de representação

2.3 Sistematizando grupos de representações

Tanto a escola quanto a mídia e o próprio vivenciar a fronteira, cada qual com seu grau de influência, ou no conjunto/entrelace desses três elementos, podem ser considerados elementos de influência na formação das representações sobre a fronteira “Brasil-

Paraguai”, perpassando também pelo campo da subjetividade¹⁴, o que nos permite a seleção de certos elementos ou grupos de “ideários predominantes” ou ainda conjuntos de representações sobre essa fronteira.

Procurando, de certa forma, satisfazer todas as possíveis representações desses alunos e para compreendê-las em suas especificidades, formulamos uma estrutura de agrupamentos com objetivo especificamente didático. Considerando a base discursiva expressa pelos alunos, bem como os desenhos/representações da fronteira vivida por eles, encontramos quatro possibilidades de representações, sendo elas: representação da fronteira como limite territorial; representação da fronteira como palco de uma mobilidade social; representação da fronteira no sentido metafórico e representação da fronteira a partir da ideia da contravenção.

2.3.1 Representações da fronteira como limite territorial

Encontramos entre os alunos uma condição de maioria de ideias que expressam representações da fronteira como limite territorial. Buscamos aqui as representações de fronteira fundadas na acepção que diz respeito ao limite territorial.

Historicamente a fronteira tem esse objetivo geopolítico de delimitação de território, militarmente defendido. Segundo Machado e Steiman (2002, p. 3):

Para o império chinês e o império romano, a fronteira teve o sentido de limite de civilização. Mas se no caso chinês, pelo menos ao norte, ocorreram inúmeras tentativas de cristalizar a fronteira através da construção de rígidas muralhas, no caso romano, estabelecer fronteiras fixas significava limitar a expansão de seus domínios, o que não lhes interessava, donde o longo período que levaram para definir seu sistema de fronteiras.

E ainda, para estas autoras (2002, p. 4):

Há um consenso na literatura de que é com o advento do Estado moderno que a fronteira linear, precisamente delimitada e demarcada, vai se tornar imprescindível, já que para se impor o Estado precisou inicialmente, lançar as bases de sua soberania territorial

¹⁴ O espaço, antes visto como homogêneo, passa a ser interpretado como “espaço vivido pelas experiências humanas, cada ser humano em sua individualidade. Por isso, ressignificam categorias como a “paisagem” e o “lugar” que passam a fazer parte dos debates sobre a objetividade e a subjetividade na geografia” (TUAN, 1983).

Nesse período, então, o sentido de controle e segurança vinham a partir da preservação da fronteira. Poderíamos ainda citar as dificuldades da Alemanha pela condição tardia de articulação territorial como nos aponta Moraes (2005, p. 59):

A especificidade da situação histórica da Alemanha, no início do século XIX, época que se dá a eclosão da Geografia, esta no caráter tardio da penetração das relações capitalistas nesse país. Na verdade, o país não existe enquanto tal, pois ainda não se constituiu como Estado Nacional. A Alemanha de então é um aglomerado de feudos (ducados, principados, reinos) cuja única ligação reside em alguns traços culturais comuns.

Por muito tempo as fronteiras foram tratadas apenas como limite. Para Machado (1998, p. 42), “o limite não está ligado à presença de gente, sendo uma abstração, generalizada na lei nacional, sujeita às leis internacionais, mas distante frequentemente, dos desejos e aspirações dos habitantes da fronteira”. Dessa forma, pode-se dizer que o alcance das pessoas está sujeito às leis internacionais e a possíveis sanções no caso de transgressão desses limites.

No Brasil, segundo Machado e Steiman (2002, p. 15) a preocupação com a fronteira já compareceu na república (lei 601, de 18 de setembro de 1890), com a preocupação de “reservar” terras de fronteira (66 km de faixa) para concessão gratuita. É evidente a preocupação em controle desse território no interesse da soberania e/ou economia.

Para estas autoras (2002, p. 16) “se na constituição de 1891, competia ao congresso nacional adotar o regime conveniente à segurança das fronteiras, a partir de 1934, a tarefa de organizar a polícia e a segurança das fronteiras passa a ser competência apenas da União”.

Dessa forma, é possível dizer que as fronteiras do Brasil passaram a ser vistas como legitimadoras jurídico-políticas do Estado e como áreas de preocupação constante, principalmente, no sentido de ocupar “espaços vazios”. Ao mesmo tempo, para muitos pesquisadores, estas passaram a ser vistas como espaços permeáveis e de trocas culturais passíveis de serem pesquisadas.

Nesse sentido, no Brasil, a fronteira tem sido considerada e pesquisada como área de mobilidade social e/ou de interação. Encontramos nas representações dos alunos do 3º ano do Ensino Médio em Amambai, incidências da fronteira como limite, sem considerá-

las como espaços permeáveis na similaridade sociocultural “do lado de cá” e “do lado de lá”.

2.3.2 Representações da fronteira como palco de uma mobilidade social

Um segundo grupo refere-se às representações da fronteira como “palco de uma mobilidade social”. Procuramos aqui compreender a fronteira como lugar do encontro entre culturas, como lugar que possui seu dado particular, que expressa o *Módus vivendi*, tomando por bases os referenciais subjetivos, ou seja, a fronteira percebida pelos alunos e por bases os referenciais objetivos que compõem a fronteira por eles vivida, como lugar de moradia que implica uma relação de pertencimento e/ou identificação com o lugar.

Para Abinzano (2005) as fronteiras são espaços humanizados constituídos por duas sociedades que habitam ambos os lados de uma linha de fronteira. A maneira como as pessoas interagem marca o limite socioantropológicos desses locais.

Porque las sociedades de frontera poseen una especificidad innegable. Son los agentes sociales quienes construyen su escenario de interacciones dentro de los límites fijados objetivamente por sus especializaciones productivas y laborales y por muchos otros factores que combinan determinaciones locales, regionales mas amplias, nacionales e incluso internacionales de gran escala (ABINZANO, 2005, P. 115)

Alguns autores, a partir de diferentes pressupostos teóricos, têm contribuído para a compreensão das áreas fronteiriças como espaços de “cultura de fronteira”. Destacamos aqui o trabalho de Cardia (2009) que analisou entre os anos de 2006 e 2008 na fronteira Brasil (Assis Brasil no Estado do Acre), Peru (Iñapar na região de Madre de Dios) e Bolívia (Bolpebra no departamento de Pando) aspectos emendados entre transformação do espaço, culturas de fronteira e diversidades culturais. Tais aspectos também apareceram nas representações dos alunos do 3º ano do Ensino Médio em Amambai, evidenciando, também à fronteira “Brasil-Paraguai” como palco de uma mobilidade social.

Para Nogueira (2007, p. 33), autor que analisa a fronteira em uma vertente intercultural, “a existência ou não de interação entre as sociedades fronteiriças é resultado da história de relacionamento entre elas, da relação de dependência mútua, da porosidade para o movimento e também das relações bilaterais entre os Estados”.

Entendemos, como o autor, que a análise na fronteira “Brasil-Paraguai” também perpassa as relações entre os dois lados e que nessa vertente encontramos nas representações dos alunos elementos que ratificam tais relações. A fronteira assim é vista como o lugar onde as diferenças se evidenciam e são geradoras de conflitos culturais e sociais. Por outro lado, é na fronteira que as distâncias também se estreitam e as diferenças passam por um processo de reelaboração. Nessa linha de pensamento Farret (1997, p. 107) assim se expressa:

As comunidades, operando com o conceito de fronteira como *contato* mais do que como *limite*, geram, entre elas, processos interativos, onde confluem uma diversidade de fatores econômicos, sociais e, com frequência, de conflitos próprios de espaços transfronteiriços.

Nesse sentido, buscamos nas representações dos alunos incidências da fronteira como áreas de mobilidade social e/ou de interação considerando-as como espaços permeáveis na similaridade sociocultural “do lado de cá” e “do lado de lá”, esvaziando assim a ideia de limite e constituindo-se como ideia de “lugar”.

Para tanto, nos amparamos em Kozel (2006, p.57):

Quando optamos por trabalhar com um determinado conceito estabelecemos a dimensão desse olhar. Por exemplo: o conceito de território permite uma análise do político, o conceito de região aponta para o econômico e o cultural, a paisagem para a compreensão de natureza e cultura, o lugar reflete a subjetividade humana. Os exemplos nos indicam a pertinência do que fundamenta a análise geográfica, ou seja, a relação sociedade natureza, embora nem sempre compreendida, pois os diferentes filtros proporcionam olhares e significados diferenciados.

Portanto, todos os dizeres e desenhos, minuciosamente analisados, apontam, nas representações dos alunos, subjetividades internalizadas, satisfazendo assim a “dimensão do olhar” para o conceito de “lugar”, conforme sinaliza Kozel.

Sejam estas subjetividades nos aspectos econômicos (principalmente com o comércio na fronteira “Brasil-Paraguai”), seja nos aspectos culturais (principalmente nas diferentes etnias presentes na fronteira “Brasil-Paraguai”) ou em outros aspectos, estas serão consideradas.

Por fim, destacamos que compreender esse grupo se faz necessário, pois a “porosidade e permeabilidade” das áreas de fronteiras convergem formas singulares de apropriação, seja das tradições ou dos saberes.

2.3.3 Representações da fronteira no sentido metafórico

O terceiro grupo é aquele das representações da fronteira no sentido metafórico que nos permite compreender diversos sentidos figurados de fronteira: fronteiras culturais, de diferenças socioeconômicas, fronteiras amorosas, entre outros. Certamente as fronteiras apontadas podem ter uma significação da “fronteira para os sujeitos” que as representam, mas também isso não é necessariamente assim. É o que nos aponta Castrogiovanni e Gastal (2006, p. 6) sobre a fronteira metafórica: “ela em geral dar-se-á de forma difusa, seus limites constituídos em sutis barreiras sociais e culturais, mas nem por isso, menos impositivas”.

Para os autores um exemplo claro é a relação entre as galerias de arte e o público. O olhar para a obra e uma direta relação não é uma condição de ter ou não sensibilidade, mas é certamente uma questão cultural, ou como nos aponta os autores: “embora com portas franqueadas ao público, raramente estas serão transpostas por não iniciados” (id., *ibid.*, p. 6).

O interesse dessa discussão no trabalho não é geográfico em si pela compreensão da relação “entre lugares”. Não nos referimos a *um lócus*, mas sim à representação de fronteira desses alunos enquanto conceito para “além do geográfico”.

Além do significado geográfico, a “fronteira” é também um conteúdo figurado, especialmente, quando se refere a diferentes campos do conhecimento existindo assim fronteiras psicológicas, fronteiras do pensamento, da ciência, da linguagem etc.

Para Melo (1997, p. 68-69) “ao lado das fronteiras materiais, identificáveis nos mapas, há também as fronteiras simbólicas resultantes de um processo de construção de determinado imaginário social”. Portanto, não é possível atrelar as representações dos alunos a processos de críticas da sociedade, porque a imagem representa muitas vezes, mais do que o autor pensou, porque tem também o olhar de quem vê.

Dessa forma, a ideia de fronteira permite reflexões conceituais acerca de seus simbolismos. Na análise de Albuquerque (2010), a noção de fronteira no mundo contemporâneo adquire vários sentidos, tais como delimitações de territórios ou como metáforas da vida social. Para o autor “há, de fato, uma inflação do uso do termo fronteira para as mais distintas situações sociais e culturais nas ciências sociais contemporâneas”. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 33).

Neste trabalho pudemos também encontrar as representações metafóricas de fronteira nos desenhos dos alunos. Ao serem chamados a exporem, através do desenho o entendimento da fronteira “Brasil-Paraguai”, os alunos se colocaram também de forma metafórica.

2.3.4 Representações da fronteira como palco da contravenção

O quarto e último grupo refere-se às representações da fronteira a partir da ideia da contravenção. Encontramos representações que expressam o *Módus Vivendi* a partir da ideia do contrabando, da rota de fuga, bem como a saída ou entrada daqueles que infringem a lei e a ordem “dos dois lados”, o que também é uma representação da fronteira como palco de certa mobilidade social, contudo, as imagens fortalecem a condição de ilegalidade como foco.

Para Bourdieu (2000, p. 24) “geralmente as pessoas decodificam a fronteira por posturas paradoxais, resignando-as ou sendo submissas a essas”. Tal análise em Bourdieu ratifica a necessidade de compreender a temática da contravenção, haja vista que está circunstanciada em ressignações/submissões, principalmente quando a mídia torna-se um dos principais fatores de influência na construção das representações.

Focalizando a mídia como edificadora de representações, observamos nos desenhos dos alunos do 3º ano do ensino médio das escolas estaduais de Amambai esse caráter de ilicitude da fronteira “Brasil-Paraguai”. O estigma de contravenção dessa fronteira foi também identificado por Pereira (2003) que ao apresentar as características da fronteira “Brasil-Paraguai” esclarece que: “a fronteira como lugar de barbárie é produto da imagem construída pelo grande centro e muitas vezes ratificada por reportagens da mídia nacional”. (PEREIRA, 2003, p. 141). A mídia, por sua vez, passa a desempenhar, então, um papel preponderante no sentido de reforçar essa ideia da contravenção.

Avançando neste posicionamento e com relação às dimensões que podem ser enfocadas para a compreensão da mídia entrelaçada com o cotidiano, pudemos observar os processos midiáticos desenvolvidos em abrangência local, onde as considerações buscam constituir uma base para investigar quais são as práticas comunicacionais em uma comunidade distinta, a fronteira. A preocupação ao apresentar esses processos midiáticos é de poder identificar quais destes mecanismos midiáticos são acionados pelos grupos do lugar, ou seja, da cidade de Amambai, a qual se encontra na faixa de fronteira entre Brasil

e Paraguai. É neste contexto que os sentimentos, as manifestações de tensão, conflitos e os comportamentos nos processos sociais ali deflagrados são veiculados pela mídia local.

No caso específico estudado, partimos do princípio de que a mídia também se configura em um construtor das representações da fronteira “Brasil-Paraguai” como palco da contravenção, pois além da produção das notícias estritamente locais, ou seja, da cidade de Amambai, estas se dão também a partir da “permeabilidade da fronteira”, atravessando os relacionamentos, nos quais se faz presente a internacionalidade da vida local, fator existencial no espaço fronteiriço.

Dessa forma, compreendemos que esses processos midiáticos configurados em extensão local permeiam as representações dos alunos, haja vista a grande quantidade de desenhos produzidos que levam ao sentido da contravenção.

2.4 Analisando grupos de representações

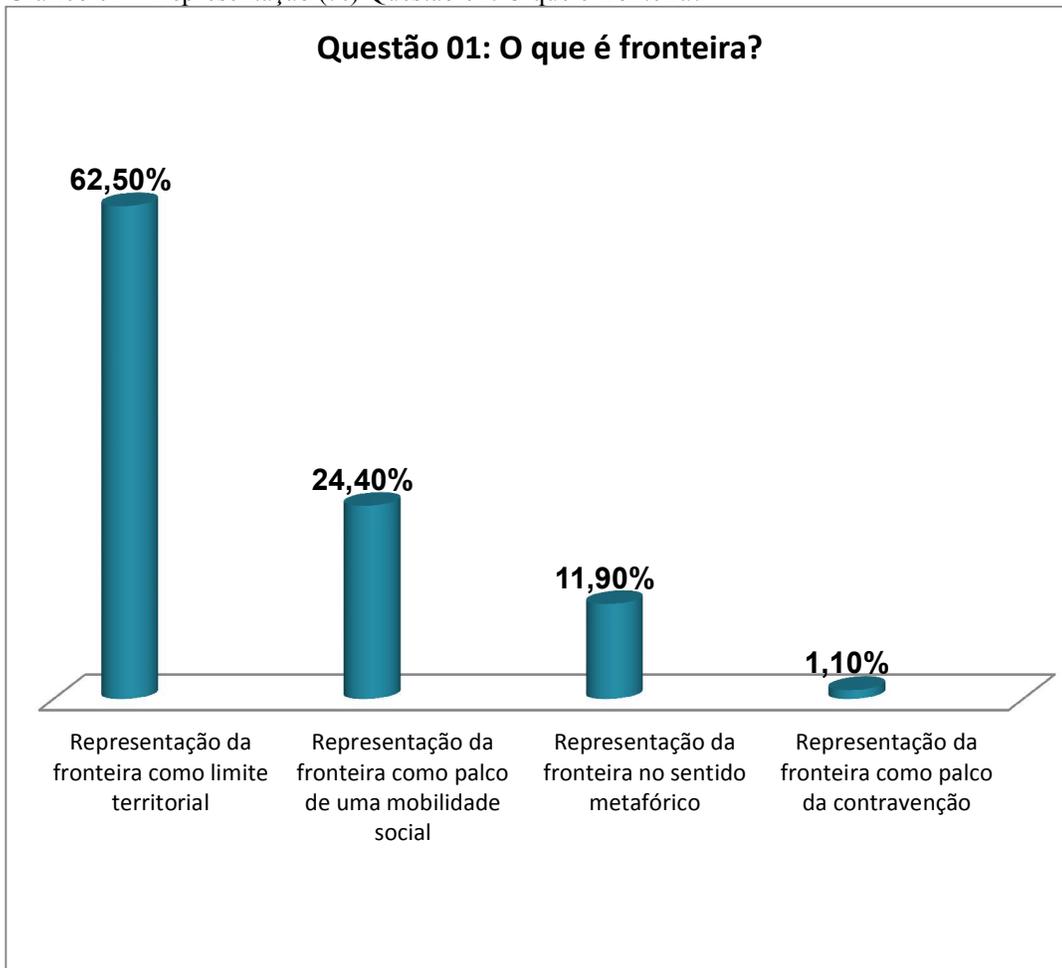
Ao contabilizarmos o percentual de respostas da Questão 01 tivemos um total de 168 (cento e sessenta e oito) representações em 109 (cento e nove) questões.

Veamos os resultados obtidos:

- Representação da fronteira como territorial, apareceu 105 (cento e cinco) vezes, ou seja, 62,5 % do total de 168 (cento e sessenta e oito).
- Representação da fronteira como palco de uma mobilidade social, apareceu 41 (quarenta e uma) vez, ou seja, 24,4% do total de 168 (cento e sessenta e oito)
- Representação da fronteira no sentido metafórico, apareceu 20 (vinte) vezes, ou seja, 11,9% do total de 168 (cento e sessenta e oito)
- Representação da fronteira como palco da contravenção, do tráfico de drogas, contrabando de armas, roubo de carros, apareceu 02 (duas) vezes, ou seja, 1,1 % do total de 168 (cento e sessenta e oito).

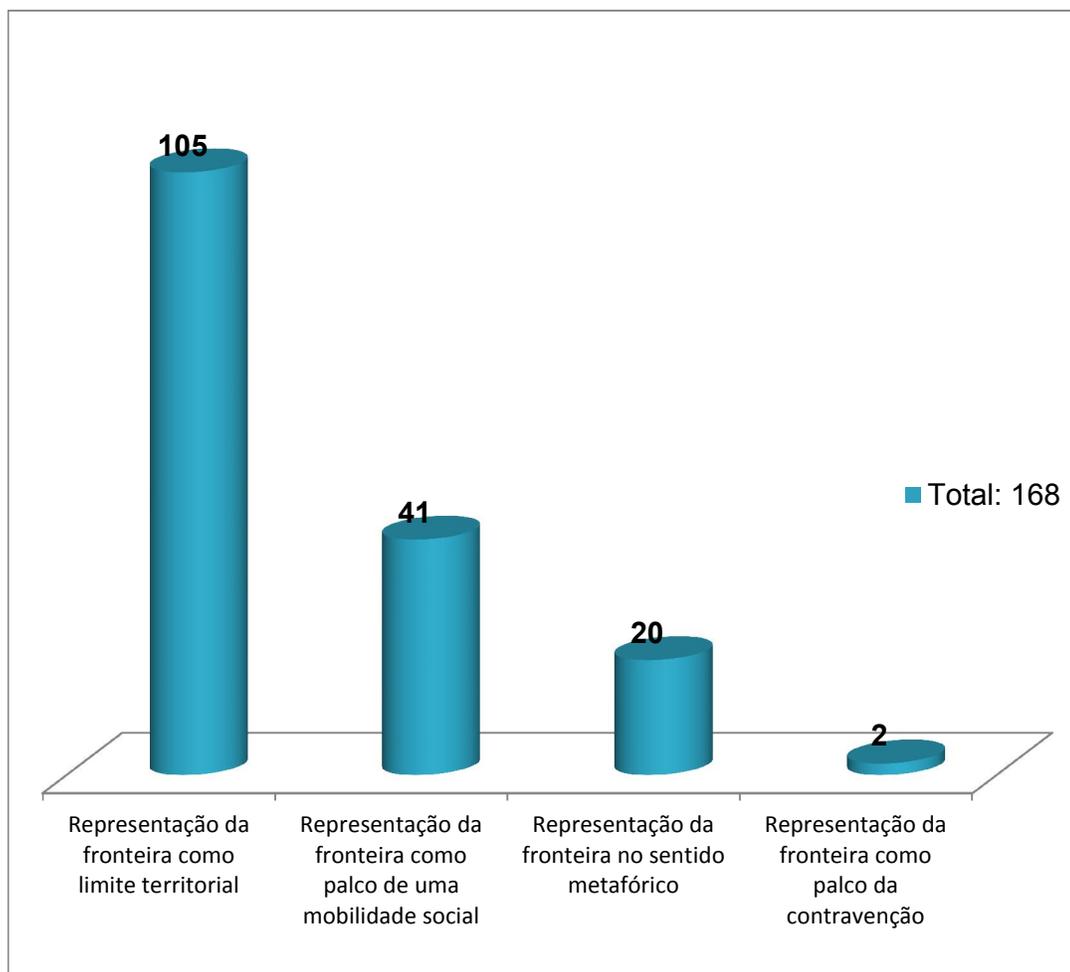
Tais resultados evidenciamos melhor nos gráficos 01 e 02:

Gráfico 01 – Representação (%) Questão 01: O que é fronteira?



Fonte: Questionário aplicado aos alunos do 3º ano do ensino médio das escolas estaduais de Amambai - ano 2010 (Org.) Michenco 2010

Gráfico 02 – Representação (números absolutos). Questão 01



Fonte: Questionário aplicado aos alunos do 3º ano do ensino médio das escolas estaduais de Amambai - ano 2010 (Org.) Michenco, 2010

Observa-se nos gráficos o predomínio da representação da fronteira como limite territorial, a partir da incorporação das ideias de linha demarcatória, divisão política administrativa entre países, Estados ou Municípios.

Vejamos algumas falas de alunos:

“Um limite entre territórios, cidades, estados ou nações. Pode ser um rio ou qualquer outra coisa...” (Aluno 01) – Grifo nosso

“É o limite entre dois países, é onde termina um país e começa o outro, exemplo Brasil e Paraguai...” (Aluno 02)

“É uma linha que divide que separa um país do outro...” (Aluno 03)

“Limitação de território, espaço, área, marcação de onde até você possa ir, ou ultrapassar a fronteira...” (Aluno 04)

Para o aluno 01 a fronteira está relacionada também aos aspectos da natureza, numa perspectiva de sua existência física, estabelecendo os limites demarcatórios, acompanhada por um elemento da natureza, como um rio, um mar ou uma montanha.

Os alunos 02 e 03 enfocam diretamente essa representação da fronteira como limite, usando palavras como “termina”, “começa”, “divide”, “separa” as quais se apresentam e dão esse sentido de linha demarcatória. Já para o aluno 04 a fronteira também vai partir do limite, mas focalizando a jurisdição entre as nações, onde, conforme este, “até ali se pode ir”.

Nas respostas dos alunos também encontramos expressões diretas sobre o *Módus vivendi* a partir da ideia da fronteira como palco de uma mobilidade social, como lugar do encontro entre culturas.

“Fronteira não é apenas uma linha imaginária que define o espaço geográfico de um estado ou país, é muito mais além disso. Para mim que estou na fronteira Brasil/Paraguai a muitos anos, considero como um choque de culturas, um lugar onde podemos aprender com os vizinhos e também ensinar...” (Aluno 05, *Grifo nosso*)

“Pode ser uma linha imaginária, dividindo um espaço, área, cultura, costumes, onde podemos explorá-las conhecendo, criando, mudando, adicionando. Há um velho ditado. “O mundão sem fronteira”. Ou seja, podemos com os meios que temos explorar qualquer lugar...” (Aluno 06, *Grifo nosso*)

“Fronteira não é apenas limite de países diferentes. Na fronteira praticamente existe uma só cultura, oriunda de dois países, a junção de duas constituições da forma de vida da população fronteiriça. Um exemplo que mostra a existência de um ser fronteiriço é o meu avô que possui nacionalidade brasileira, porém torcerá para o Paraguai na copa do mundo...” (Aluno 07, *Grifo nosso*)

É possível perceber que para o aluno 05 fronteira é um “choque de culturas” e referindo-se diretamente ao lócus (“Brasil/Paraguai”) traz consigo uma fronteira representada pela troca de informação/aprendizagem, analisando de forma mais profunda as complexidades da vida social nessa fronteira, voltando-se para as necessidades de entendimento dos diversos grupos sociais que lá habitam: indígenas, paraguaios: o encontro de identidades que formam o “hibridismo”¹⁵ presente nas relações e nas práticas

¹⁵ Albuquerque (2010, p. 48) sobre as fronteiras como lugares do hibridismo cultural nos informa que “o hibridismo e a diferença cultural aparecem para muitos autores como uma forma de luta teórica e política diante dos discursos homogêneos da nação. Entretanto no debate específico sobre as fronteiras nacionais como espaços híbridos esta dimensão crítica dos estudos pós-coloniais perde força e o que vem para o primeiro plano é um vago e normativo discurso da integração dos espaços entre as nações”.

sociais ocorridas nessa fronteira, admitindo a existência do outro, da diferença, da alteridade, nos aproximando da ideia de “entre lugar” de Homi K. Bhabha (1995).

O aluno 06 descreve a fronteira como “linha imaginária” que pode ser transgredida, explorada, transitada. Na perspectiva da historiografia sobre fronteira esta análise pode estar atrelada ao conceito de *fronteira em movimento*, de frentes de expansão, de ocupação dos “espaços vazios”, questionando a fronteira estática, fixa, sem movimento e refletindo sobre o avanço do capitalismo sobre regiões promissoras, como o norte do Brasil, por exemplo.

Para o aluno 07 o conceito de fronteira está construído de forma bem complexa, pois há uma representação ou referência à ideia de contato entre cultura que idealiza até mesmo um “ser fronteiriço”. Nesse caso percebemos que independentemente da nacionalidade cria-se um sentimento do “Ser da fronteira”, o que significa ser de algum lugar para além das jurisdições de ambas as nações, o que implica, também, uma relação de pertencimento e/ou identificação com o lugar.

Levando em conta que lugar é um conceito próprio da geografia e que este pode ser marcado por uma afetividade manifestada, tanto no que diz respeito ao gostar dos lugares como à movimentação espacial, podemos dizer que o aluno 07 concebe o espaço geográfico na dimensão do lugar, do espaço vivido (fronteira “Brasil-Paraguai”). Seria a fronteira então um lugar? Para Santos (1999, p.258):

O lugar é o quadro de uma referência pragmática de mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

Questionamentos como esse nos fazem pensar também que, embora o mundo globalizado se apresente como um mundo sem fronteira, as fronteiras que separam os sujeitos estão cada vez mais fortes, ainda que no imaginário, pois as discussões sobre gênero, etnia, identidade e unificação se fazem cada vez mais relevantes. Os conflitos existem e a globalização acentuou o distanciamento humano. Não obstante, aparentemente estejamos próximos de tudo e de todos por meio dos meios de comunicação, este distanciamento tem se acentuado.

Por outro lado tal mundo globalizado subsidia reflexões sobre aspectos relacionados à diversidade, a diferença e a identidade, o que nos ajuda perceber que a

sociedade atual possibilita uma multiplicidade de identidades podendo aproximar uns aos outros diminuindo a resistência do que é diferente. Para Del'Olmo (2008, p. 78) “a globalização como verificado, não é intrinsecamente má, nem manifestamente positiva. Trata-se de fenômeno amplo, que requer acurado estudo, profunda reflexão, que necessita ser analisado sob ópticas diversas”.

Todos esses elementos imbuídos nos indivíduos que habitam a fronteira compõem a forma de representar o seu próprio lugar de vivência, neste caso a fronteira. Estas representações, concebidas por esses indivíduos, por sua vez, podem não ser imparciais, bem como podem produzir também táticas e práticas tendentes a impor uma autoridade, e mesmo a legitimar preferências. Para Chartier (1988, p. 17):

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.

Portanto, as representações sociais podem também revelar uma realidade social, bem como compreender os mecanismos que os diferentes grupos impõem nesse mundo social.

Ainda na Questão 01 notamos que quando o aluno procura definir fronteira, através de alguma expressão do seu cotidiano, o espaço de fronteira vincula-se também à ideia da contravenção, principalmente referindo-se diretamente à fronteira entre Brasil e Paraguai.

Vejamos então algumas transcrições que representam essa ideia:

“É uma linha que divide duas regiões, como exemplo, Brasil e Paraguai. Moro na cidade de Coronel Sapucaia divisa com CapitanBado, a realidade entre as regiões são bastante distintas, como a linguagem, de um lado é o guarany e o espanhol e do outro o português. Sistema de votos, o governo, entre outras são todos diferentes. A criminalidade também é um pouco elevada, por exemplo, tudo depende do tráfico, quando esta bom a cidade é tranquila; quando o tráfico esta ruim a cidade vira um inferno. Mais é importante destacar que criminalidade só acontece com quem esta no mundo da criminalidade, não acontece coisa ruim com gente inocente...” (Aluno 08, *grifo nosso*)

“Fronteira é o lugar onde se divide dois países, ou Estados, mostram suas belezas, mas também há vários problemas para ser combatidos...” (Aluno 09)

A construção e a reconstrução do espaço são resultados da ação da sociedade sobre quaisquer territórios e essa sociedade, ajustada em regras de convívio social, por vez, no cotidiano também é pautada por transgressões. A fronteira, por sua vez, provavelmente devido à sua “permeabilidade”, está mais suscetível, em relação a outras regiões, às transgressões dessas regras, apresentando parâmetros de relações sociais, políticas, econômicas e culturais, muitas vezes pautadas na ideia de que há uma normalidade no “ser contraventor”.

O entendimento do aluno 08 é que, na fronteira “Brasil-Paraguai” existem certas regras empreendidas a partir de uma ética de convívio que faz a contravenção ser idealizada como normalidade. Esta ética estabelecida entre os próprios indivíduos pode ser observada quando, por exemplo, este aluno expõe a ideia de que “quanto melhor para a contravenção mais tranquila fica a cidade” ou que “a criminalidade só acontece com quem está no mundo do crime”. Nesses dizeres, vemos a ideia da “normalidade” da contravenção.

Percebe-se que para o aluno 09 essa área não é calcada somente na ideia da contravenção, existindo sim as contradições/transgressões e “os problemas a ser combatidos”, mas que a fronteira “Brasil-Paraguai” não é passível de ser analisada de forma generalizada somente por essa ideia, pois existem sim “suas belezas”.

Por final, nessa Questão 01 observamos também a representação de fronteira no seu sentido metafórico que transpõe o sentido convencional e divisionista de fronteira. Vejamos a seguir algumas transcrições que retratam tais representações:

“É o limite que há entre coisas distintas, seja um país, um estado, uma cidade. A fronteira serve para separar uma coisa da outra. Ela é o máximo que você pode estar ou aguentar de um país ou sentimento...”
– (Aluno 10, *grifo nosso*).

“Existem dois tipos de fronteiras, a física e a mental. A fronteira mental é a mais forte, dificilmente pode ser destruída ou transformada, ela limita espaço entre crenças, cores e costumes de maneira racista. Já a física, separa humanos de humanos para abrir caminhos para possíveis confrontos caso esta seja violada...” (Aluno 11)

“Fronteira é a divisão de um país ou de algo (problema). Existe também a fronteira religiosa que divide religiões diferentes. Fronteira é como uma divisa...” (Aluno 12, *grifos nosso*).

“É uma linha imaginária que divide duas coisas extremas. Ex: um país do outro, o dinheiro também por exemplo é uma fronteira entre um

rico e um pobre. Entre pessoas também pode haver uma fronteira, pode ser de intimidar, de confiança etc...” (Aluno 13, *grifos nosso*).

Fronteira Barreira, divisão, linha imaginária que divide: povos, crenças, etnias, costumes, poder aquisitivo, linguagem, classes sociais, territórios, leis... Bem ou Mal; o Céu e o Inferno tudo isso é fronteira... (Aluno 14, *grifos no original*)

O aluno 10, referenciando o “estar” ou “aguentar” relaciona fronteira com limite de “ir até ali” ou “poder ir só até ali”, referenciando a jurisdição entre países. Ao referenciar “aguentar” relaciona fronteira a sentimento, à condição de quanto conseguimos aguentar, resistir, qual o nosso limite substancial entre a razão e a emoção? Até onde é razão e até onde é emoção? Para o aluno, então, há uma “fronteira do sentimento”, nesta há um limite, que é o sentido metafórico de fronteira, mesmo sendo limite.

Para o aluno 11 há dois tipos de fronteiras, sendo elas: a fronteira mental e a fronteira física.

A primeira, elucubrada por ele, está relacionada a aspectos humanos, nos quais crenças, cores e costumes, muitas vezes vividos de maneira “racista” dificilmente podem ser “destruída ou “transformada”, existindo assim uma barreira psicológica nos indivíduos. Aqui está o sentido metafórico de fronteira, a barreira.

A fronteira física, por sua vez, é representada por ele no sentido jurídico da não violação da fronteira enquanto limite entre nações, podendo ocorrer “confrontos”, caso seja violada.

O aluno 12 também relaciona a fronteira a aspectos humanos, referindo-se diretamente à “fronteira religiosa”. A fronteira metafórica aqui é a divisão entre religiões.

Para o aluno 13 há na sociedade fronteiras sociais, “entre o rico e o pobre” e fronteiras entre os próprios indivíduos da sociedade, no sentido de se relacionarem uns com os outros, podendo ser a “intimidação” uma fronteira entre sujeitos e a “confiança”, a transposição dessa fronteira entre sujeitos.

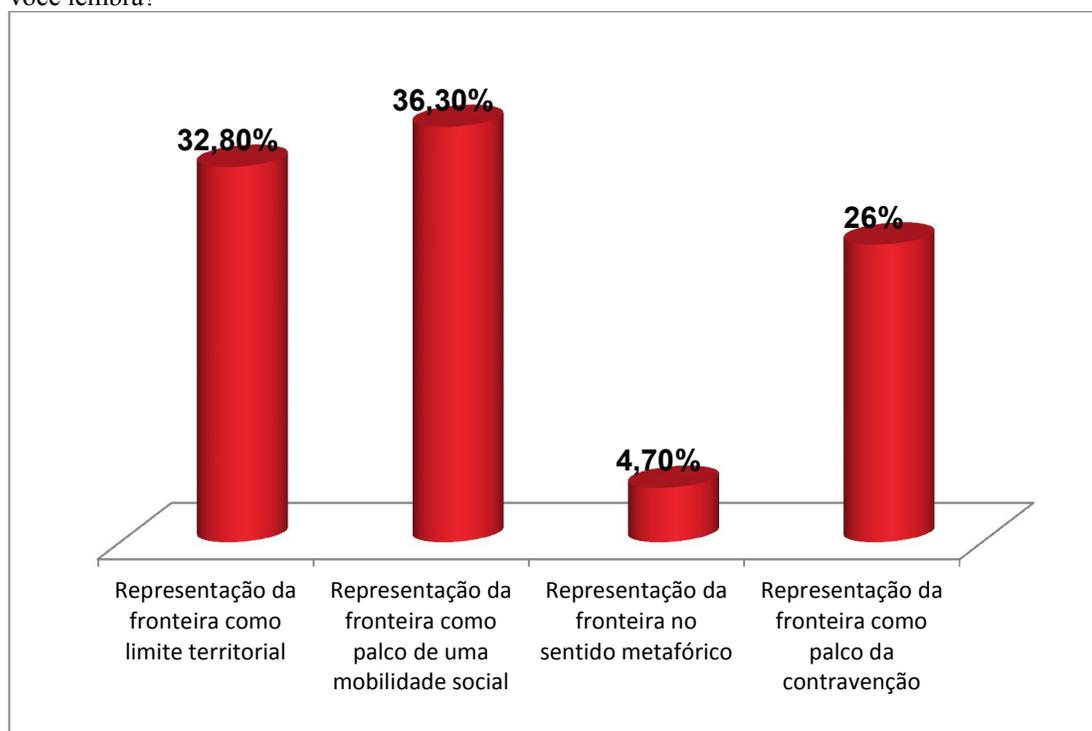
Por sua vez, o aluno 14 resume bem o sentido de fronteira metafórica, organizando povos, crenças, etnias, costumes, poder aquisitivo, linguagem, classes sociais, territórios, leis, o bem e o mal, o céu e o inferno como limites que fazem parte do concreto e do abstrato.

Ao contabilizarmos o percentual de respostas somente da Questão 02 tivemos um total de 146 (cento e quarenta e seis) representações em 109 (cento e nove) questões perfazendo os seguintes resultados:

- Representação da fronteira como limite territorial, apareceu 48 (quarenta e oito) vezes, ou seja, 32,80 % do total de 146 (cento e quarenta e seis) representações.
- Representação da fronteira como palco de uma mobilidade social, apareceu 53 (cinquenta e três) vezes, ou seja, 36,30% do total de 146 (cento e quarenta e seis) representações.
- Representação da fronteira no sentido metafórico, apareceu 07 (sete) vezes, ou seja, 4,70% do total de 146 (cento e quarenta e seis) representações.
- Representação da fronteira como palco da contravenção, apareceu 38 (trinta e oito) vezes, ou seja, 26 % do total de 146 (cento e quarenta e seis).

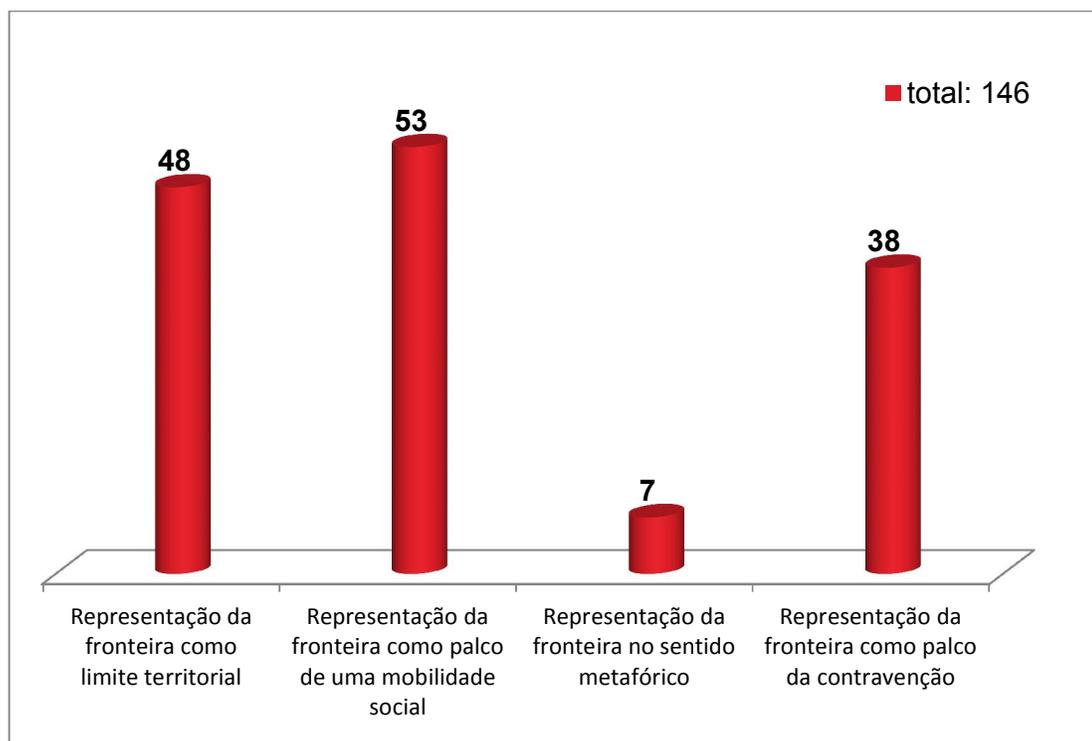
Tais informações expressamos nos gráficos 03 e 04:

Gráfico 03 – Representação (%) Questão 02: Quando você ouve ou lê a palavra fronteira o que você lembra?



Fonte: Questionário aplicado aos alunos do 3º ano do ensino médio das escolas estaduais de Amambai - ano 2010 (Org.) Michenco 2010

Gráfico 04 – Representação (números absolutos). Questão 02



Fonte: Questionário aplicado aos alunos do 3º ano do ensino médio das escolas estaduais de Amambai - ano 2010 (Org.) Michenco, 2010

Analisando tal questão tivemos o predomínio da representação da fronteira como palco de uma mobilidade social, focando o *Módus vivendi* a partir da ideia da fronteira como lugar do encontro entre culturas. O que acabou por nos surpreender, pois se acreditava aqui numa hegemonia da representação da fronteira como palco da contravenção, haja vista esta ser predominante nos meios de comunicação. Certamente isso é uma análise importante.

Analisamos a seguir algumas transcrições que se referem diretamente a tal representação:

“Lembro da nossa região com relação ao Paraguay e o Brasil, pois convivemos felizes. Até é normal ir para o Paraguay, como se fosse uma cidade qualquer, mas depois nos lembramos que já é outro país, é tão estranho...” (Aluno 15)

“Lembro-me da cultura estrangeira que se misturou com a nossa! bailes, culinária, ou seja, “Chipas”, os costumes, o modo como se fala...” (Aluno 16)

“Coronel Sapucaia, Aral Moreira, Ponta Porã, Paranhos etc...” (Aluno 17)

“Paraguai e Brasil em Ponta Porã...” (Aluno 18)

Percebe-se no comentário do aluno 15 que ele faz uma articulação da fronteira geográfica com o sentimento do estar em outro país onde este espaço se configura como permeável e se naturaliza como único, fugindo às normas e sanções do limite jurídico entre as duas nações, regidas por normas do direito internacional público, atos internacionais, acordos e tratados bilaterais.

Já o aluno 16 define em seu comentário uma cultura da fronteira, principalmente quando se refere a “mistura” que acabou por gerar aspectos culturais peculiares, como as festas ou “bailes”, a culinária com a “Chipa”¹⁶ e o “modo como se fala”.

Esse “modo como se fala” pode ser marcado como traços especiais, de natureza fonética e léxica realizada a partir do contato entre os habitantes tradicionais presentes, no caso analisado, os indígenas e os outros sotaques, advindos dos movimentos migratórios já supramencionados neste capítulo.

É possível elaborar um vasto inventário dos fatos linguísticos comuns e característicos da região, o que daria outra investigação científica, portanto citaremos apenas alguns deles a título de ilustração¹⁷:

“Borracho” – Que diz respeito a aquele que está em estado de embriaguez

“Bugre” – termo utilizado de maneira preconceituosa contra os indígenas

“É num sapoite” – Advindo da língua guarani significa “é rápido”

“Me négo” ou “me néguinho” – Sujeito de má índole ou envolvido com o tráfico de drogas

“Pé de Chipa” – Vocábulo comum na região que diz respeito a aquele que tem pouca habilidade no jogar futebol

“Porã de luxo” – palavra utilizada cotidianamente no cumprimento entre as pessoas. “Porã” é advinda da língua guarani e significa “bonito” ou no cumprimentar “bom”, acrescida de luxo, que pode significar, então, “muito bom”

Essa condição ratifica a pesquisa à medida que os alunos mostram, na liberdade de se expressar sobre a palavra fronteira, a demonstração de perceber a mobilidade e até a interculturalidade que é própria do que “mistura” ainda que também transpareça a forte vertente naquilo que “separa”, também uma representação significativa

¹⁶ A chipa é uma espécie de bolo feito com polvilho, manteiga e queijo

¹⁷ Os enunciados tomados como exemplos são realizações isoladas, anotadas em situações naturais de interação social.

Para Kozel (2010, p. 08):

Todas as atividades humanas, por mais diversificadas que sejam, estarão sempre vinculadas a um tipo de linguagem. Quando se utiliza uma determinada forma de linguagem, se constroem enunciados próprios e únicos, emanados pelos seus integrantes.

A Região Sul – Fronteira, do Estado do Mato Grosso do Sul, principalmente os municípios da linha¹⁸ de fronteira, aparecem implícitos nas representações dos alunos 17 e 18, para os quais a fronteira não é o limite, mas a cidade, o lócus, o aqui conhecido e reconhecido por eles, o palco da mobilidade social, o lugar, enfim.

As leis estabelecidas no Brasil e no Paraguai são diferentes. Assim como o direito, a moeda, a língua. Aparentemente tudo muito claro, uns paraguaios e outros brasileiros. Contudo, ainda que até mesmo traços físicos, língua, hábitos possam identificar um e outro há uma condição que é comum ao “cidadão” paraguaio e ao “cidadão amambaiense, sul mato-grossense e/ou brasileiro: ambos são “sujeitos da fronteira”. E o que está posto enquanto condição identitária é que assemelham-se e se diferenciam, ao mesmo tempo.

Para melhor visualizar estas representações vejamos a figura a seguir:

Figura 04 – Amambai e a fronteira com o Paraguai



Fonte: Fabrini, 1995 (modificado)- Des: Salgueiro, 2011-Org:Michenco, 2011

¹⁸Os municípios que se encontram na linha da fronteira sul entre o Estado do Mato Grosso do Sul e o Paraguai são: Aral Moreira, Coronel Sapucaia, Mundo Novo, Paranhos, Ponta Porã e Sete Quedas

A figura representa tanto os municípios “da linha de fronteira” (na faixa de fronteira) do cone sul do Estado do Mato Grosso do Sul (150 km - legislação brasileira) quanto os municípios da “linha de fronteira” (na faixa de fronteira) do Paraguai (50 km - Legislação paraguaia).¹⁹

As cidades de *Salto Del Guairá* e *Ypeju* pertencem ao departamento de *Canindeyú* e as cidades de *CapitanBado* e *Pedro Juan Caballero* pertencem ao departamento de *Amambay*. Amambai, município do Estado do Mato Grosso do Sul, está posto como o lócus da pesquisa.

Ainda nessa questão, tivemos também uma variedade de respostas vinculadas à representação da fronteira como palco da contravenção, uma vez que 26% das respostas ao questionário proposto apresentaram tal ideia. Observemos a seguir algumas transcrições que retratam essa realidade:

“Droga, Bandido, Tráfico...” (Aluno 19)

“Quando me lembro da fronteira do Brasil com o Paraguay, logo já vem na cabeça violência, o desrespeito, não me lembro de nada bom...” (Aluno 20)

“Quando leio a palavra fronteira, lembro da fronteira do Brasil. A gente se lembra muito da fronteira porque geralmente, ouve se falar que foi apreendido pessoas passando drogas pela fronteira. E que policiais estão sempre ali para cuidar daquele lugar...” (Aluno 21)

“Aqui por estarmos em uma fronteira entre Brasil e Paraguai lembro-me de que a ignorância das pessoas a se referir da fronteira seria passagem de drogas e objetos ilegais como vemos sempre na televisão enfim...” (Aluno 22, *grifo nosso*).

Nas representações dos alunos 19 e 20 é nítida a fronteira como campo da transgressão. Por sua vez o aluno 21 nos traz a ideia de fronteira vigiada, muitas vezes com barreiras do próprio exército ou através também de sistemas de monitoramento por aviões e por satélites para um maior controle do fluxo populacional.

Esse controle das fronteiras tem por objetivo, além de evitar o contrabando de produtos como eletroeletrônicos, armas e drogas, também definir condições para o controle sanitário dos meios de transportes terrestres de carga ou de transporte coletivo de

¹⁹ A lei nº 2532 promulgada em 14 de fevereiro de 2005 estabelece zona de segurança fronteira à faixa de 50 km adjacente as linhas de fronteira terrestre e fluvial dentro do território nacional

passageiros (documentação e condições higiênico-sanitárias), dos efluentes sanitários, das boas práticas sanitárias para os alimentos ofertados a bordo, além de outros produtos e serviços que podem oferecer risco à população.

Na observação do aluno 22, temos também essa questão da abordagem pela mídia de uma fronteira como palco da contravenção, homogeneizando, muitas vezes, a realidade e relegando tal área como “terra de ninguém”. A mídia é um espaço de força, poder e sociabilidade capaz de atuar na formação das pessoas em relação a valores, crenças e atitudes.

Aprendemos aqui que este aluno está atento e não se rende às complexas redes de relações ou representações que a mídia carrega. É a partir daí mesmo, da percepção, que talvez seja possível iniciar os contornos de uma discussão sobre esta estreita relação entre mídia e representações da fronteira “Brasil-Paraguai” como palco da contravenção. No exercício dessa observação/percepção do sujeito pode se imprimir movimentos de “outra fronteira” e não apenas da fronteira como palco da contravenção.

Para melhor visualizarmos essa imposição sobre a fronteira como palco da contravenção recorreremos à análise do site “Amambai notícias”, abrangendo o espaço de tempo de dois meses de publicações relacionadas aos temas “fronteira” e “Paraguai”.

No primeiro mês pesquisamos as notícias sobre o tema “fronteira”, veiculadas entre os dias 16/12/2010 e 16/01/2011 e, no segundo mês, as notícias sobre o tema “Paraguai” veiculadas entre os dias 16/01/2011 e 16/02/2011. Observemos os quadros a seguir:

Quadro 01: Site Amambai Notícias: - reportagens relacionadas ao tema “fronteira”

REPORTAGEM	DATA/HORÁRIO DE PUBLICAÇÃO
Operação especial intensifica fiscalização nas fronteiras do Estado;	Quinta, 16/dezembro/2010 12h31
DOF suspende férias para operação especial nas fronteiras de MS com Paraguai e Bolívia;	Segunda, 20/dezembro/2010 07h:33
Número de armas que entra pelas fronteiras é irrisório, diz pesquisador;	Segunda, 20/dezembro/2010 12h:30
PMA recebe lancha que facilitará a fiscalização nos rios de Fronteira;	Segunda, 20/dezembro/2010 15h:13
Operação especial intensifica fiscalização nas fronteiras do Estado : As férias de todo o efetivo do DOF foram suspensas e até o dia 14 de janeiro os trabalhos serão intensificados;	Terça, 28/dezembro/2010 07h:37
Golpista de Amambai que já foi presa em SP e no RJ volta a agir na fronteira;	Segunda, 03/janeiro/2011 13h:50
Showtec ultrapassa fronteiras e se consolida como maior evento de tecnologia no Centro-Oeste;	Sábado, 08/janeiro/2011 16h:00
Estado tem 7 corredores de tráfico de drogas e armas na fronteira;	Segunda, 10/janeiro/2011 09h:22
Exercícios de controle de fronteiras entre Brasil e Peru vão até quinta-feira;	Terça, 11/janeiro/2011 07h:14
Cocaína é apreendida em ônibus pelo Departamento de Operações de Fronteira.	Quarta, 12/janeiro/2011 13h:54

Fonte: <<http://www.amambainoticias.com.br/buscar?q=fronteira&p=2>>, entre os dias 16/12/2010 e 16/01/2011

Observamos que no período estudado, das 10 (dez) notícias publicadas sobre o tema “fronteira”, 09 (nove) estão relacionadas à ideia da contravenção, ou seja, 90 %.

Quando nos referimos ao tema “Paraguai”, das 14 (catorze) notícias publicadas pelo site, 09 (nove) explicitam a ideia da contravenção, ou seja, 64,28 % do total; 03 (três), ou 21,42 % do total sobre o estado de saúde do Presidente paraguaio e 01 (uma), correspondendo 7,14%, sobre o sistema de ensino do Paraguai.

Quadro 02: Site Amambai Noticias - reportagens relacionadas ao tema “Paraguai”

REPORTAGEM	DATA/HORÁRIO DE PUBLICAÇÃO
Presidente do Paraguai passa por tratamento em São Paulo no dia 25;	Domingo, 23/janeiro/2011 15h:27
Brasileiro pede transferência a cadeia do Paraguai;	Terça, 25/janeiro/2011 09h:58
Presidente do Paraguai recebe alta;	Sexta, 28/janeiro/2011 12h:15
Paraguai reconhece o Estado Palestino livre e independente, posição defendida pelo Mercosul;	Sexta, 28/janeiro/2011 12h:18
Agricultor brasileiro é queimado vivo no Paraguai;	Segunda, 31/janeiro/2011 17h:06
Portugueses são presos com cocaína no Paraguai;	Quinta, 03/fevereiro/2011 14h:02
DOF apreende mais de uma tonelada de mercadorias do Paraguai;	Sexta, 04/fevereiro/2011 15h:21
Traficante da quadrilha de Beira-Mar que vivia no Paraguai é extraditado para o Brasil;	Sexta, 04/fevereiro/2011 18h:18
Fronteira com Paraguai será patrulhada por aviões não tripulados;	Domingo, 06/fevereiro/2011 07h:24
DOF apreende mercadorias oriundas do Paraguai;	Segunda, 07/fevereiro/2011 08h:29
Policiais Militares apreendem 740 quilos de contrabando oriundos do Paraguai;	Terça, 08/fevereiro/2011 13h:03
Paraguai decreta gratuidade do Ensino Médio;	Terça, 15/fevereiro/2011 14h:33
PoliciaI expulso da PM é fuzilado e degolado no Paraguai;	Terça, 15/fevereiro/2011 15h:09
Presidente do Paraguai vai a Cuba fazer tratamento contra o câncer.	Quarta, 16/fevereiro/2011 07h:01

Fonte: <<http://amambainoticias.com.br/buscar?q=paraguai>>, entre os dias 16/01/2011 e 16/02/2011

Tais análises comprovam como a mídia se comporta ao transmitir a “imagem da fronteira”. Os estereótipos que pré-moldaram essa imagem como violência, marginalização, apreensão de drogas, estão presentes nessa análise da mídia. Estes se tornam cada vez mais atributos negativos constantes que acabam por agravar ainda mais a imagem da fronteira.

As fotos a seguir dizem respeito à reportagem veiculada no site “*A Gazeta News*”, da cidade de Amambai, na qual, segundo a reportagem, o Ministério Público da Comarca de Amambai propõe a construção de um muro na fronteira “Brasil-Paraguai”, entre as cidades de Coronel Sapucaia (Brasil) e CapitanBado (Paraguai), com o argumento de evitar a passagem de “marginais”.

Foto 01 – CapitanBado – Coronel Sapucaia: Fronteira Brasil-Paraguai



Fonte: <http://www.agazetaneuws.com.br/noticia_fotos2.php?not_id=45695>, 17/05/2011

Foto 02 – CapitanBado – Coronel Sapucaia: Fronteira Brasil-Paraguai



Fonte: <http://www.agazetaneuws.com.br/noticia_fotos3.php?not_id=45696>, Modificado por Michenco, 17/05/2011

A fronteira do Brasil com o Paraguai é demarcada por uma rua. Do lado direito da pista está localizada a paraguaia Capitán Bado. Do lado esquerdo, esta Coronel Sapucaia (MS). A fronteira aqui é o limite, mas pode ser uma amostra da facilidade de mobilidade social entre os dois países.

De modo geral, isso não é diferente em outras mídias, como a internet, por exemplo, pois as formas e representações sobre esta também se encontram presentes nas chamadas páginas de relacionamento.

Em tempos de globalização, torna-se evidente que este tipo de mídia é um dos principais veículos de construção do mundo social. Relações entre pessoas, ambientes, atitudes, comportamentos e círculos sociais são encontradas facilmente nessas páginas de relacionamentos.

Na Figura 05 é possível observar, na foto da página de relacionamento, a conotação de violência dada à fronteira, contribuindo assim para a permanência da identificação da ilicitude da fronteira. Na foto um homem armado está atirando e como a chamada do link expressa à frase: “eu sou da fronteira” corrobora de vez a fronteira como palco da contravenção.

Figura 05 – A fronteira no Orkut

The image shows a screenshot of an Orkut community page. The page title is "eu sou da fronteira!!". The breadcrumb trail is "Início > Comunidades > Outros > eu sou da fronteira!!". The page features a navigation menu on the left with options: "participar", "denunciar abuso", "fórum", "enquetes", "eventos", and "membros". The main content area displays the following details:

descrição:	!
idioma:	Português (Brasil)
categoria:	Outros
dono:	' Fábio Ψ
tipo:	moderada
privacidade do conteúdo:	aberta para não-membros
local:	Brasil
criado em:	10 de janeiro de 2009
membros:	1

Below the details, there is a "fórum" section with the text "Nenhuma postagem recente" and a button labeled "novo tópico". A link "ver todos os tópicos >>" is also present.

Fonte: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=80272373>> Acesso em 19/04/2011

Evidentemente que um site de relacionamento não é um instrumento de total confiança. No Orkut, existe a possibilidade de o sujeito expressar sua relação com o ambiente em que convive com o seu redor, quanto criar uma relação paralela à sua vida, ou seja, pode inventar um ambiente, ou até “ser outra pessoa”. No caso aqui dessa “comunidade” o que vemos é a expressão da relação com o ambiente, pois a comunidade “Eu sou da fronteira” implica em estar na fronteira, logo, uma representação da fronteira e do cotidiano dessa fronteira, internalizada aqui com conotação de violência.

Ainda, observamos a representação de fronteira no seu sentido metafórico, mas que aparece misturada com outras representações. É o caso dos alunos 23, 24 e 25

“Muitas mortes, conflitos, desigualdades, drogas, sequestros e outros...” (Aluno 23, *grifo nosso*).

“Local que não pode ser ultrapassado, as vezes por motivos de lei e às vezes, por questões sociais (que é o caso de algumas propriedades rurais)...” (Aluno 24, *grifo nosso*).

“Separação de algo ex: país, um problema como: “Vamos atravessar todas essas fronteiras”. Também me lembro contrabando, tráfico...” (Aluno 25, *grifo nosso*).

Os alunos 23 e 24 parecem ter uma percepção da problemática social que a fronteira carrega consigo. Neste sentido, se destaca a desigualdade imposta pela sociedade àqueles que se encontram em suamargem . Para o aluno 25 a representação da fronteira está ligada de forma metafórica aos problemas do cotidiano enfrentados pelas pessoas, às barreiras ou “fronteiras da vida”. Mas não é apenas uma representação que está em destaque. É possível observar ainda a representação da fronteira como limite territorial, linha demarcatória, como divisão política administrativa entre países, Estados ou Municípios. Certamente a condição que entre todas as questões prevalece. Observemos as transcrições a seguir:

“Lembro-me da cidade de Ponta Porã, onde um lado é Brasil e de outro já é Paraguai...” (Aluno 26, *grifo nosso*).

“No meu caso no Paraguai, pois nós fazemos divisa com ele...” (Aluno 27, *grifo nosso*).

“Obstáculo que impede de chegar a um determinado lugar. Penso logo em uma enorme placa escrita em qualquer outra língua dizendo: Se você é brasileiro, não pode entrar aqui...” (Aluno 28, *grifo nosso*).

O aluno 26 contempla a ideia de limite e os alunos 27 e 28 complementam a ideia de divisa e de obstáculo.

2.4.1 Algumas considerações necessárias

A análise do discurso dos alunos e da imprensa nos trouxe algumas reflexões importantes.

Ao fecharmos as “contas” sobre as representações da fronteira pelos alunos do 3º ano do ensino médio público de Amambai, observamos a prevalência da representação da fronteira como o limite. Nos blocos de respostas, nas duas perguntas, foram pelo menos 153 menções a essa condição de fronteira. Na sequência vem a representação da fronteira como palco de mobilidade social. Foram 94 menções a essa ideia de fronteira.

Entendemos que se trata de uma percepção da realidade vivida em que a “linha” demarcatória é a rua. É como se o contorno do limite estivesse expresso, traçado. Mas é também uma condição geográfica, em que os países se limitam, se separam. Aqui, realidade e conhecimento em extensão têm forte relação.

Certamente, para esses alunos do ensino médio, a fronteira tem total significado. Para muitos, inclusive, não existe uma representação pura, específica. Aspectos, no entanto que não são contraditórios. Antes pelo contrário, é tudo ao mesmo tempo.

Se trabalharmos com o universo das respostas se percebe que uma simbologia metafórica de fronteira, pautada no simbólico e/ou na cultura, não tem representação significativa, mas é interessante destacar capacidade e sensibilidade que esse pensar pode proporcionar análises que podem favorecer no processo ensino-aprendizagem.

No caso, a representação da fronteira como contravenção foi o grande diferencial. A imprensa, em dois meses, é majoritariamente contribuinte com essa ideia da fronteira. No entanto, quando os alunos se expressam oralmente e/ou por escrito, respondendo às perguntas isso não se configura. Os alunos expressaram discordâncias quanto a isso, inclusive porque essa condição pejorativa parece incomodá-los.

Consideramos ainda que as representações da fronteira desses alunos estão carregadas de expressões sobrevividas do cotidiano em momentos de “fronteiridade”, ou seja, em ocasiões que somente estando nessa fronteira o sujeito é capaz de compreender

certos termos, sejam eles linguísticos ou culturais, como por exemplo, o cumprimento “*porã de luxo*” ou o “bebericar cotidiano do tererê”.

Aspectos que entendemos demonstrar a importância de nossa pesquisa, tanto porque demonstra o “olhar” do fronteiro sobre a fronteira, como porque intensifica a capacidade da mídia de formar o pensamento dominante.

Passaremos a seguir, no terceiro capítulo, a utilizar os desenhos dos alunos como possibilidades de percepções da realidade e aproximação dessas imagens como pensamentos que já permeiam esses alunos acerca da fronteira “Brasil-Paraguai”.

CAPITULO III

AS REPRESENTAÇÕES DA FRONTEIRA NOS DESENHOS DOS ALUNOS

Os desenhos aqui selecionados visaram permitir tanto a discussão sobre as representações da fronteira na cidade de Amambai como a fronteira como conceito próprio da geografia.

Trazer o desenho para compreender a representação de fronteira do aluno implica criar abertura para expor o saber de diferentes formas. O desenho aqui é uma representação do real e que sua análise exige conhecimento e interpretação. É importante destacar que este não é apenas um produto para o lazer e o divertimento, ele pode participar de um processo educativo que envolve criatividade e visão crítica.

O desenho como linguagem, como conhecimento expresso, legitima diversas práticas pedagógicas que vem sendo usadas no processo de ensino- aprendizagem e formação de conceitos no cotidiano escolar, além disso, o desenho no seu propósito expressivo permite aproximações mais diretas com a realidade do aluno.

É o que nos demonstra Oliveira Júnior afirmando que uma cultura e uma história vinculadas ao ato de desenhar podem refletir tal realidade na qual cada desenhista está inserido, portanto, não cabem aqui regras para estabelecer relações entre a obra e a realidade. Para este autor, a análise de desenhos também pode permitir a transmissão de conhecimentos do espaço. Em seu dizer: “ao olhar um desenho já se tem uma visão global do mesmo e o podemos “ler” em vários sentidos, a partir de vários pontos”. (1994, p. 9).

Concordamos com o autor e nos permitimos compreender a representação dos alunos do ensino médio, em Amambai – MS, no que tange ao sentido (ou sentidos) da fronteira. O resultado foi importante e demonstrou que a percepção da fronteira do aluno adolescente vivente da fronteira está carregada de ideias que encontramos na mídia, mas também em saberes escolares.

É certo que uma formulação que é própria do aluno traz consigo todo conhecimento e/ou construção ideológica que ele tem a respeito de um fenômeno e de onde ele vive, seja pelo conteúdo abordado ou pelas ideias efetivamente consolidadas, sejam pelas experiências pessoais ou coletivas. Gil Filho (2005), por sua vez, trabalha com as

representações de imagens como formas de linguagens nos quais considera todo tipo de representação, sejam elas imagens ou não, linguagens individualizadas.

Oliveira Júnior (1994) nos remete ainda a pensar o desenho tanto como uma opção de transmissão de conhecimentos e informações quanto como uma opção de aproximação acerca do espaço, onde os elementos são apresentados espacialmente, sem a necessidade de um encadeamento de palavras e expressões. “Os desenhos apresentam a abertura necessária para refletir as influências destas várias formas de “ver” e “ler” o mundo. Neles podem ser colocados os elementos físicos, conceituais e afetivos existentes na imagem das cidades que os alunos têm” (p. 13).

Dessa forma, ao utilizar desenhos nesta pesquisa em área de fronteira, buscamos como fez Oliveira Júnior, uma maior soltura nos alunos que permita colocar os mais variados imaginários e as mais diferentes imagens sobre a fronteira, sem regras a seguir, protegidos, então, pela abertura da subjetividade das artes gráficas.

3.1 Desenhando e representando fronteira(s)

Analizamos os desenhos dos alunos, em que representaram a fronteira. As ilustrações analisadas totalizaram 109. Mas elas compuseram um universo de 121 representações²⁰

Novamente organizamos dentro dos quatro grupos:

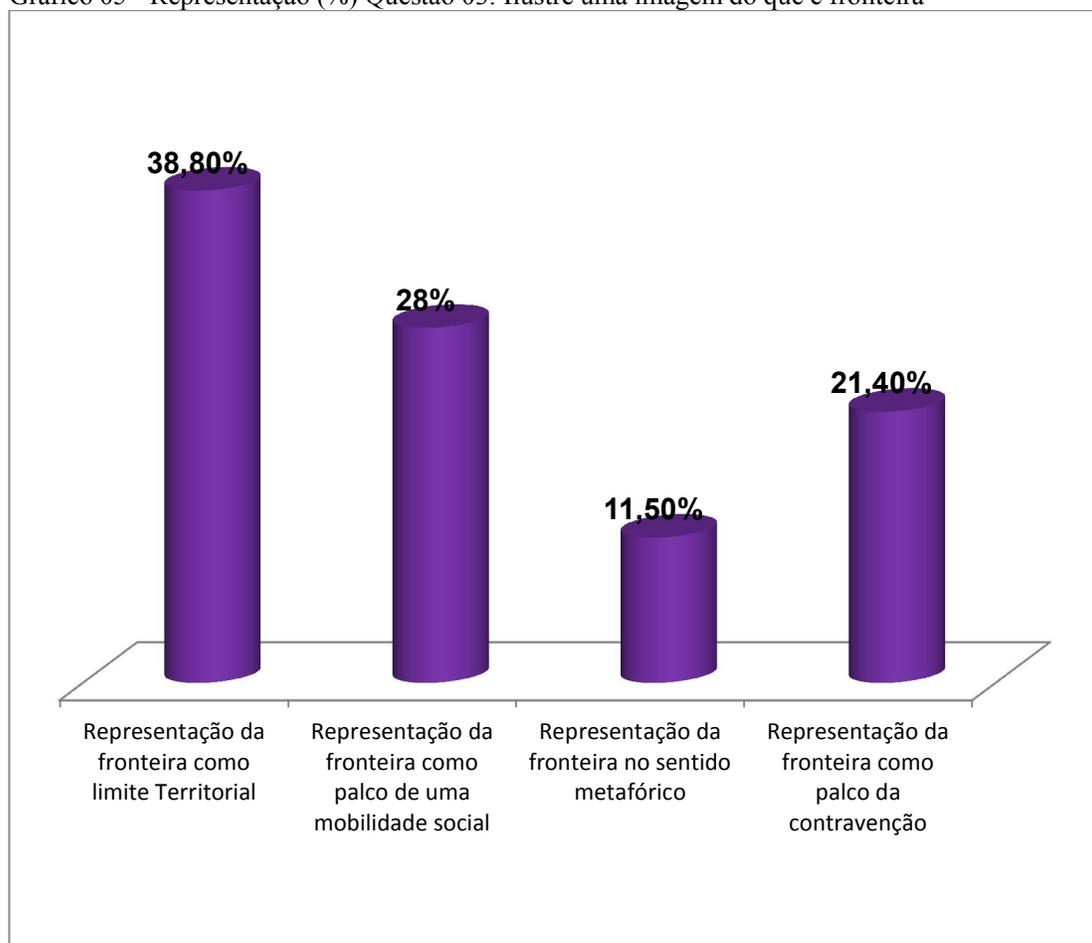
- Representação da fronteira como limite territorial, apareceu 47 (quarenta e sete) vezes, ou seja, 38,8 % do total de 121 (cento e vinte e uma) representações.
- Representação da fronteira como palco de uma mobilidade social, apareceu 34 (trinta e quatro) vezes, ou seja, 28% do total de 121 (cento e vinte e uma) representações.
- Representação da fronteira no sentido metafórico, apareceu 14 (catorze) vezes, ou seja, 11,5% do total de 121 (cento e vinte e uma) representações.

²⁰ Reforçamos aqui a ideia de que em cada desenho, como em cada fala dos alunos, houve mais de uma representação sobre a fronteira, perfazendo um total de 121 (cento e vinte e uma) representações em 109 (cento e nove) desenhos.

- Representação da fronteira como palco da contravenção, apareceu 26 (vinte e seis) vezes, ou seja, 21,4 % do total de 121 (cento e vinte e uma) representações.

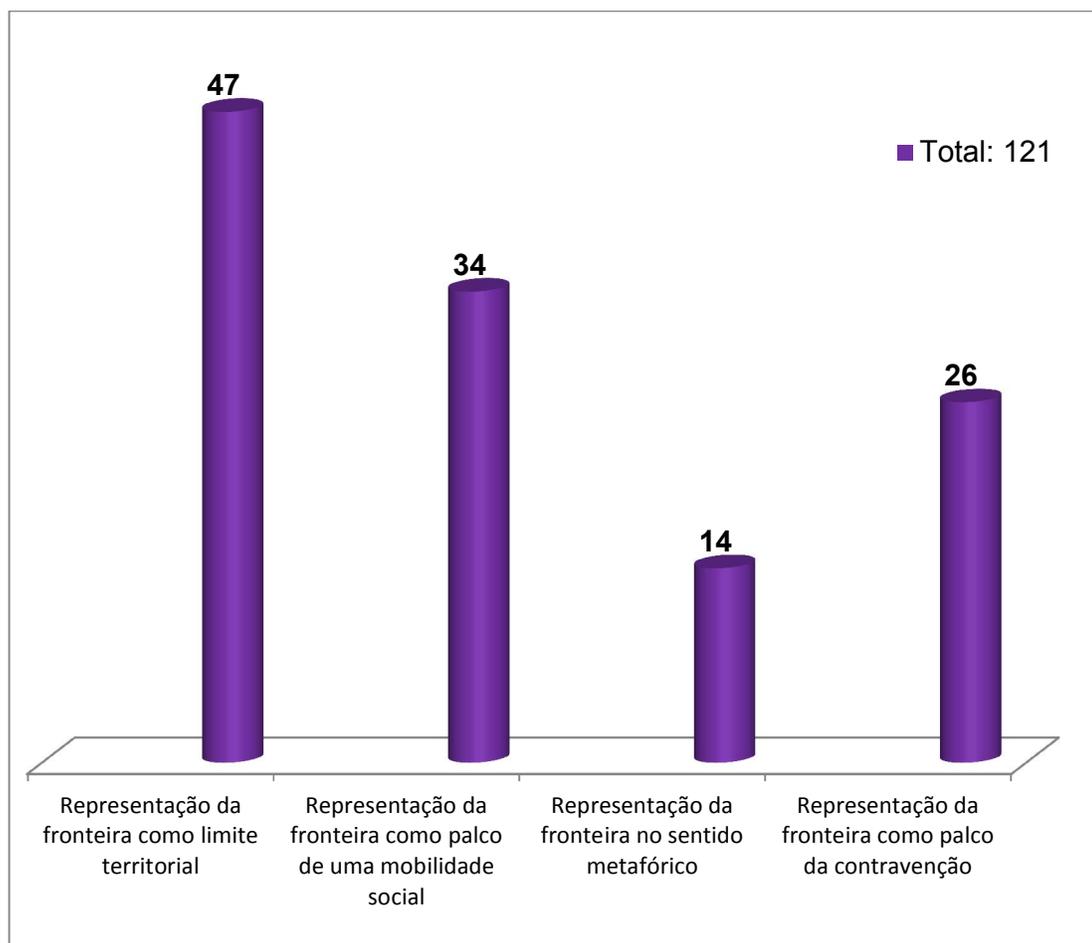
Vejamos os gráficos 05 e 06:

Gráfico 05 - Representação (%) Questão 03: Ilustre uma imagem do que é fronteira



Fonte: Questionário aplicado aos alunos do 3º ano do ensino médio das escolas estaduais de Amambai - ano 2010 (Org.) Michenco 2010

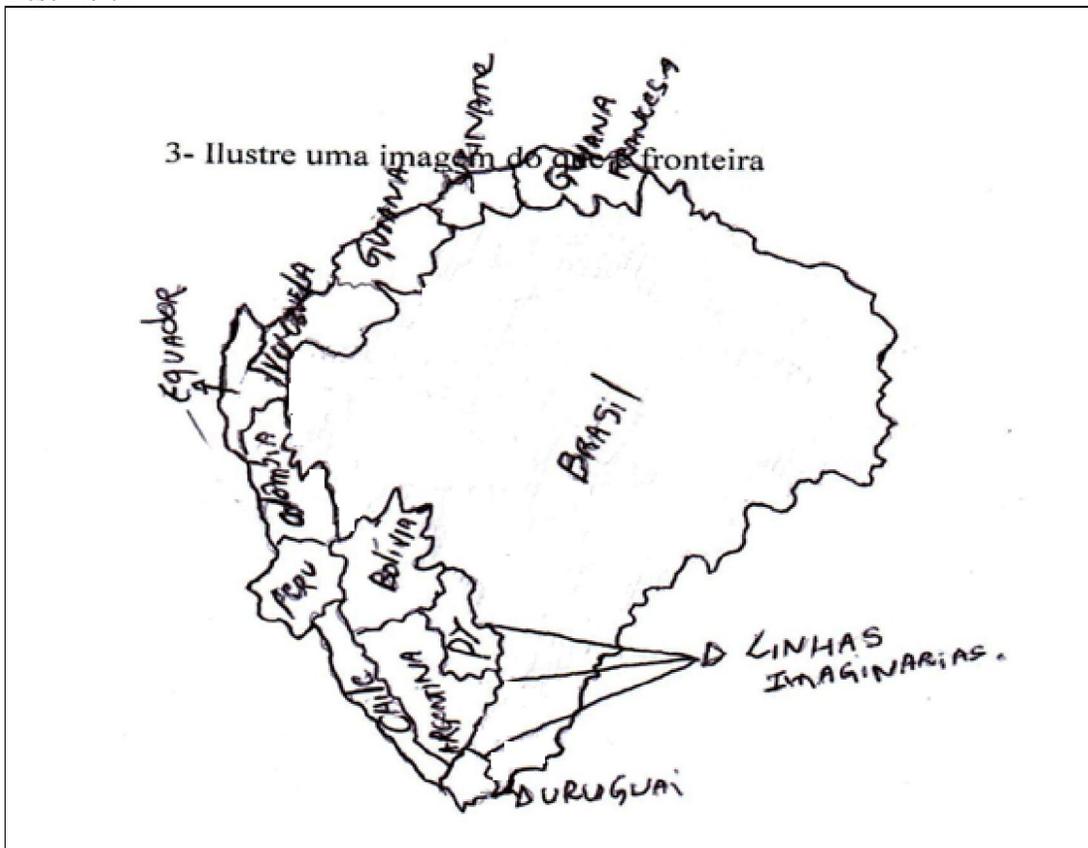
Gráfico 06 – Representação (números absolutos). Questão 03



Fonte: Questionário aplicado aos alunos do 3º ano do ensino médio das escolas estaduais de Amambai - ano 2010 (Org.) Michenco 2010

Analisando os gráficos podemos verificar que na Questão 01 bem como na média geral das três questões, nos desenhos dos alunos houve um predomínio da representação da fronteira como limite territorial.

Através da observação do desenho 01 podemos perceber como o aluno, ao desenhar a “América do sul” expõe as fronteiras como “linhas imaginárias”.



(Aluno 23)

A referência e/ou representação em pautas pela vinculação ao mapa é uma representação certamente construída a partir dos conhecimentos geográficos, ainda que a figura não seja um mapa²¹ de fato, mas é a representação de um mapa.

²¹ É importante destacar que, convencionalmente, mapa é uma representação no plano dos aspectos geográficos, naturais, culturais e artificiais de uma área, constituído a partir de escala, legenda e título. O que não significa dizer que deixamos de valorizar as representações dos alunos.

Desenho 02



(Aluno 24)

Tanto o desenho 02, como o desenho 03, apresentam alguns pontos através dos quais podemos observar a dimensão dos conhecimentos geográficos que estão presentes no cotidiano dos alunos. Os traços cartográficos da representação do “Brasil” e da “América do Sul” estão muito satisfatórios no que diz respeito a esboços. Está nítida aqui a representação de fronteira como limite territorial.

Desenho 03



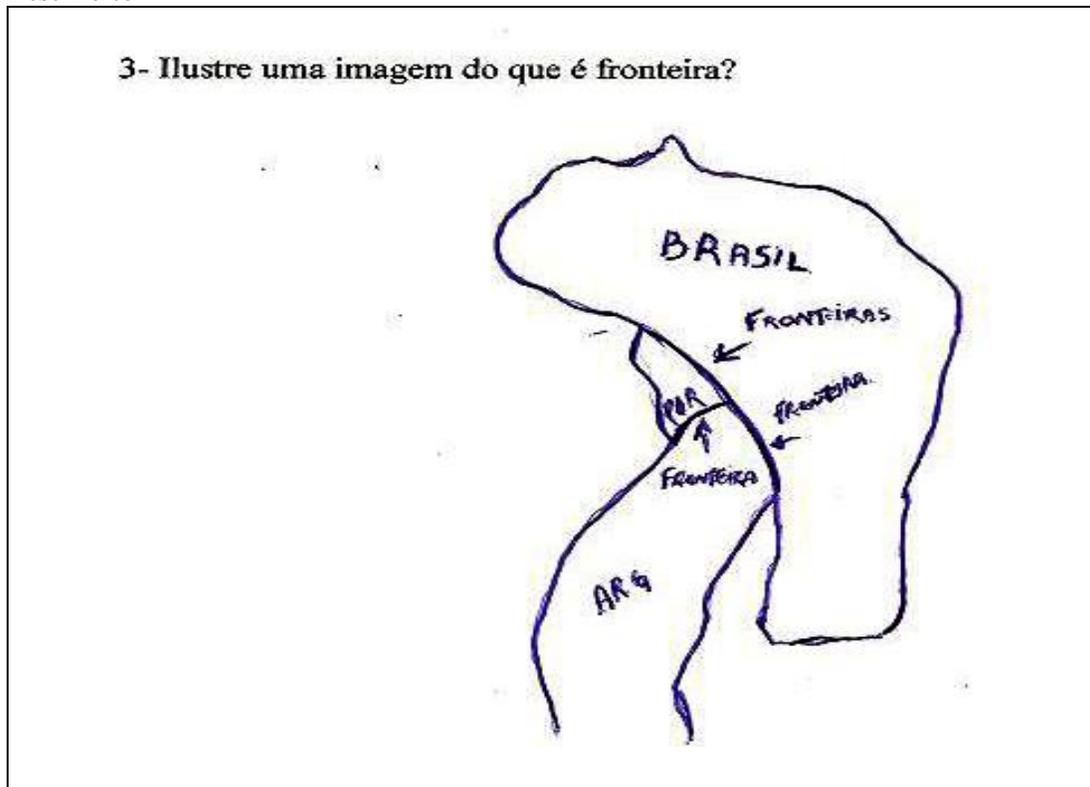
(Aluno 25)

Desenho 04



(Aluno 26)

Desenho 05



(Aluno 27)

Com certa semelhança entre si, os desenhos 04 e 05 representam alguns países da América do Sul. No desenho 04 o aluno 26 desenha os países platinos (Paraguai, Argentina e Uruguai) e o Brasil, país continental.

No desenho 05, o aluno 27 “aponta” para as fronteiras entre “Brasil-Paraguai”, Brasil – Argentina e Argentina – Paraguai, sendo nítido o sentido da fronteira como limite bem como as proporções de dimensão territorial desses países. Percebe-se nessas figuras a interferência de conhecimentos geográficos.

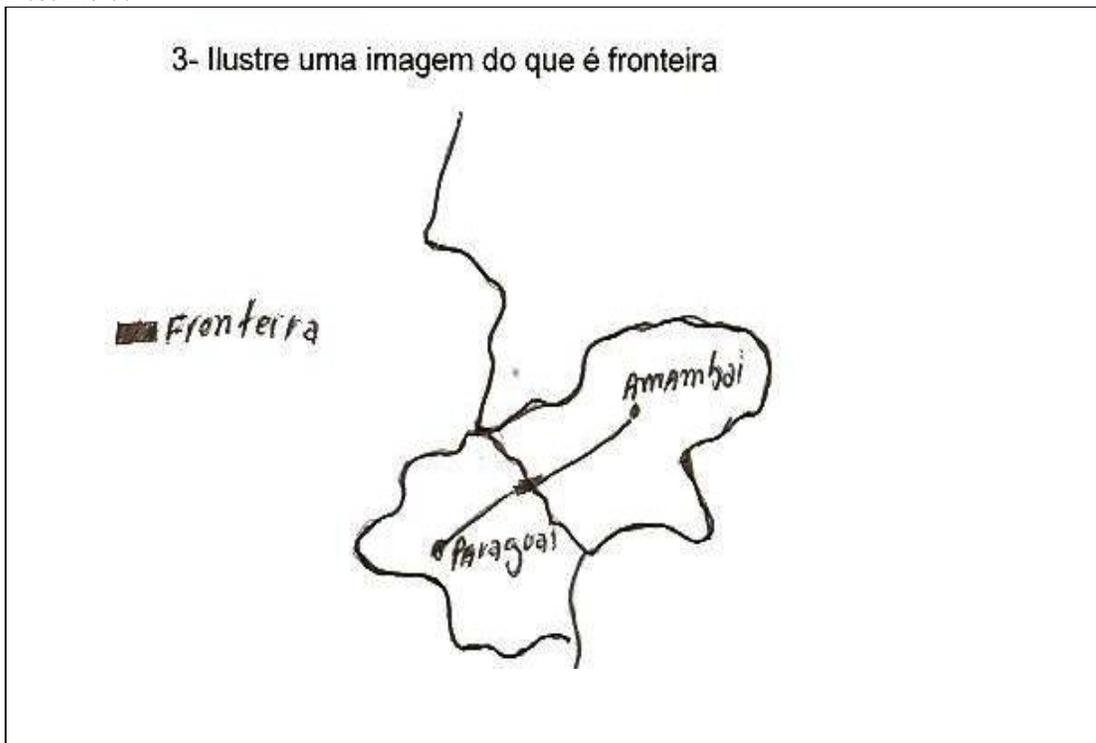
Também com certa semelhança entre si, os desenhos 06 e 07 representam a fronteira entre Brasil e Paraguai. Para o aluno 29, no desenho 07, Amambai tem uma relação direta com o Paraguai, simbolizando um trânsito entre esta cidade e o País vizinho.

Desenho 06



(Aluno 28)

Desenho 07



(Aluno 29)

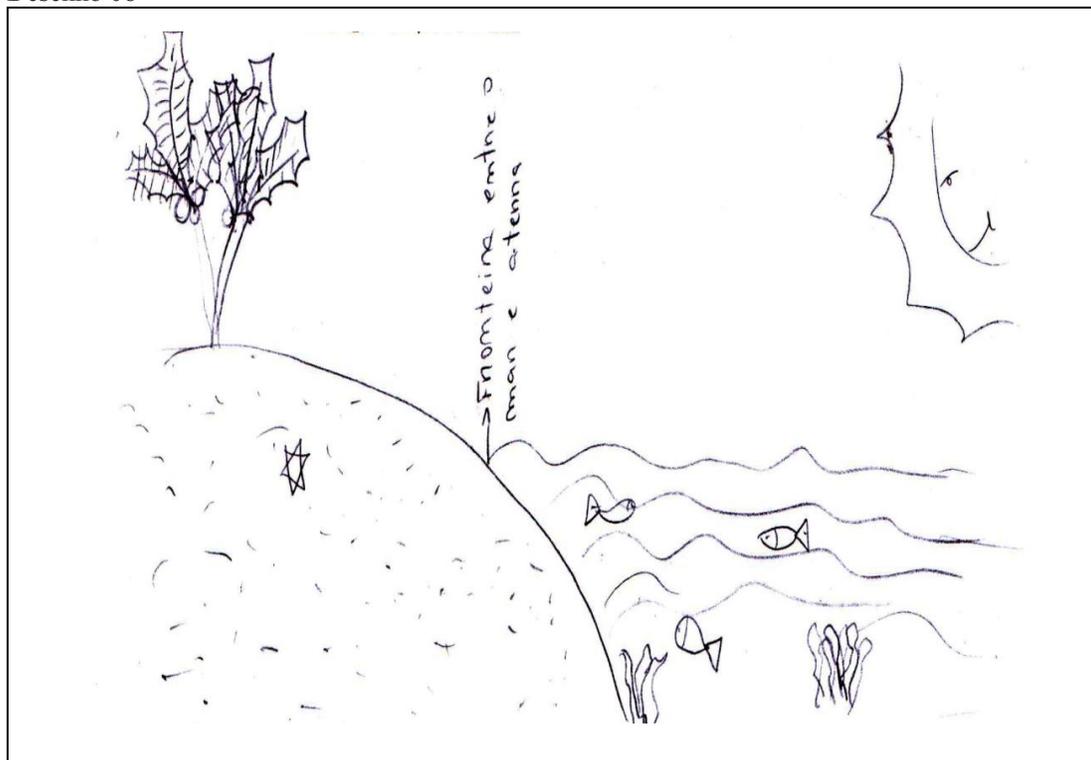
No caso do desenho 07, também poderíamos considerar a representação da mobilidade.

As fronteiras da natureza, debatidas por Martin (1994), também surgiram no contexto das representações dos alunos que analisamos.

Os elementos da natureza são aqueles compreendidos nos conteúdos das aulas de geografia durante todo o período escolar. A geografia, quando os toma em sua análise é no sentido de estudar as relações empreendidas pelo homem com a natureza, no processo de produção da sua existência, portanto relações sociais, permeadas pelo trabalho que são próprios em uma sociedade capitalista.

No desenho 08, a representação de fronteira do aluno certamente desconsiderou qualquer presença humana. Contudo, da mesma forma parece trazer implícita a ideia de fronteira como separação e/ou limite territorial. Aqui, limita-se onde começa/termina o mar e/ou a terra. O desenho aqui pode querer representar não só o limite, mas a diferença entre mar e terra, a fronteira pode ser então o diferente, um sentido mais rico de fronteira. Chamamos a atenção aqui dizendo que a Geografia pode ter responsabilidades pela superficialidade com que muitas vezes os chamados conteúdos de Geografia são postos à disposição dos alunos no processo ensino-aprendizagem.

Desenho 08

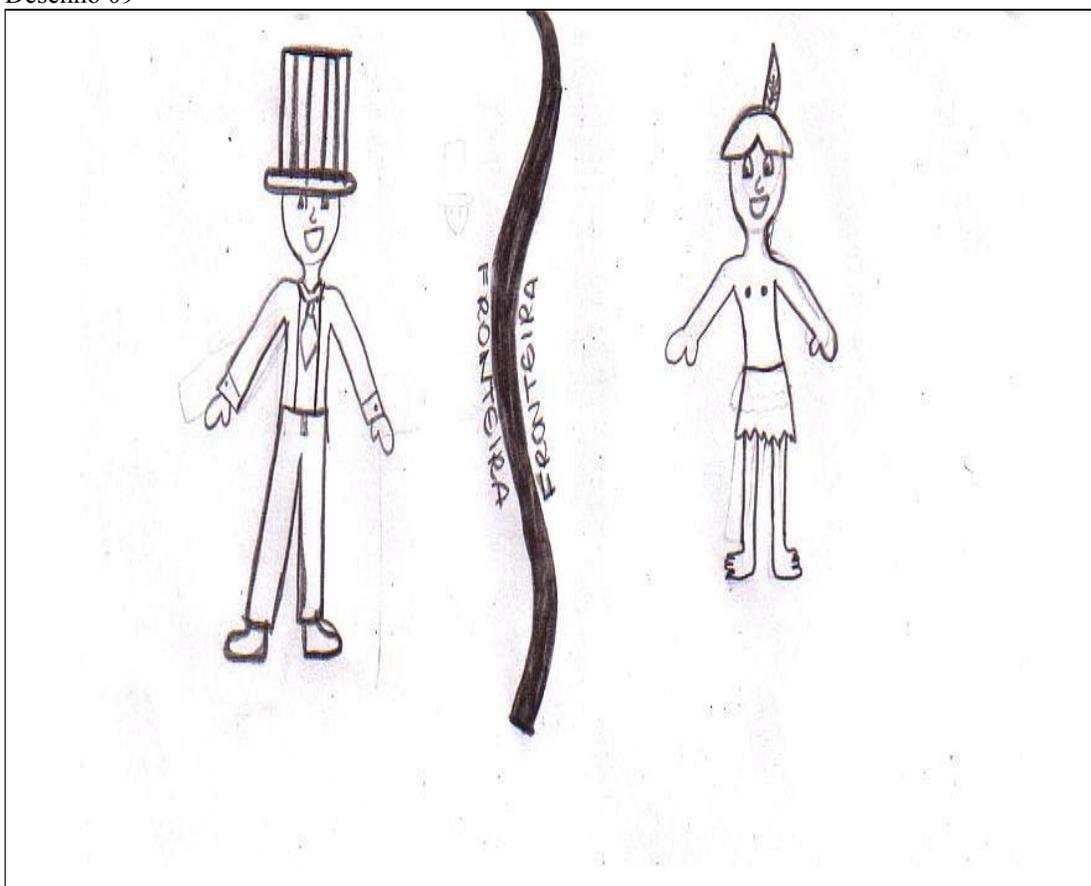


(Aluno 30)

Nas ilustrações a seguir é nítida a representação da fronteira como troca e/ou comunicação entre etnias diferentes e como palco de uma mobilidade social.

No desenho 09 temos a representação da cultura ocidental capitalista e dos povos indígenas que habitam a fronteira “Brasil-Paraguai”. Estes nos permitem compreender a identidade fronteiriça como algo móvel e instável. Não existem identidades fixas, consolidadas e permanentes, estas podem ser reelaboradas e redefinidas até mesmo pelo encontro de etnias diferentes. Barth (1998, p.197) entende que “a fronteira étnica canaliza a vida social – ela acarreta de um modo frequente uma organização muito complexa das relações sociais”.

Desenho 09



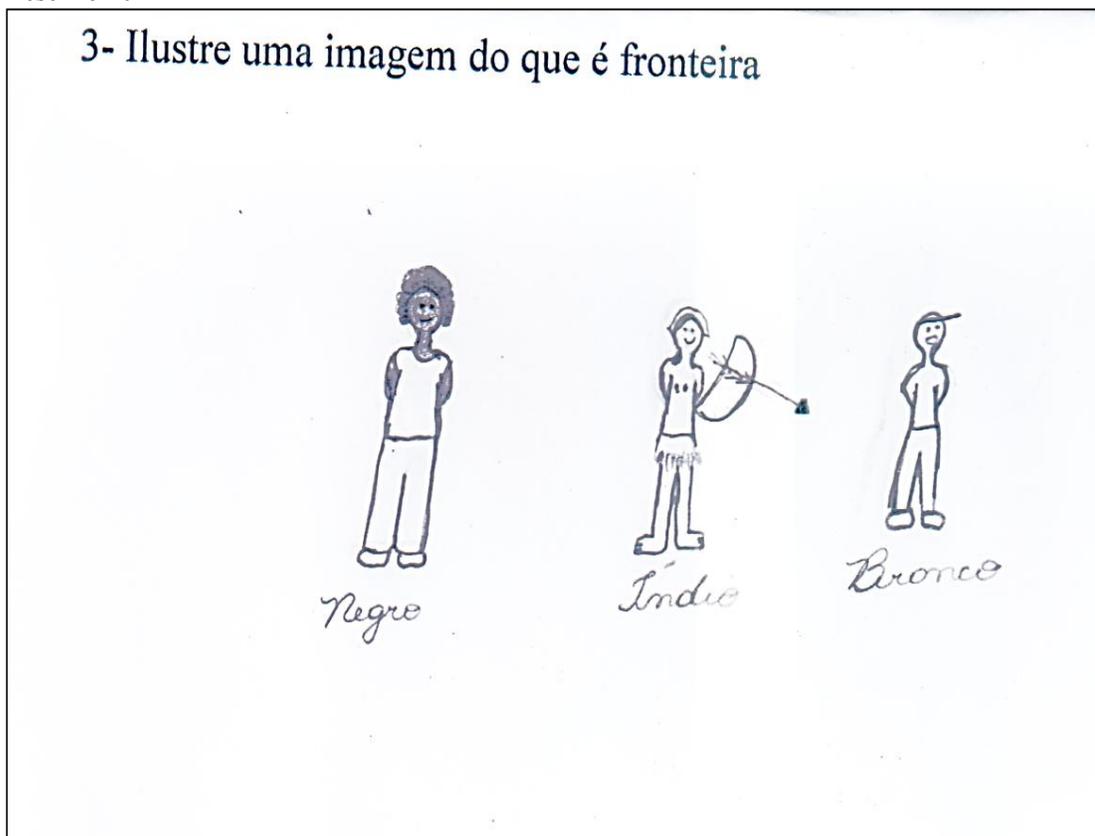
(Aluno 31)

Pensar a fronteira como um dado da cultura torna-se aqui uma realidade que pode ser promulgada pela utilização de conceitos carregados de simbolismo, identidade e alteridade, como por exemplo, podemos observar nessa figura.

Por outro lado é possível também apresentar outras variáveis nessa análise, não apenas como um dado da cultura, mas também pensar a fronteira a partir de um dado histórico ou econômico, que separa e ocasiona dificuldades de integração das populações indígenas com o mundo capitalista, existindo assim, uma fronteira entre estes sujeitos.

No desenho 10, o aluno representa a fronteira a partir da miscigenação, pensando a fronteira “Brasil-Paraguai”, a partir de grupos sociais existentes, que impõem identificações por realidades coincidentes tanto em função do “lado de cá e de lá” da fronteira, quanto pela incidência de povos diferentes que habitam e se movimentam nesse espaço.

Desenho 10



(Aluno 32)

Esse encontro de culturas nos remete a pensar que a fronteira “Brasil-Paraguai” não somente representa delimitações, podendo haver limites jurídicos, normas e regras, mas se cotidianamente os habitantes da fronteira se interagem sem abandonar as particularidades próprias de cada cultura e ignoram as dimensões político-administrativas acabam, então,

por criar um território compartilhado, homogeneizando e ao mesmo tempo singularizando realidades. Condição que não supera a divergência vivida e as cisões/rupturas sociais.

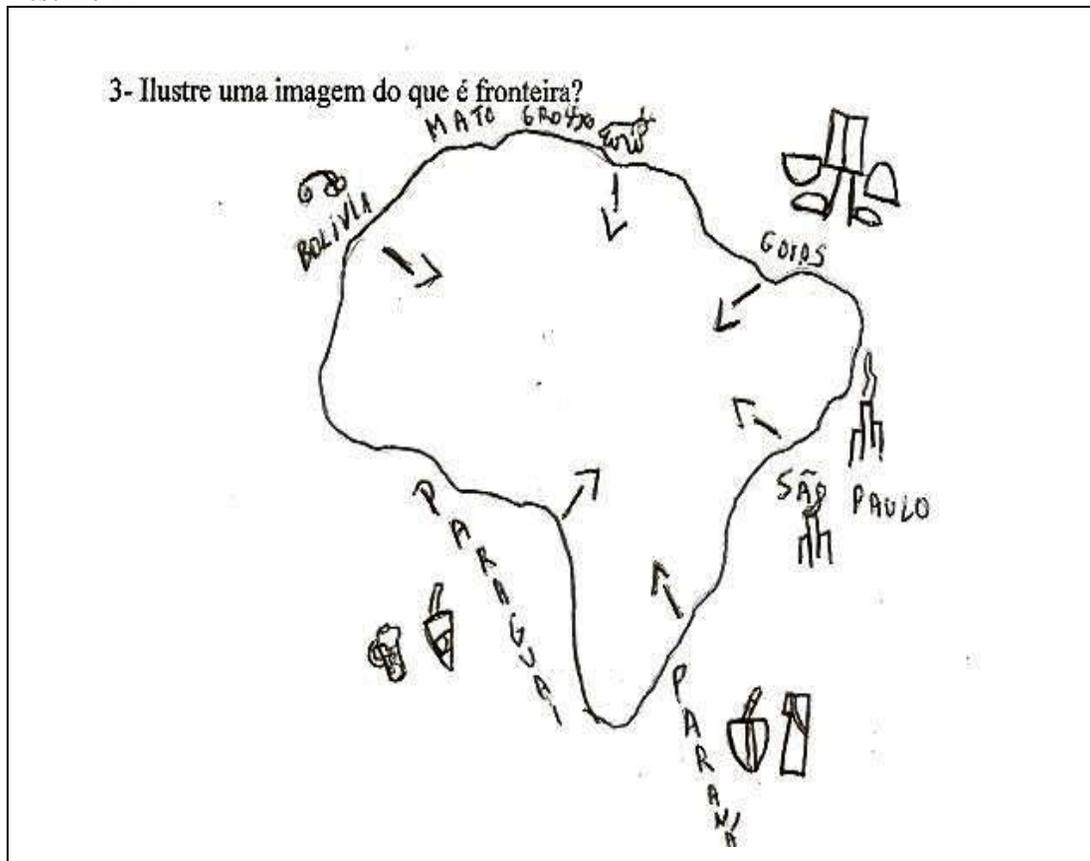
A homogeneização do conjunto de práticas e valores sociais existentes na fronteira “Brasil-Paraguai” se dá, por exemplo, na racionalidade do mercado, que abarca todas as culturas, talvez com menos intensidade sobre os indígenas, mas que também não foge às teias das relações econômicas.

No desenho, o autor expõe o “índio” com um “arco e flecha”. O aluno representa o “índio” como ser inferior num jogo de poder no qual se constitui a superioridade branco/ocidental/capitalista. Ao mesmo tempo, o aluno valoriza trajetórias culturais e históricas diferentes. Ou ainda, o aluno apregoa o “índio” como indivíduo que tem uma relação mais estreita e espiritual com a natureza.

Tais representações permitem analisar a reprodução da sociedade, respeitando o meio ambiente e as diferenças étnicas, principalmente, quando no âmbito das questões indígenas, vivemos momentos difíceis na fronteira “Brasil-Paraguai”, com vários grupos étnicos retomando terras e/ou discutindo essa condição, em situação de “pé de guerra” em que as populações indígenas, certamente em grande desvantagem, pela força política e o poder repressivo que seguramente não dão conta de enfrentar.

A ideia da “miscigenação” também aponta para a interferência de conhecimento geográfico.

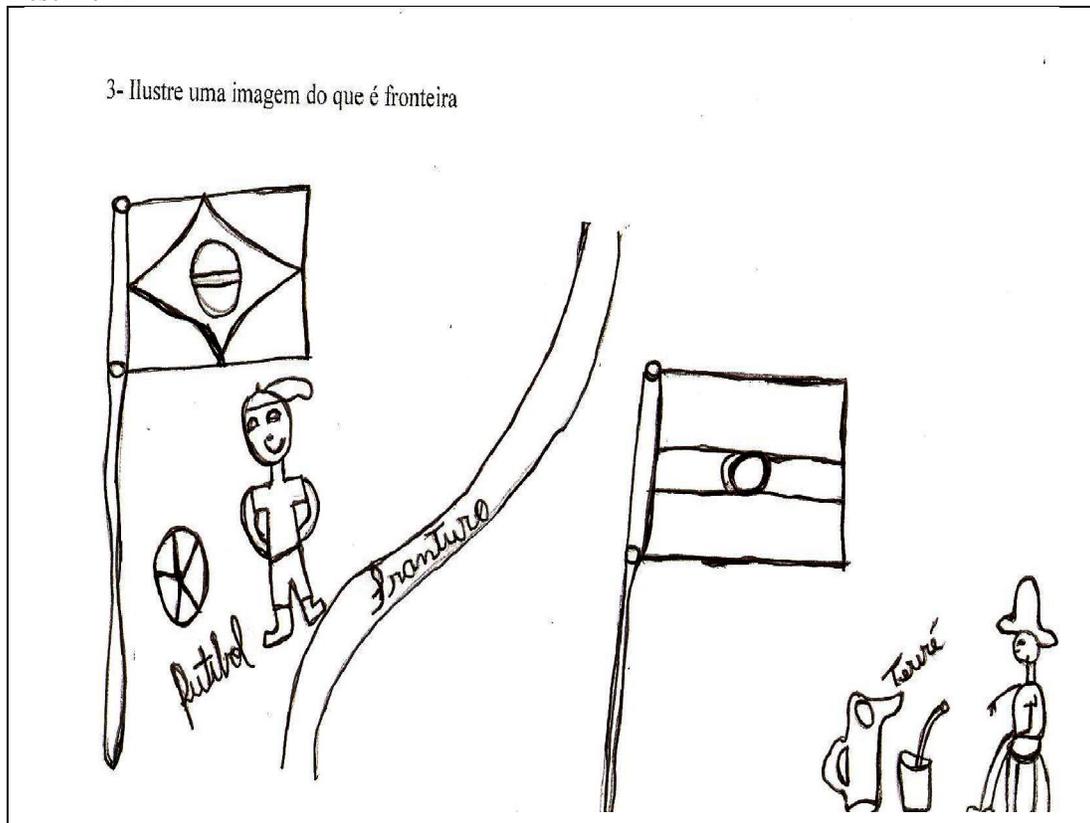
Os elementos da cultura aparecem no desenho 11 como representação do “Brasil” e sua diversidade cultural, advindas tanto das influências regionalistas dos diversos Estados e/ou regiões do Brasil, quanto das influências dos países da América do Sul, como especificado no desenho. Aqui, a interferência do conhecimento geográfico se apresenta também a partir de delineamentos cartográficos.



(Aluno 33)

A representação da fronteira como troca e/ou comunicação entre etnias e como palco de uma mobilidade social também aparece permeada pelo tereré, pelo chimarrão, pelo futebol. Certamente uma ideia de Brasil, que na cidade de Amambai e no Mato Grosso do Sul, está permeada pela migração gaúcha, pelos paraguaios. Mas ao mesmo tempo em que permite a troca, mantém a identidade. O tereré tem origem paraguaia, o chimarrão é coisa de gaúcho. É o que vemos nos desenhos 12, 13 e 14.

Desenho 12



(Aluno 34)

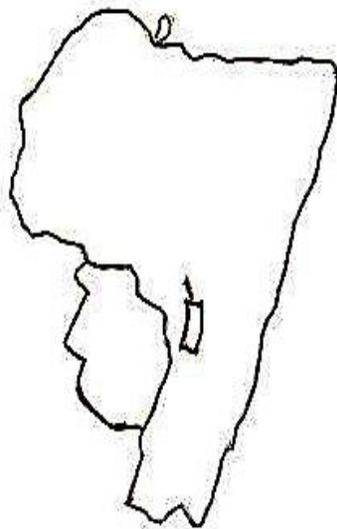
Vejamos também que o tereré pode ser empregado tanto como representação cultural do Mato Grosso do Sul quanto do Paraguai. No desenho 12, as representações estão delineadas da seguinte forma: “Brasil = futebol” e “Paraguai = tereré”.

Contudo, no desenho 13, a seguir, está “cartograficamente” representado que o tereré está vinculado ao Brasil, talvez próximo ao Paraguai, mas não este último. O tereré, bebida preparada com erva-mate e água fria ou gelada é originário de costumes Guarani e foi bastante disseminado em Mato Grosso do Sul com a influência da empresa Mate Laranjeira.

É considerado uma bebida de confraternização. Assim como o chimarrão no Sul do Brasil.

Desenho 13

3- Ilustre uma imagem do que é fronteira

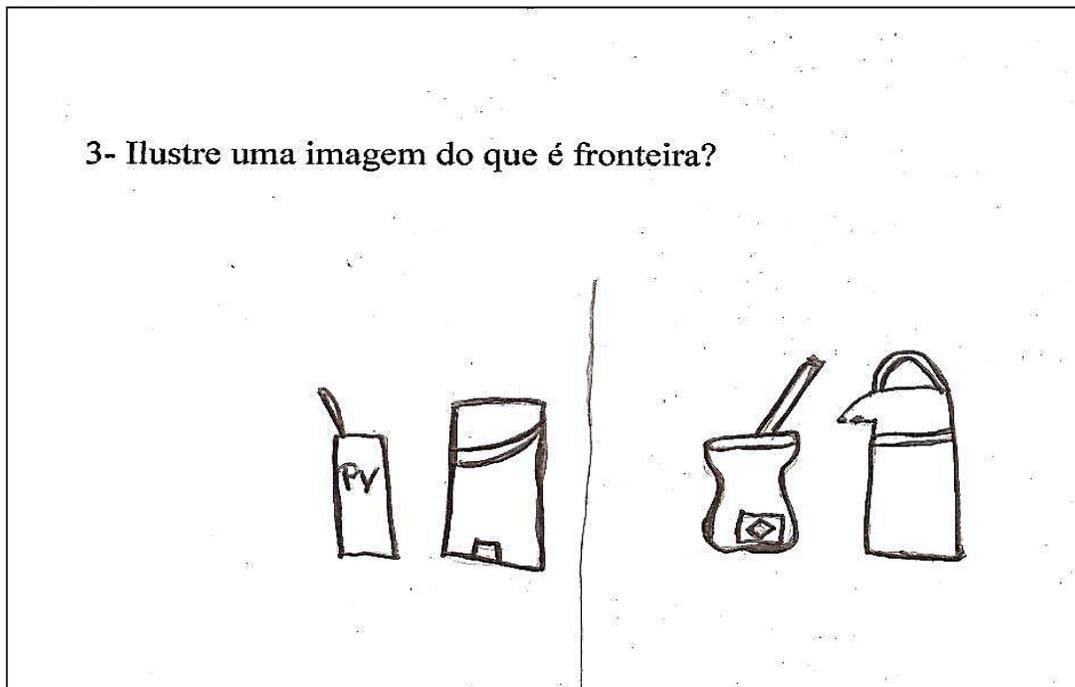


(Aluno 35)

No desenho 14 o aluno 36 expõe a “guampa²² de tereré” como representação do Paraguai e a “cuia de chimarrão” como representação do Brasil.

²²Recipiente usado para servir o tereré, fabricado com parte de um chifre de bovino, com uma das extremidades lacrada com madeira ou couro de boi, e o seu exterior revestido por verniz.

Desenho 14



(Aluno 36)

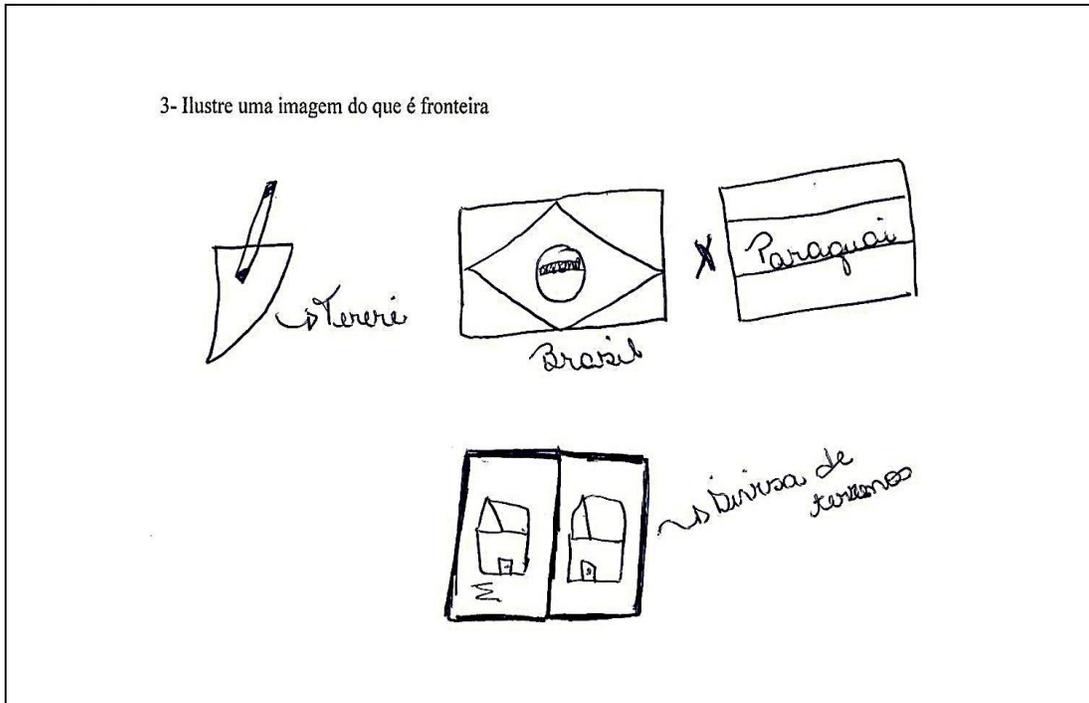
O aluno 37 expõe, no desenho 15, a ilustração da guampa de tererê como representação do Mato Grosso do Sul e o desenho da cuia de chimarrão como representação do Sul Brasil.

Desenho 15



(Aluno 37)

Desenho 16

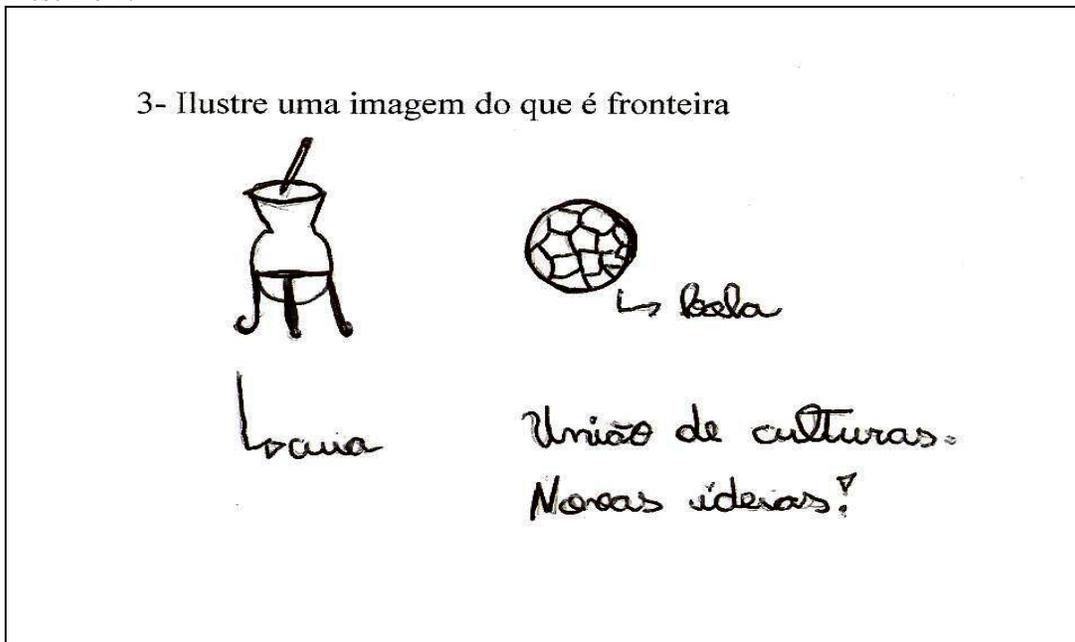


(Aluno 38)

Neste desenho o aluno 38, aliado ao desenho das bandeiras dos dois países, expõe o desenho da guampa de tereré.

No desenho 17, a seguir, o desenho da “cuia”, que pode ser para chimarrão ou tereré e o desenho da “bola”, que representa o futebol estão retratando aspectos culturais também presentes no cotidiano fronteiriço.

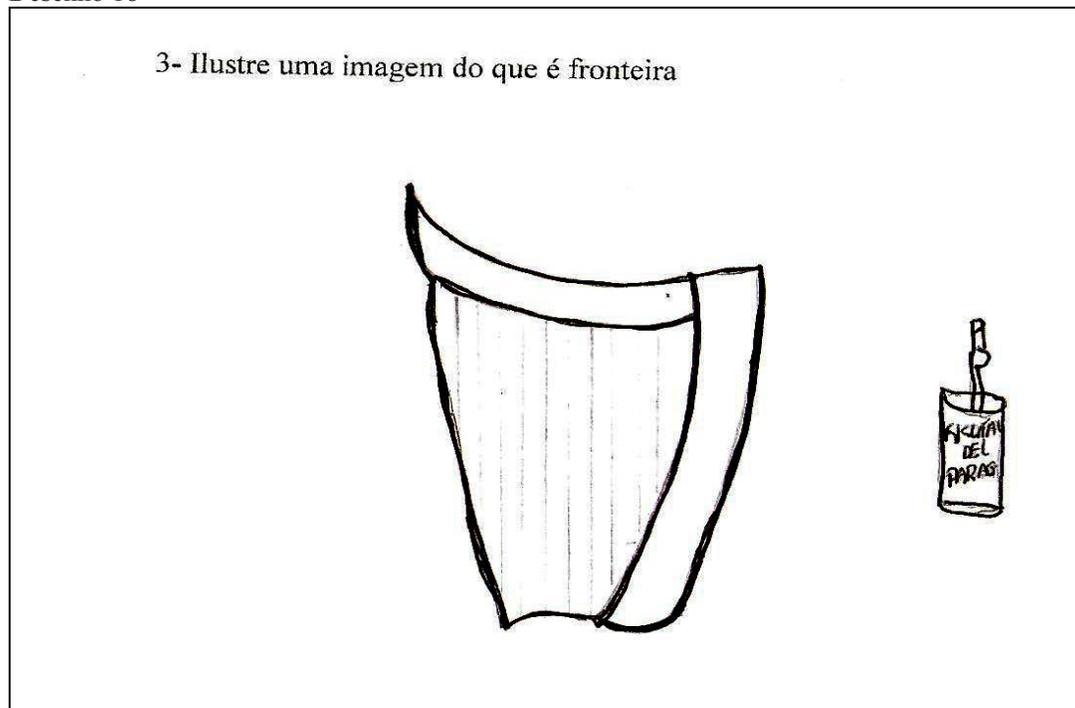
Desenho 17



(Aluno 39)

A harpa, símbolo da música paraguaia, a sopa paraguaia, o convidar para tomar um tereré como podemos observar nos desenhos 18, 19 e 20 são também peculiaridades da fronteira.

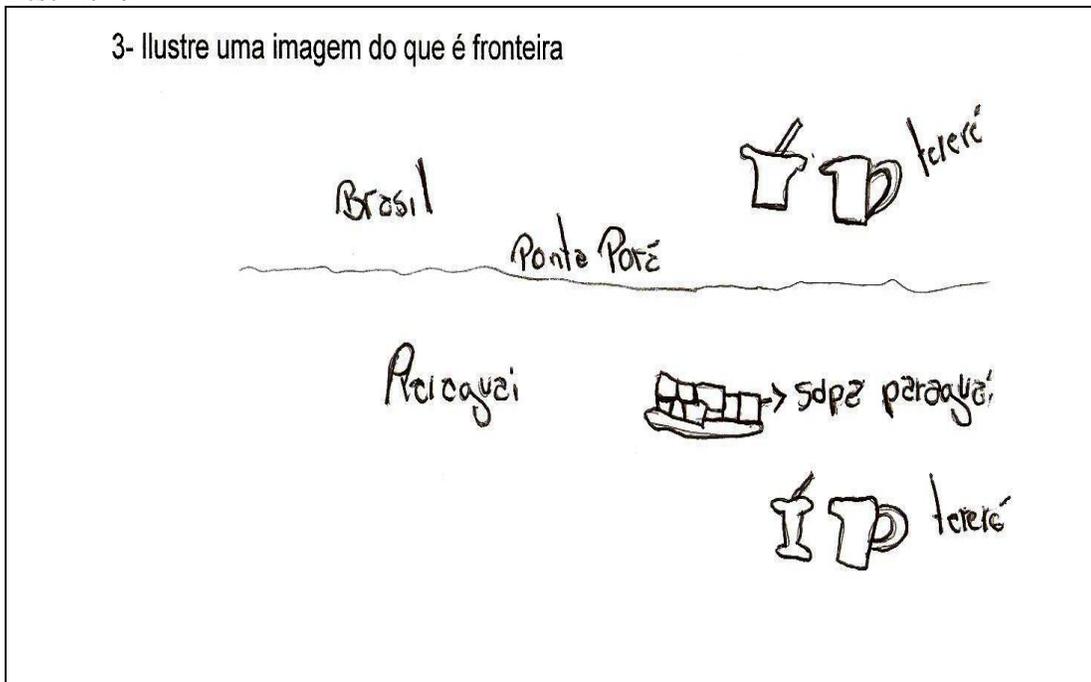
Desenho 18



(Aluno 40)

Desenho 19

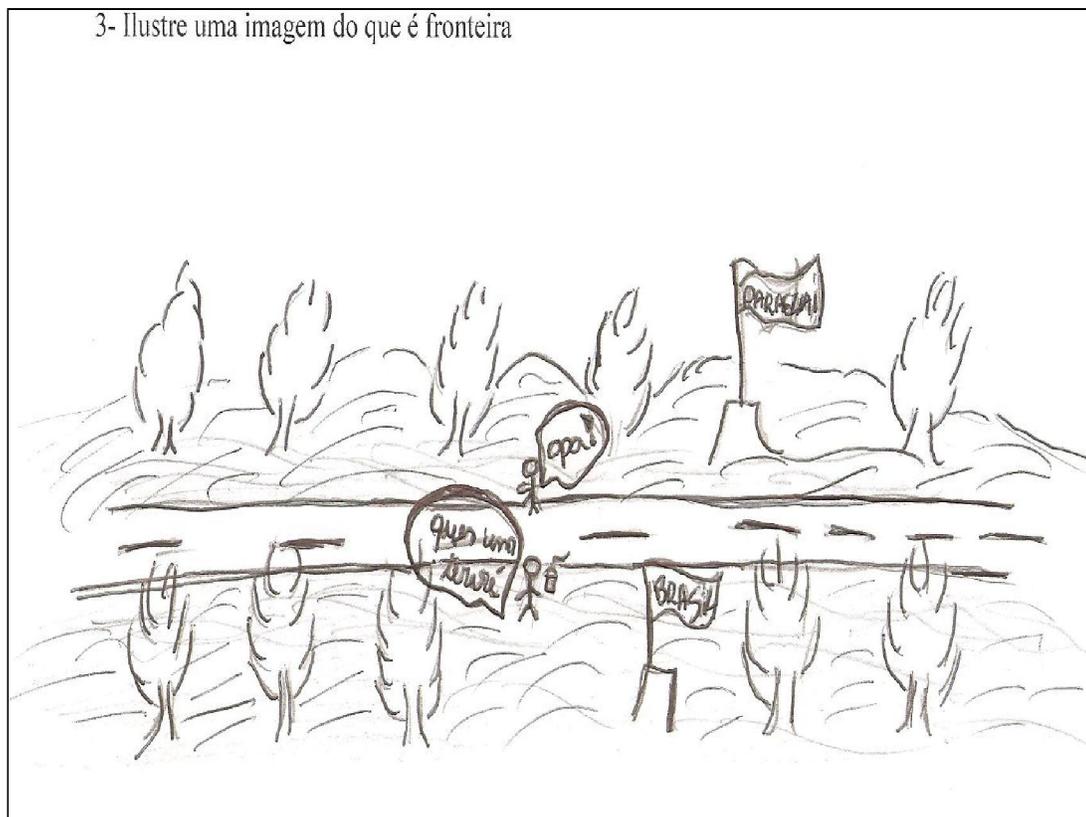
3- Ilustre uma imagem do que é fronteira



(Aluno 41)

Desenho 20

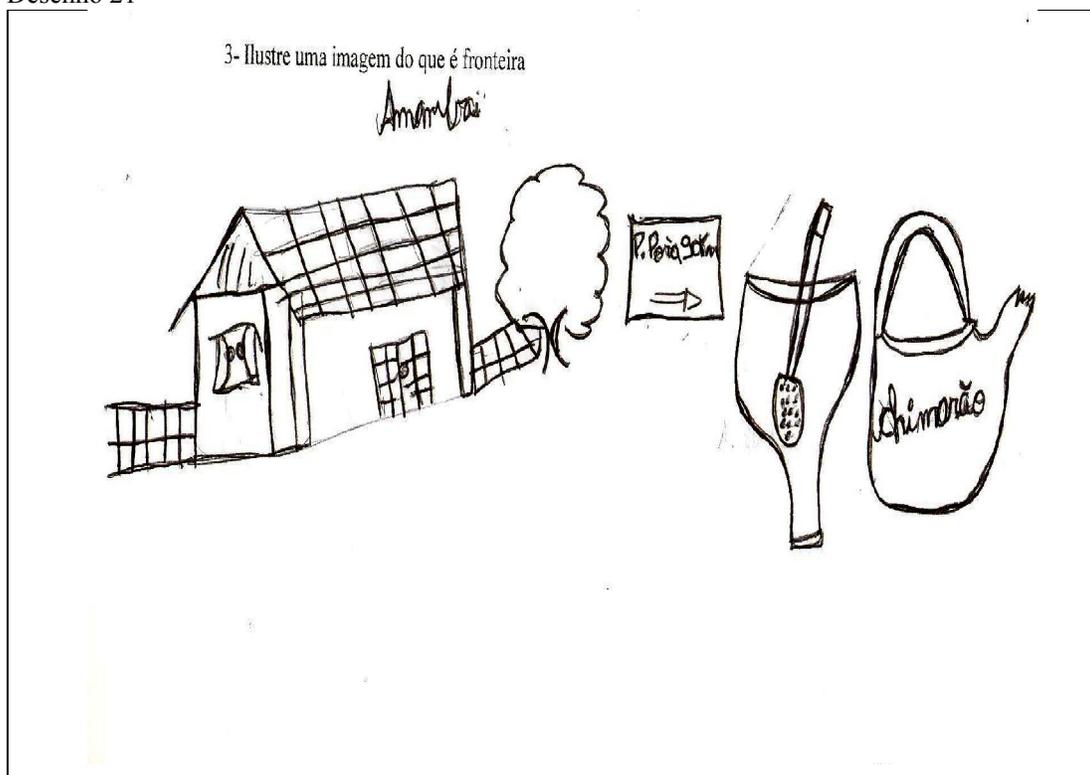
3- Ilustre uma imagem do que é fronteira



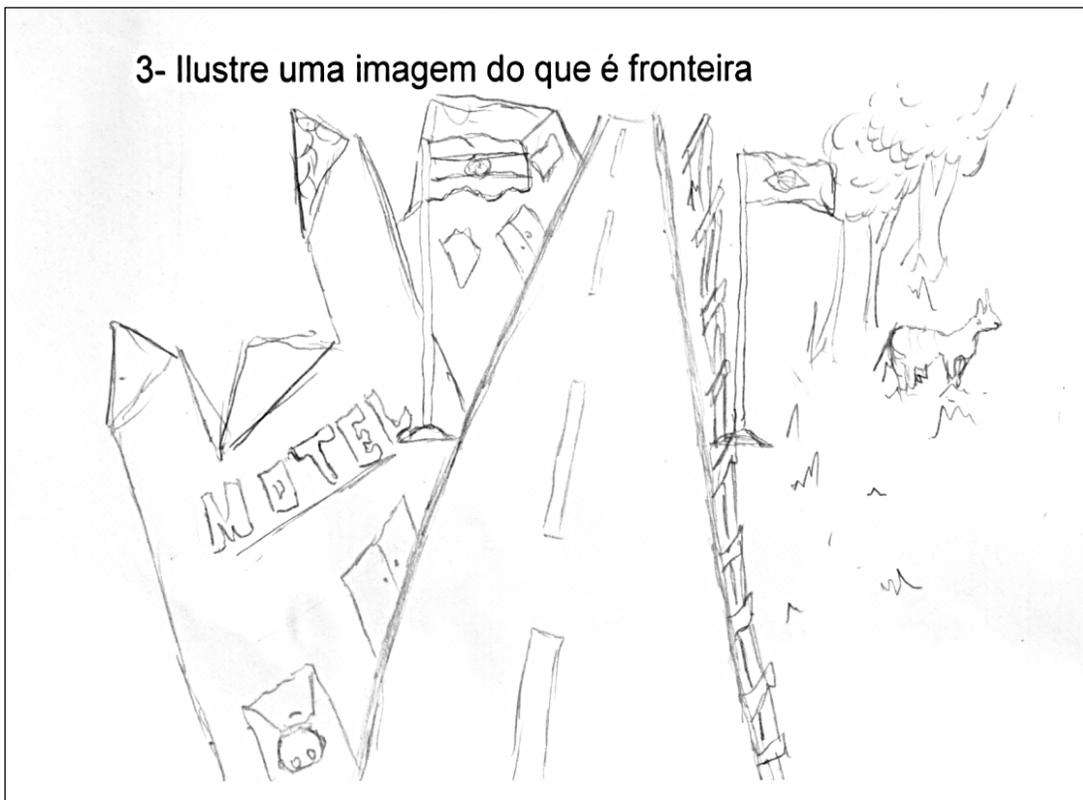
(Aluno 42)

Nos desenhos 21 e 22, a seguir, percebemos que os alunos 43 e 44 representam a fronteira a partir de sua própria vivência, pois o desenho da “placa P. Porã 90 Km” refere-se a distancia real em quilômetros entre a cidade de Amambai e a de Ponta Porã e o desenho do aluno 44 refere-se ao motel que se encontra à beira da rodovia BR-463, próximo à cidade de Ponta Porã. A fronteira para estes alunos é o “aqui”, o lugar.

Desenho 21



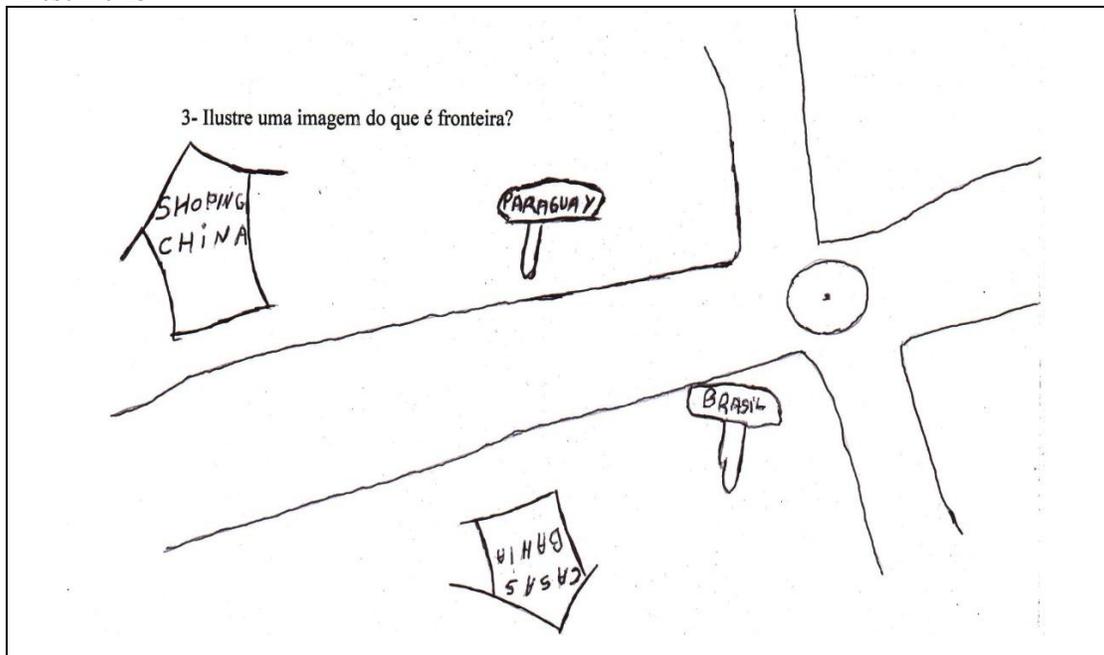
(Aluno 43)



(Aluno 44)

Nos desenhos 23 e 24, a seguir, os alunos 45 e 46 relacionam o comércio com a fronteira “Brasil-Paraguai”, não só o ilegal no sentido da contravenção, mas também o do turismo de compra, o qual caracteriza a mobilidade social. A fronteira agora pode ser representada também como um espaço a ser envolvido e transformado pela hegemonia de organização produtiva a partir do grande capital mercadológico.

Desenho 23



(Aluno 45)

Desenho 24



(Aluno 46)

Através do mercado, quase sempre informal, a fronteira torna-se palco da comercialização de produtos, oriundos, principalmente, do continente asiático (representado pelo aluno como Shopping China e que podemos observar também na foto 03) vendidos por preços bem menores do que os preços dos produtos brasileiros.

Foto03 – Casa China em Pedro Juan Caballero: Fronteira Brasil Paraguai



Fonte: <<http://www.panoramio.com/photo/4421537>>, acesso em 16/05/2011

Bebidas, cigarros e eletrônicos foram produtos precursores nesse comércio. Posteriormente, produtos para decoração, brinquedos, telefonia, jogos, esporte, produtos de tecnologia de ponta deram o formato ao comércio dessa fronteira que passou a ganhar status de turismo de compras. O que de certa forma não conseguiu suprimir a imagem da fronteira como palco da contravenção, pois esta ainda é comumente associada às atividades ilegais, como a comercialização de produtos falsificados, lavagem de dinheiro e operação de máfias internacionais.

O aluno 47 também expressa essa situação. Relacionando a diferença dos impostos entre países, no caso aqui o Paraguai, que evidencia um comércio mais fluente onde o imposto menor.

Desenho 25



(Aluno 47)

A representação da diferença no valor da gasolina desenhada pelo aluno 48, expressa muito bem tal situação.

Desenho 26



(Aluno 48)

A prática da reexportação também é fato comum na fronteira “Brasil-Paraguai”. Produtos para exportação do Brasil chegam ao Paraguai com preços menores devido a carga tributária no Brasil ser diferenciada para exportação e para o mercado interno. Dessa forma, estes mesmos produtos voltam ao mercado brasileiro com preços inferiores através do chamado turismo de compras.

Por outro lado as formas de pagamento oferecidas por empresas brasileiras (crediário) permitem também uma mobilidade de paraguaios no comércio brasileiro (representado pelo aluno como Casas Bahia), atendendo a todos os padrões de consumo vigente e a aquisição de produtos como móveis e eletrodomésticos.

Evidentemente que as relações de mercado mundial estão representadas pelos alunos 47 e 48. Dessa forma, pensar a fronteira vinculada ao “locus das compras” requer compreender regras e leis, tributárias e comerciais que permitem diferentes acessos “de um lado” e “do outro lado”. Mas também expressa condições econômicas e de geração de renda diversas, como bem expressa o desenho 27 do aluno 49:

Desenho 27

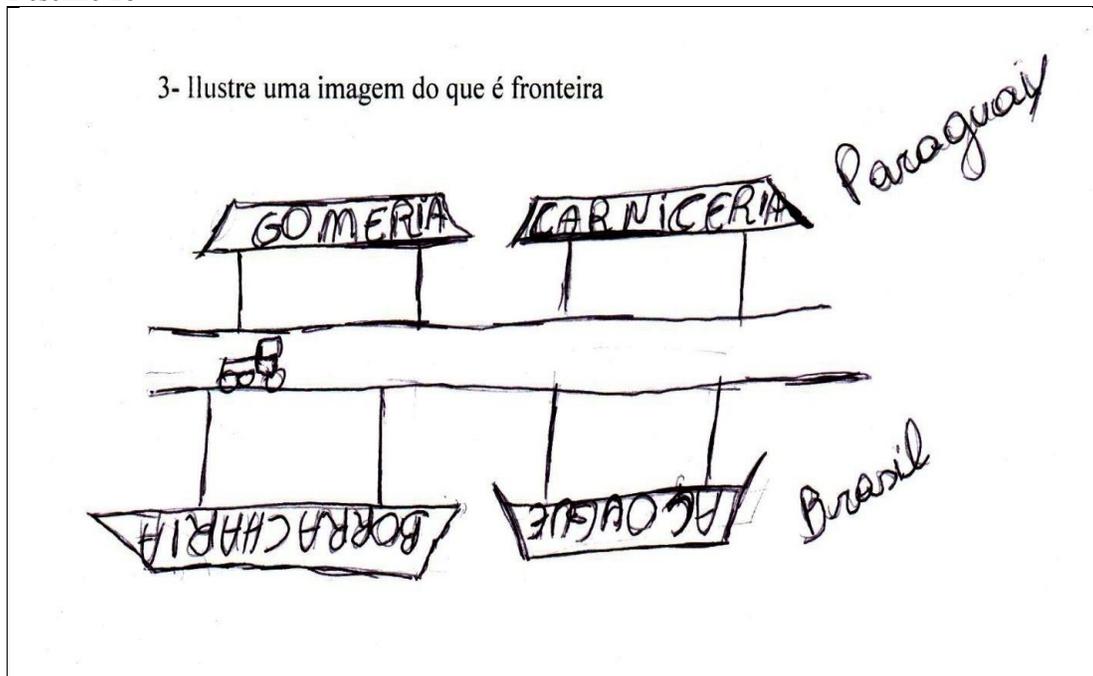


(aluno 49)

O reconhecimento de que na fronteira esse comércio expressa gerações de renda diversas e desigualdades sociais constituem-se como interferência de um conhecimento acumulado e da percepção do mundo social proclamado no cotidiano. Aqui encontramos a

fronteira representada a partir de uma mobilidade social, tendo como variável o conjunto dos aspectos econômicos.

Desenho 28



(Aluno 50)

O desenho 28 acaba por representar também a mobilidade social e cultural, retratando a diferença de idiomas, o que não significa uma barreira para o comércio da fronteira.

É importante lembrar que as fronteiras linguísticas nem sempre refletem as fronteiras políticas, aonde o próprio “ir e vir” nessa fronteira acaba por ilustrar bem a dificuldade de traçar uma “fronteira” em torno de todos os falantes de uma língua, sobretudo porque não há geralmente correlação muito grande entre etnia e idioma, principalmente quando falamos da fronteira “Brasil-Paraguai” que une três línguas: o guarani, o espanhol e o português.

Para Albuquerque (2010, p. 227) “as fronteiras linguísticas permitem vários cruzamentos como o “portunhol” (a junção do português com o espanhol) e o “portuguaranhol” (mistura do português, guarani e espanhol)”. É comum ainda os indígenas e paraguaios, quando utilizam da língua guarani, acrescentar palavras em português (no Brasil) e/ou em espanhol para dar conta de um conjunto de palavras que não possuem representação em guarani.

Foto 04 – Mescla linguística no comércio – Aldeia Amambai – Amambai – MS



Autor: Michenco (2011)

Na foto 04 é possível compreender melhor sobre essa mescla linguística, principalmente no contexto comercial da fronteira em questão, onde, para que haja uma eficiência na comercialização dos produtos os comerciantes procuram contemplar a comunicação entre todas as línguas: Guarani, Português e Espanhol. Afinal todos são consumidores e não pode haver dúvida quanto à comunicação.

A primeira coisa que se observa é que os nomes dos produtos estão expostos no muro do comércio: “ARRO” – Arroz, “FECHÂU” – Feijão, “AVATI” - Milho, “FIDÉO” – Macarrão. “OÏ OPA MBA`E GUARI MANTE NA`IPÓRI” diz respeito a proibição da venda de bebida alcoólica no posto comercial “ÑEMU RENDA KARUMBÉ” – Merceria Jabuti, localizado ao lado da Aldeia Amambai no município de mesma denominação.

As mentalidades, representações e formas de abordagem do Guarani, por exemplo, são por vezes levadas a sarcasmos no cotidiano da fronteira. Segundo Albuquerque (2010, p. 223):

As representações e os sentimentos que os brasileiros e os paraguaios constroem em relação às línguas portuguesa e guarani simbolizam relações de poder entre nações. As línguas dos países dominantes geralmente exercem fascínio em amplos setores da população das nações subordinadas. A admiração de alguns paraguaios em relação ao português e o desprezo que vários imigrantes têm com a língua guarani provavelmente seja derivado da relação assimétrica de poder entre o Brasil e o Paraguai

Ainda, nessa mescla linguística, alguns termos envolvendo crenças paraguaias também são utilizados no comércio da fronteira. É o caso de estabelecimentos que recebem nomes comerciais em que é possível observar essa mobilidade social desvelada na fronteira, onde a devoção atravessa além desta e se estabelece no comércio.

Trata-se da referência a Nossa Senhora de Caacupé, padroeira do Paraguai, cuja celebração é no dia 08 de dezembro. A foto mostra um estabelecimento comercial do Brasil.

Assim, as representações dos alunos têm fundamento no cotidiano vivido por eles, que convivem “lá” e “cá” com essa construção linguística.

Foto 05- Mescla linguística no comércio de Amambai-MS



Autor: Michenco (2011)

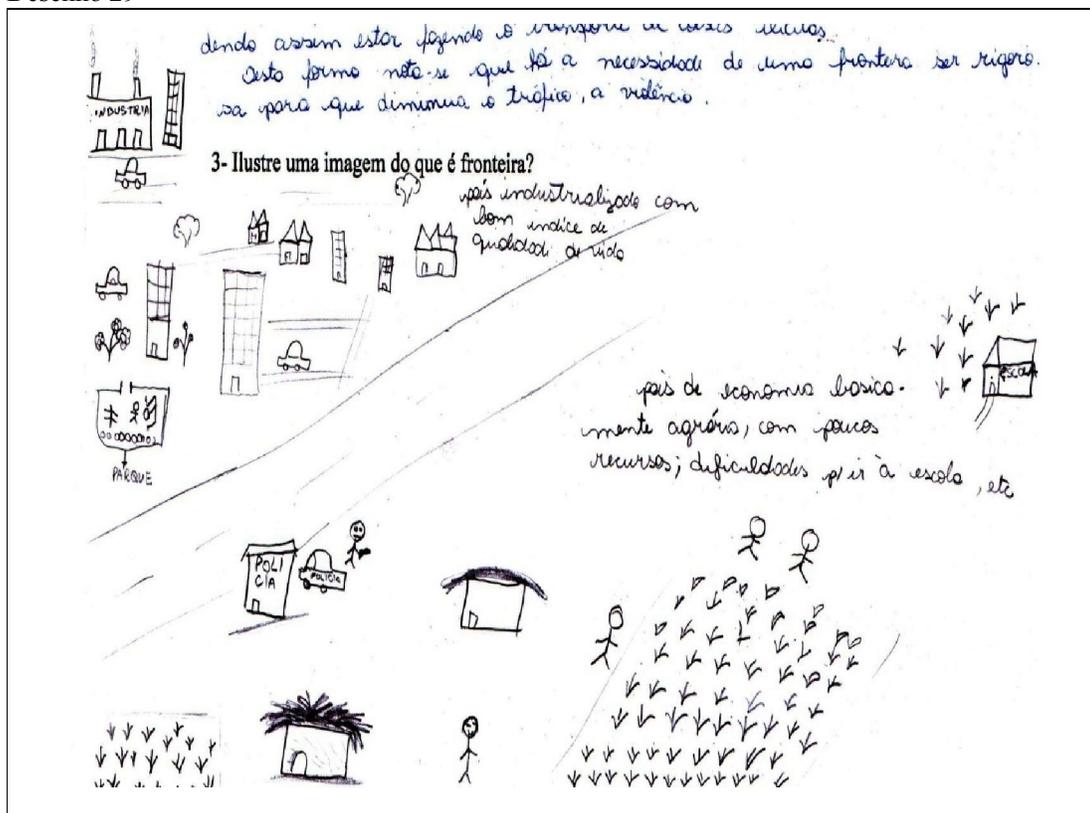
Outro grupo que surpreendeu foi o dos alunos que ilustraram imagens do que é fronteira, esquivando-se do *lócus*, mas equivalente às representações metafóricas de fronteira.

Carregadas de imaginários próprios estas representações transcendem o sentido convencional de fronteira política, divisionista/material, navegando por caminhos filosóficos impregnados de simbolismos que só podem ser compreendidos, muitas vezes, na *alma* de cada aluno. É o que aponta Martin (1994, p. 14)

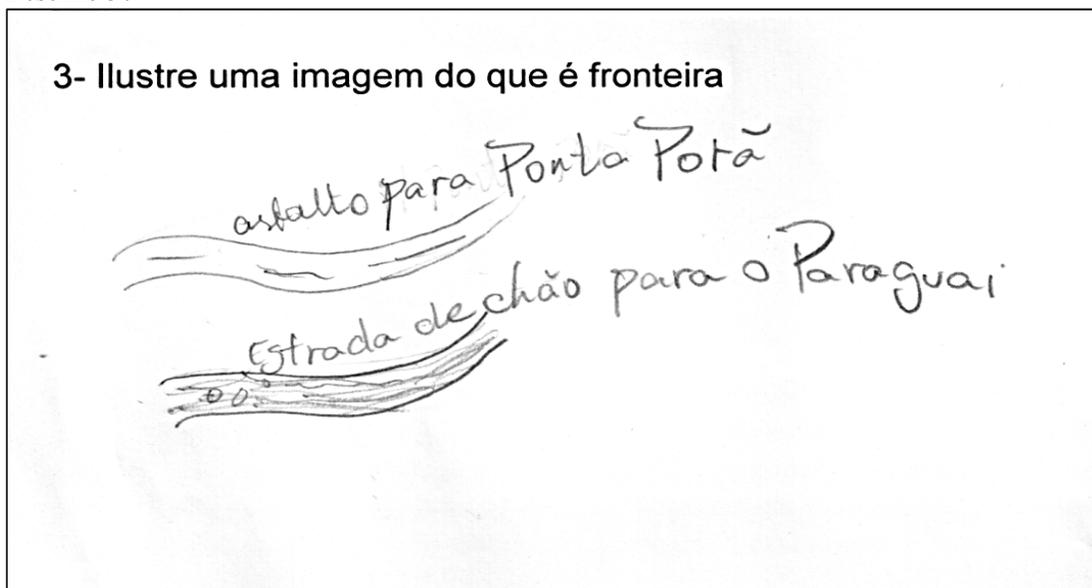
A palavra "fronteira" aparece antes num sentido figurado, e diz muito mais respeito à qualidade que distingue uma coisa da outra do que à "fronteira" propriamente dita. São utilizações que, com efeito, tomaram essa expressão de empréstimo à geografia.

Nos desenhos 29 e 30, os alunos concebem a fronteira, a partir das desigualdades socioeconômicas entre os países. Percebe-se aí então a Representação da fronteira de forma metafórica, a partir das fronteiras sociais. Contudo, também se pode destacar a ideia de limite, pela própria “rua” que separa “diferentes, “desenvolvidos” e/ou “não desenvolvidos”.

Desenho 29



(Aluno 51)

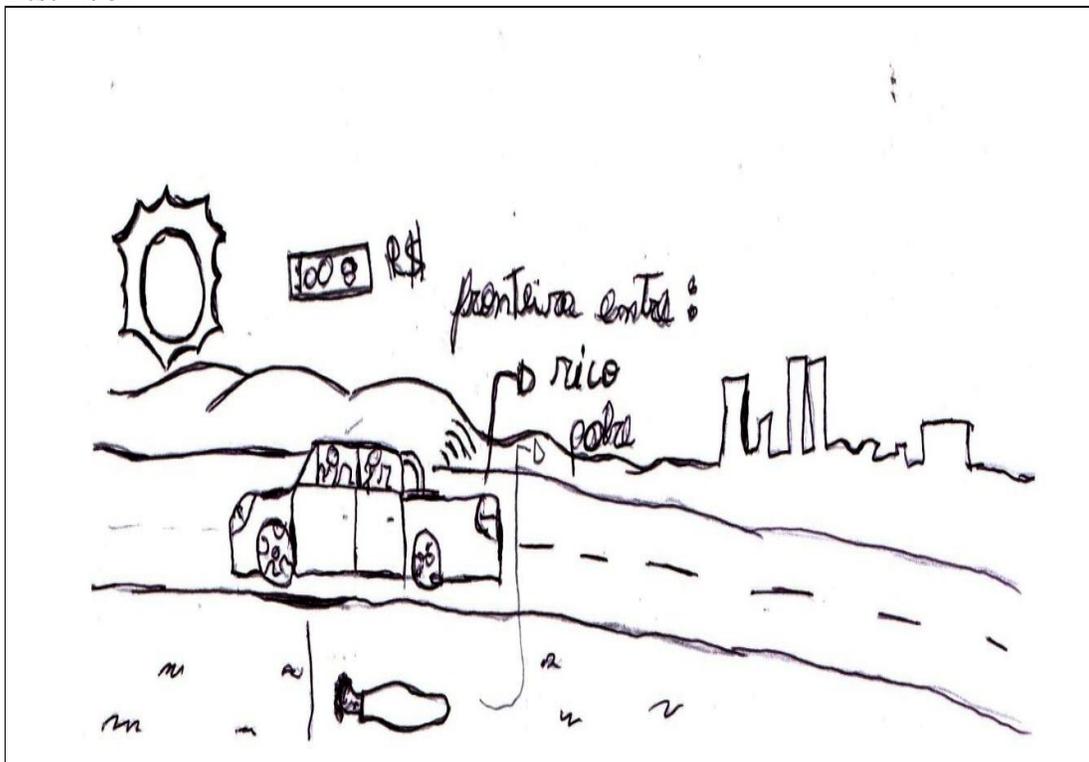


(Aluno 52)

Estes participantes da pesquisa definem o Brasil como país industrializado e urbanizado (“asfalto para Ponta-Porã”) é sinônimo de desenvolvido (“bom índice de qualidade de vida”) e ao Paraguai cabe a condição de precariedade (“Estrada de chão para o Paraguai”) é sinônimo de subdesenvolvido (“poucos recursos, dificuldades para ir à escola, etc.”).

No desenho 31, a seguir, é também possível perceber que o aluno concebe a fronteira a partir das desigualdades socioeconômicas, com uma diferença: o mesmo desenho retrata as desigualdades entre indivíduos na sociedade e não entre países. Tal representação permeia uma discussão em torno do modo de produção capitalista e suas contradições. O paradoxo entre o SER e o TER também se estabelece na realidade do cotidiano escolar, quando os sujeitos podem se autoavaliar de acordo com o seu potencial de consumidor.

Desenho 31



(Aluno 53)

Certamente, essa que parece ser uma situação que expressa o cotidiano vivido, também sinaliza sobre a sociedade e as desigualdades sociais. Aspectos estes que podem identificar conhecimento empírico e/ou acumulado em disciplinas escolares com a Geografia, a História, a Sociologia e outras.

A representação do muro de Berlim no desenho 32, pelo aluno 54, representa uma condição metafórica da fronteira que separou um país em dois, sob dois regimes políticos diferentes, o que demonstra um conhecimento geográfico, que impõe à fronteira a condição de limite político territorial. Aqui também a fronteira explicitada está carregada de representação política que pode ser crítica ou não, se for mera constatação.

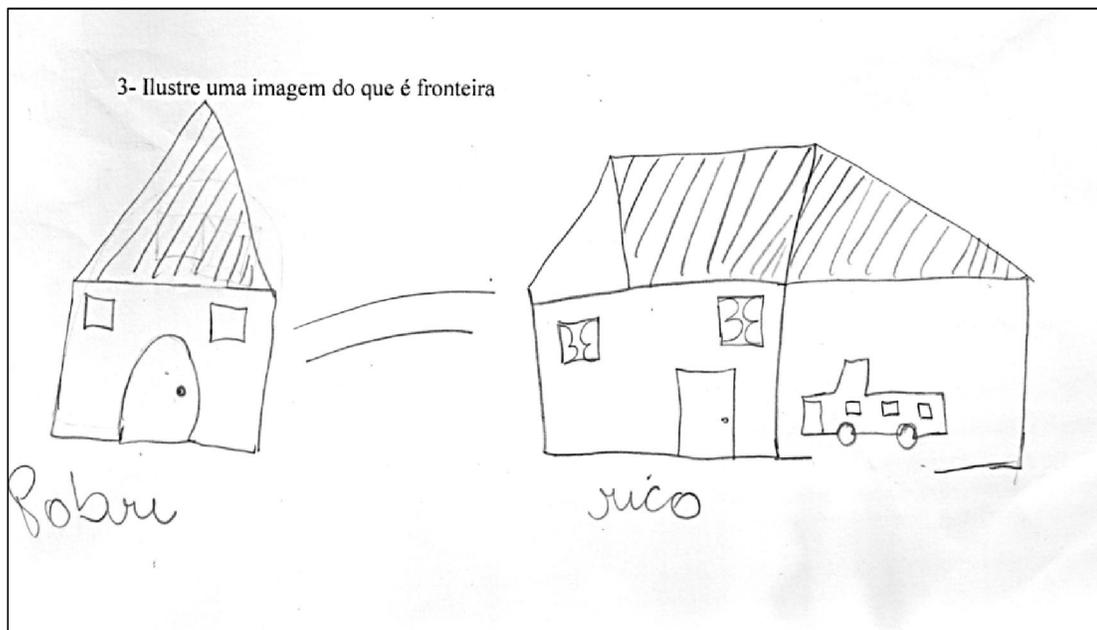
Desenho 32



(Aluno 54)

Por outro lado, ao retratar o muro de Berlim, o aluno 54 nos faz pensar que as fronteiras são definidas pelos interesses de determinados sujeitos, principalmente nas práticas ideológicas, contribuindo assim para desvendar as fronteiras sociais, como a sociedade produz bens e serviços e como os utiliza e os distribui. Muito bem retratado no desenho 33, pelo aluno 55.

Desenho 33

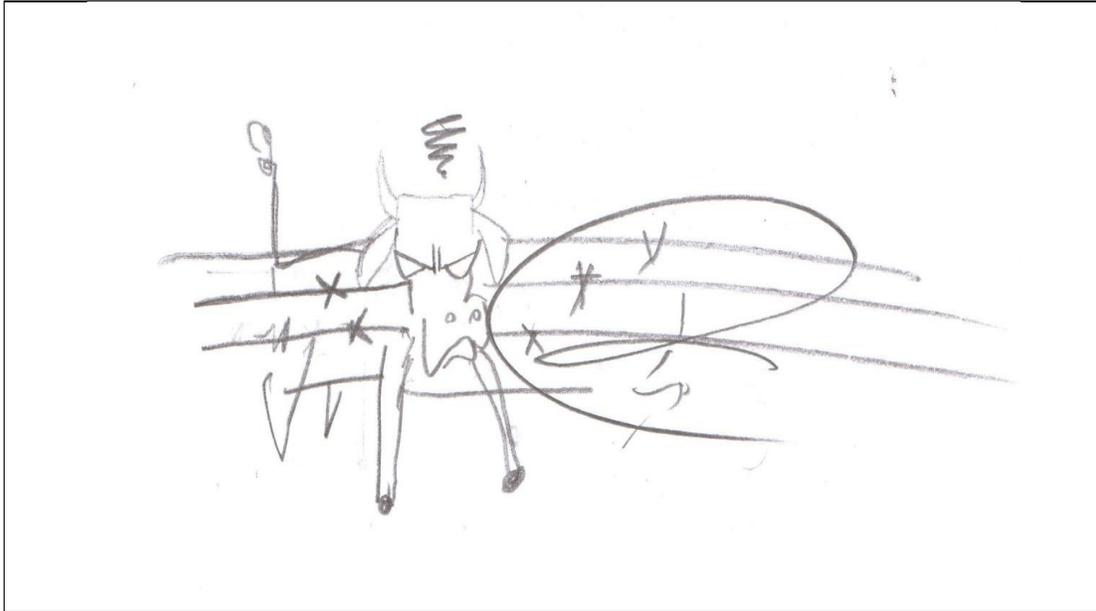


(Aluno 55)

No desenho a seguir o aluno retrata barreiras de transposição, sejam elas físicas ou de ressignificação humana. Alude a uma suposta decepção estabelecendo uma ligação entre as dimensões físicas fronteiriças, representadas pela cerca que impede o movimento e os limites psicológicos e/ou humanos e que se poderia interpretar, como retratou Martin (1994, p.14) descrevendo que a fronteira:

Não implica uma zona de paragem duradoura, mas pelo contrário, uma paragem momentânea frente à falta de condições vitais necessárias à continuação do movimento ou então, frente à resistência de outro movimento no sentido oposto. A fronteira poderá avançar se as condições vitais o favorecerem nesse sentido ou se o movimento no sentido contrário enfraquecer. Inversamente poderá recuar se perder vitalidade ou se a força oposta se tornar mais poderosa.

Desenho 34



(Aluno 56)

A imagem do boi preso à cerca, certamente retrata muitas ideias e representações que se constituem na riqueza desse procedimento metodológico: abrir todas as possibilidades de “olhares, para cada um e para todos. Certamente fica como máxima o impedimento da mobilidade, por um lado, e “dês” humanidade dos “limites” fronteiriços, condição que é de frustração e de alienação.

Como ajudar os alunos a lidarem melhor com as categorias e os modos de realização de seu cotidiano? Como sair da queixa, do desânimo? Como observar melhor nossas próprias dificuldades, preconceitos e insuficiências? Como convencer nossos alunos

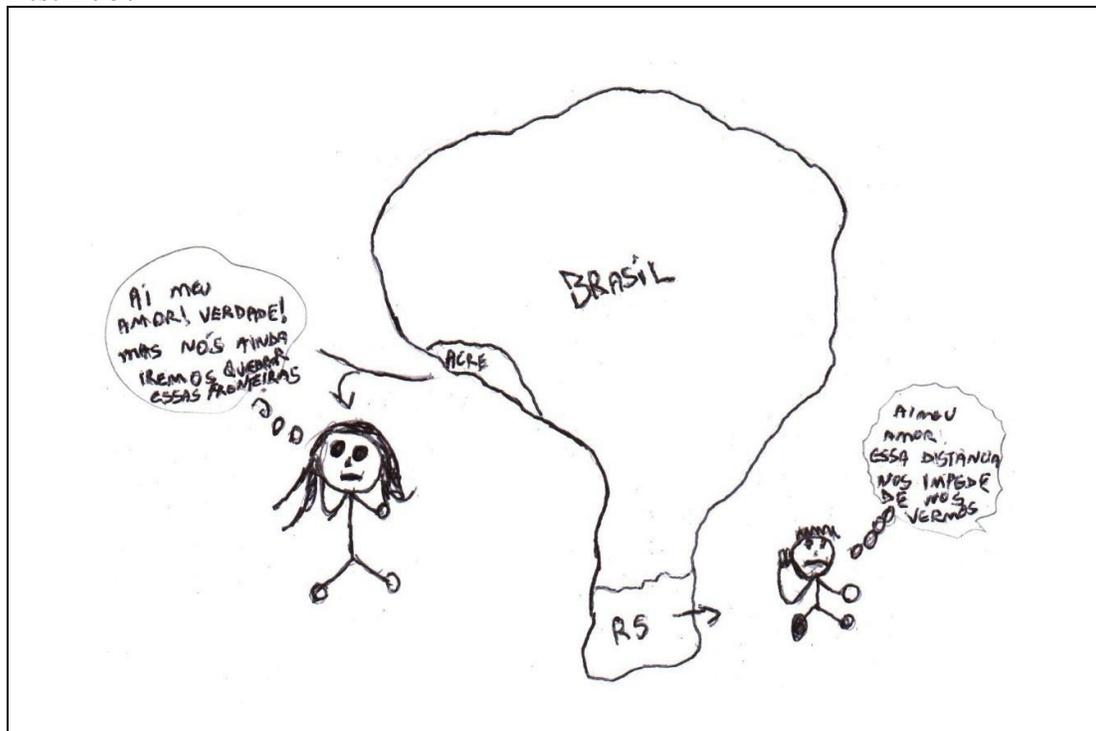
de que há formas melhores e mais saudáveis formas de vida? Como rever padrões, assumir nossos erros e nossas limitações? Como realizar e compartilhar projetos que valem à pena? Como construir sentido para nossa vida e aceitá-la em sua complexidade e precariedade? Todos esses questionamentos são pertinentes ao cotidiano na sala de aula. Essas ilustrações contribuem com as reflexões.

Nos desenhos 35 e 36 os alunos, ao desenhar supostamente uma “fronteira do amor”, nos permitem percebê-los como sujeitos que se constroem nas relações entre um mundo externo, estruturado pela cultura e pelas condições históricas, e por um mundo interno, não somente no aspecto cognitivo, mas afetivo que envolve desejos, pulsões, sentimentos e emoções.

Desenho 35



(Aluno 57)



(Aluno 58)

Os próprios Parâmetros curriculares Nacionais (PCN) enfatizam que na vida pessoal há um contexto importante o suficiente para merecer consideração específica, que é o do meio ambiente, corpo e saúde. Condutas ambientalistas responsáveis subentendem um protagonismo forte no presente, no meio ambiente imediato da escola, da vizinhança, do lugar onde se vive.

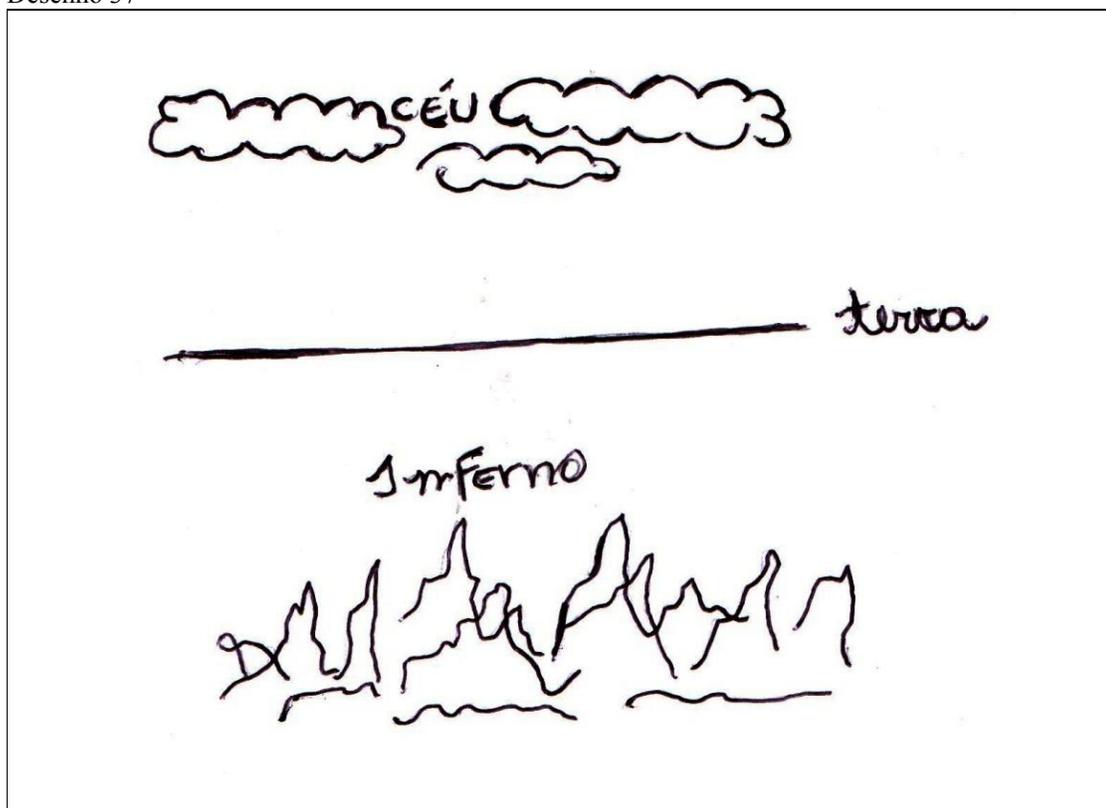
As visões, fantasias e decisões sobre o próprio corpo e saúde, base para um desenvolvimento autônomo, poderão ser mais bem orientadas se as aprendizagens da escola estiverem significativamente relacionadas com as preocupações comuns na vida de todo jovem: aparência, sexualidade e reprodução, consumo de drogas, hábitos de alimentação, limite e capacidade física, repouso, atividade, lazer. (BRASIL, 2001, p.81)

Reportamo-nos aos PCNs para considerar que se consolidem conceitos para além do conteúdo de uma disciplina. Certamente o envolvimento emocional em pauta, que coloca a distância “amorosa” expressa na construção do conhecimento sobre “fronteira consolidada”, qual seja: de separação. Para esses alunos é clara a representação de fronteira com o espaço que desune.

Assim significa dizer que os conhecimentos de Geografia acumulados, em todo o período escolar desses alunos, aliado as reflexões sobre fronteira nas aulas de Geografia, já mencionado na introdução deste trabalho, certamente contribuíram para essa representação ideológica de fronteira.

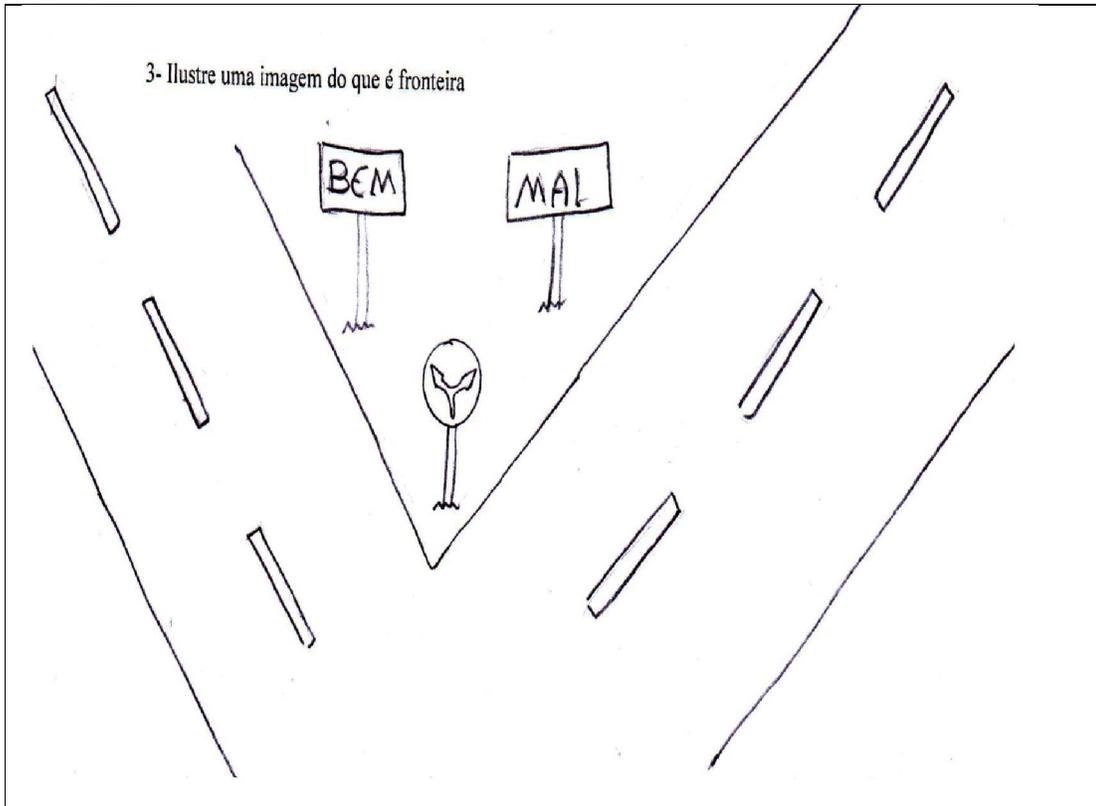
Analisando os desenhos 37, 38, 39 e 40, a seguir, é possível exemplificar como as preocupações dos jovens refletem as práticas sociais do cotidiano, situações novas ou questões da vida cotidiana como a “fronteira”, entre a crença e o credo, entre o bem e o mal, entre a vida e a morte ou até de intimidade do ser humano, são colocadas à tona no espaço sala de aula:

Desenho 37



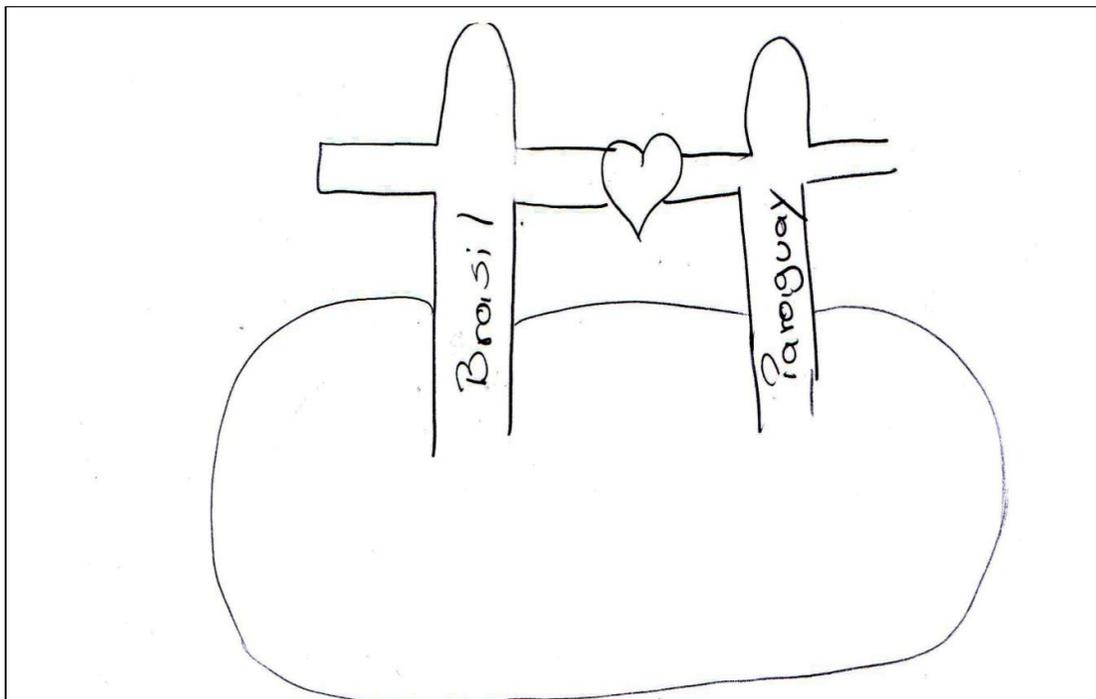
(Aluno 59)

Desenho 38



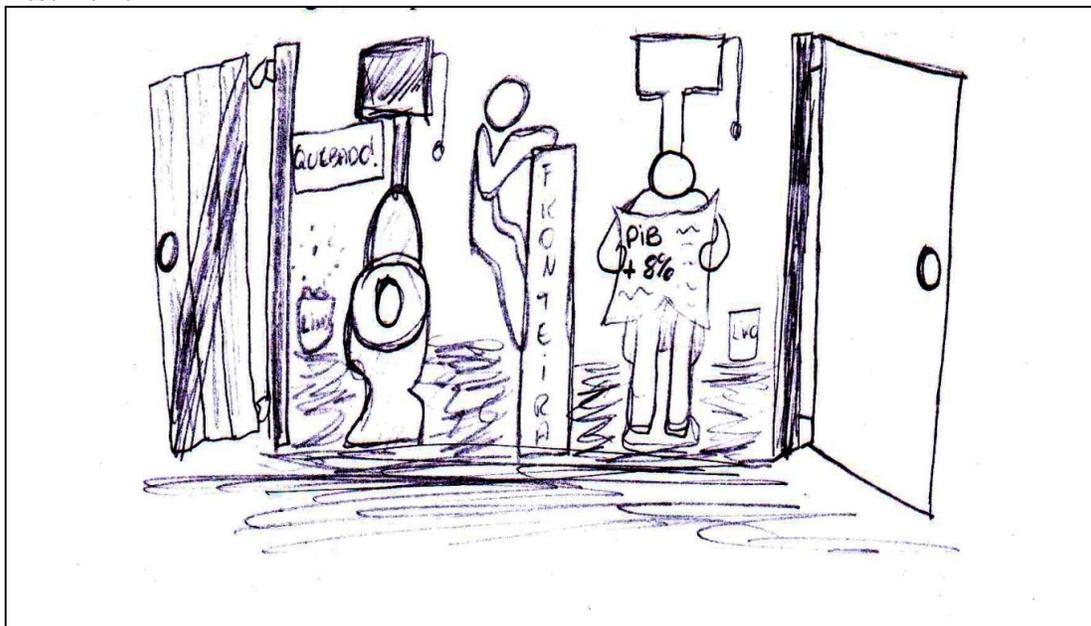
(Aluno 60)

Desenho 39



(Aluno 61)

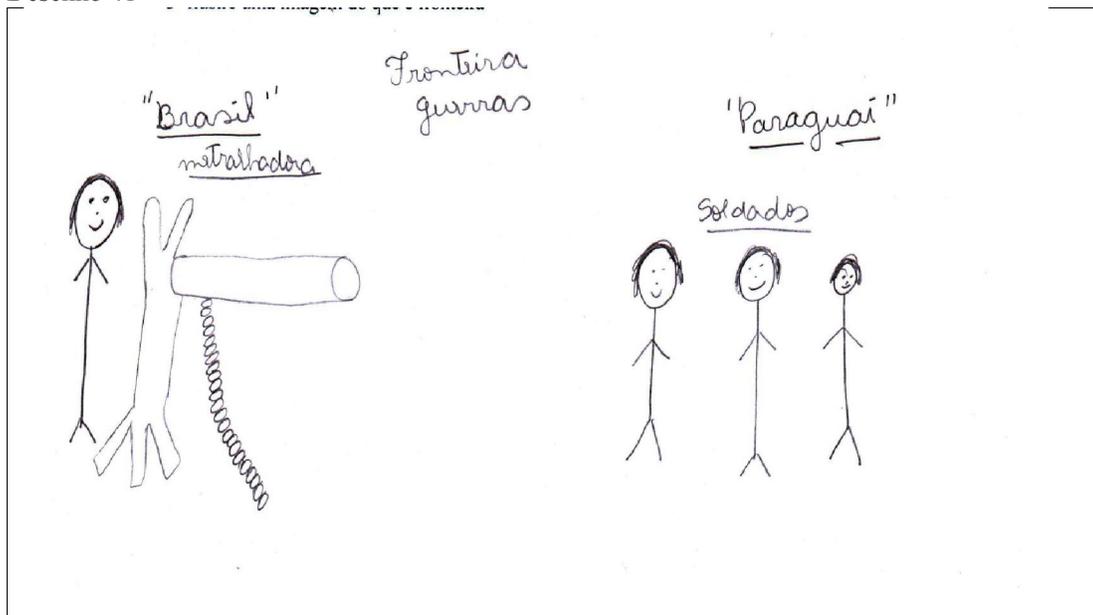
Desenho 40



(Aluno 62)

Representações da fronteira como palco da contravenção, do tráfico de drogas e armas, da pirataria, novamente surgiram no cenário dessa pesquisa. Observemos os desenhos 41 e 42:

Desenho 41



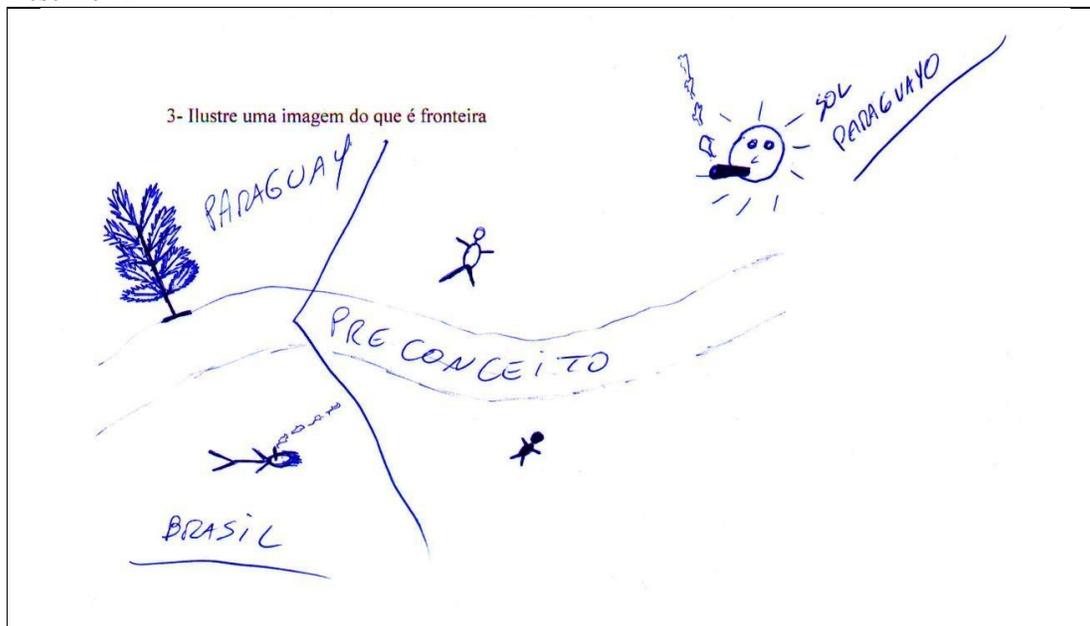
(Aluno 63)

A violência também é explícita nos desenhos dos alunos. A fronteira é palco de uma guerra. Poderia o aluno comparar o poder bélico entre os dois países, haja vista ter relacionado o Brasil a uma “metralhadora” e o Paraguai a “soldados”, sem armamentos. A representação que este faz da fronteira pode reforçar o sentido dos confrontos políticos atuais entre setores da sociedade paraguaia (campesinos, intelectuais, religiosos, políticos de oposição) e imigrantes brasileiros, sojicultores no Paraguai, conhecidos como brasiguaios.

No desenho 42, até mesmo a representação do “sol” está relacionada com a questão da contravenção, observando que o aluno fez questão de expressar o sol fumando e a “*cannabis sativa*”²³ vinculados ao Paraguaio Brasil o consumo “está lá”.

O aluno também ilustra a fronteira entre esses dois países, alicerçada sobre a palavra “preconceito”. Qual seria esse preconceito? Estaria o aluno referenciando a fronteira como local da contravenção? Seria esse o motivo de externar a palavra “preconceito”? É difícil imaginar e/ou conjecturar sobre a ideia de preconceito não expressa na sua plenitude. Contudo, é clara a vinculação da relação fronteiriça com a maconha de “um lado e de outro lado” da fronteira.

Desenho 42



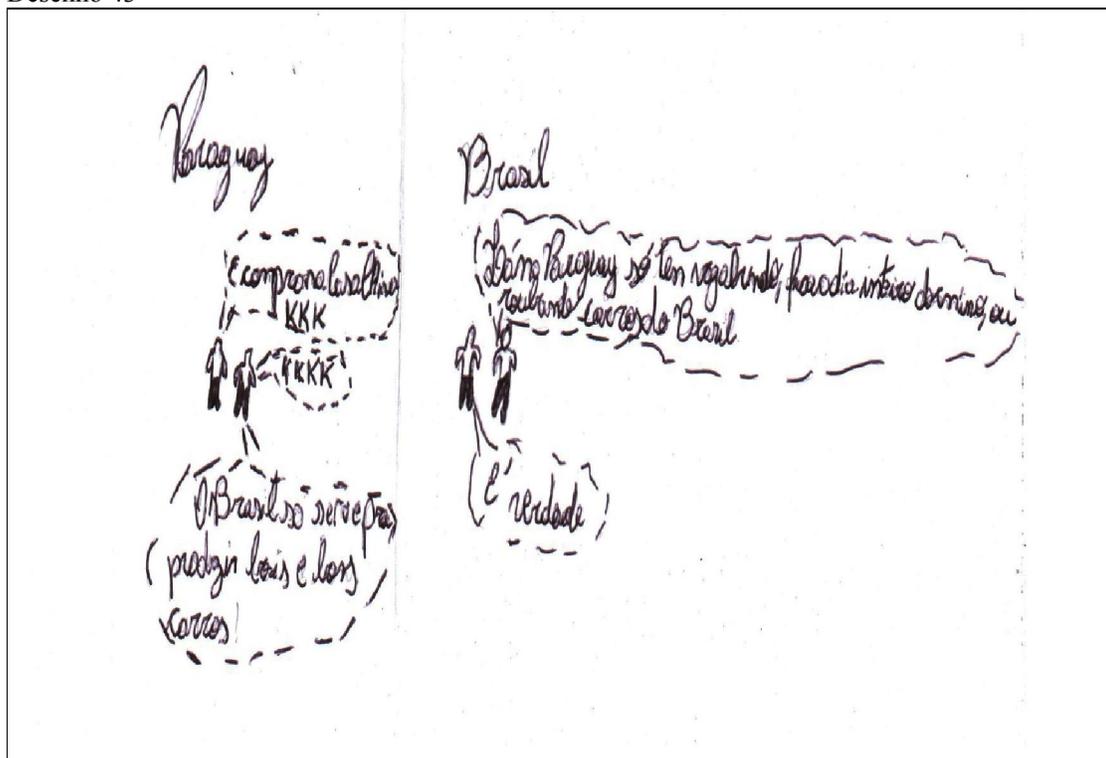
(Aluno 64)

²³Planta herbácea da família das Canabiáceas (Cannabaceae), amplamente cultivada em muitas partes do mundo. Sua resina tem propriedades psicoativas bem documentadas podendo atuar como analgésico, anódino, antiemético, antiespasmódico, calmante do sistema nervoso, embriagador, estomático, narcótico, sedativo, tônico.

No desenho 43, através da análise dos balões de diálogo, é possível perceber a visão do aluno 65 sobre o Paraguai e também sobre o que supostamente os paraguaios podem vir a pensar do Brasil.

Esse pode ser outro exemplo claro de homogeneização da realidade, carregada também de preconceito, haja vista que no “diálogo estabelecido” “brasileiro e paraguaio” expõem seus pontos de vista sobre ambos os países, permeados por máximas que expressam a ideia da preguiça, amplamente difundida na fronteira.

Desenho 43



(Aluno 65)

No balão maior temos a seguinte “fala”: “Lá no Paraguai só tem vagabundo, fica o dia inteiro dormindo ou roubando carros do Brasil”. Concebendo a fronteira “Brasil-Paraguai” como o lugar do preguiçoso e dos ladrões de carros, o aluno expõe aqui uma generalização da realidade. Para Albuquerque (2010, p.175):

A sócio-dinâmica das relações interdependentes entre grupos sociais que detêm maior prestígio e outros que estão em situação inferior pode contribuir para uma melhor compreensão dessas representações entre brasileiros e paraguaios. O diferencial de poder entre os grupos propicia aos setores estabelecidos criarem uma autoimagem positiva e a estigmatizarem os que estão em posição inferiorizada. Os grupos

marginalizados quando alcançam algum grau de organização criam um conjunto de palavras depreciativas para desqualificar aqueles que detêm maior prestígio.

Por outro lado, o aluno, ao ressaltar no balão abaixo que “O Brasil só serve para produzir bois e bons carros” acaba por conceber uma suposta representação que os paraguaios constroem sobre o Brasil, sendo este um país “expansionista” e “imperialista” e que está se consolidando como potência na América Latina, sendo “eles”, os paraguaios, prejudicados e menosprezados nesse contexto.

Há, portanto uma condição que é pejorativa por um lado e de submissão e atraso, mas que, contraditoriamente é no Paraguai identificada como “Casa China”, que o poder Paraguaio se realiza. Na imagem dos alunos esta representada também uma condição de “poder ter” que o brasileiro não tem, qual seja o acesso aos produtos do mundo.

Evidentemente, uma condição que poucos paraguaios podem usufruir. Essa é uma representação muito rica, a do aluno, pois retrata o “pensamento sobre o outro”, que é ideológico.

O desenho 44 reforça esse sentido e também o de identificação desse espaço como o império da informalidade, onde com uma economia subdesenvolvida reexportadora possui milhares de comerciantes de rua nas cidades e como no reino da irregularidade, se paga propina a tudo e compra-se de tudo, mesmo que seja mercadoria ilegal.

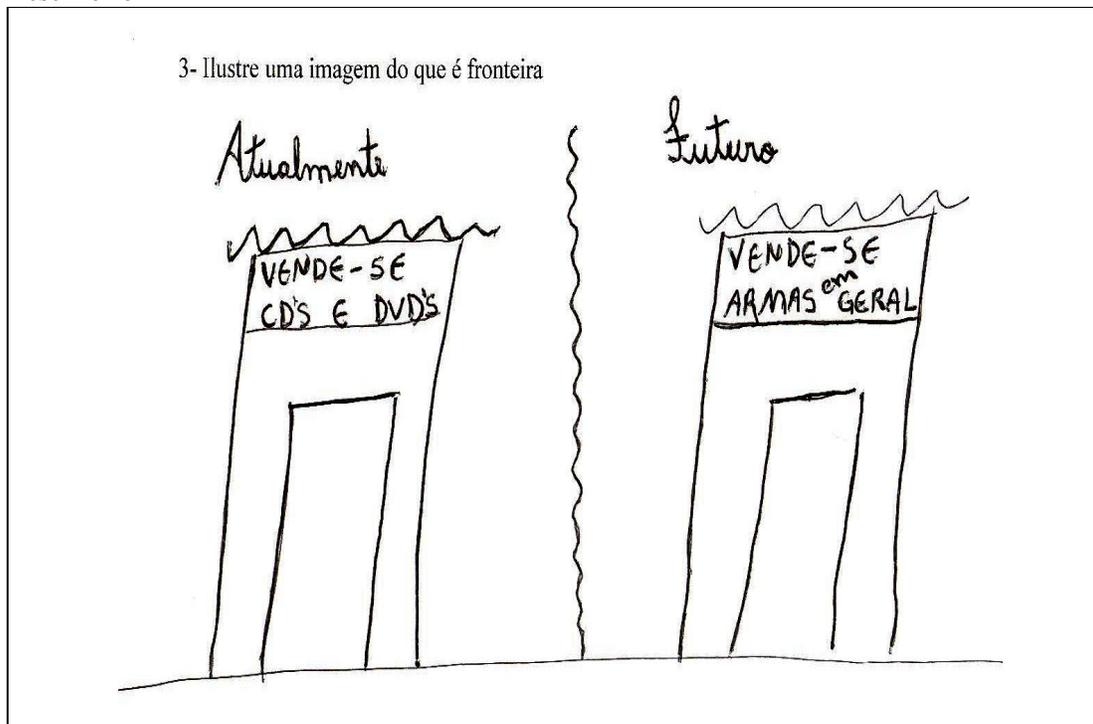
Desenho 44



(Aluno 66)

É possível pensar ainda se esse grande número de camelôs e vendedores de rua é de profissionais por opção ou eles foram obrigados a mudar o rumo de suas vidas pelo desemprego crescente. A falta de opções, muitas vezes, leva indivíduos a caminhos tortuosos, principalmente na fronteira, é o que retrata o desenho 45, pelo aluno 67, onde uma banca de venda de “CDs e DVDs” pode vir a ser uma banca de vendas de “armas em geral”.

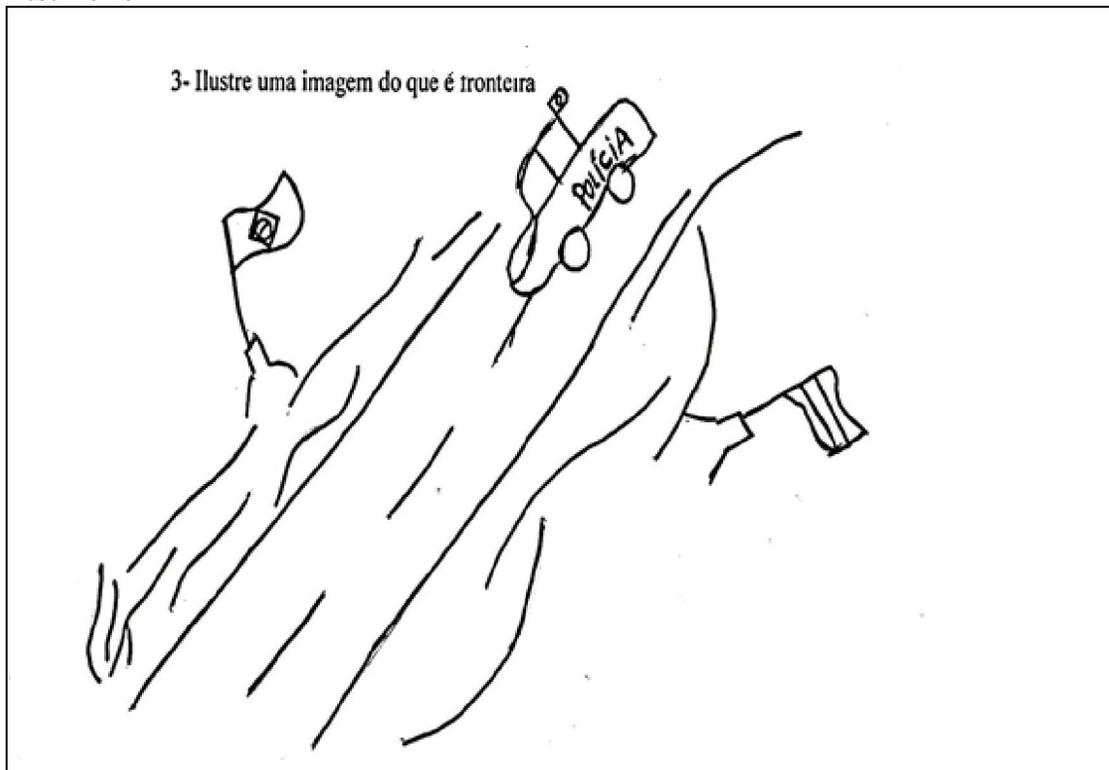
Desenho 45



(Aluno 67)

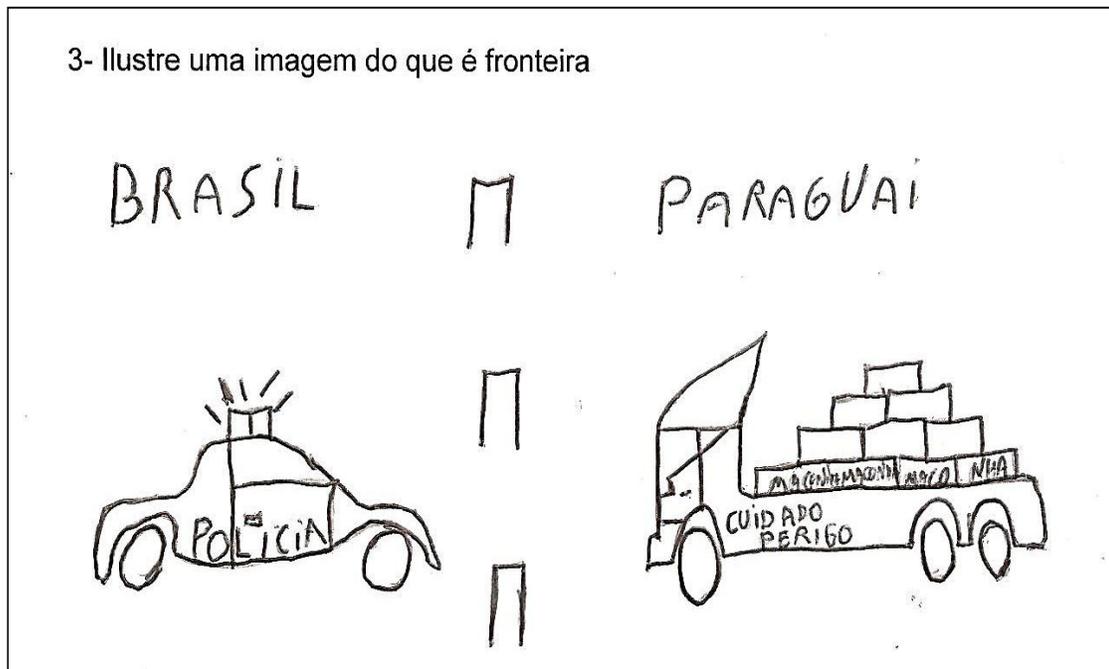
Essa vulnerabilidade da fronteira faz com que se tenha também uma imagem de insegurança nesse lugar específico. Isso é possível perceber nos desenhos a seguir: 46, 47 e 48, nos quais os alunos retratam a presença da polícia na fronteira.

Desenho 46



(Aluno 68)

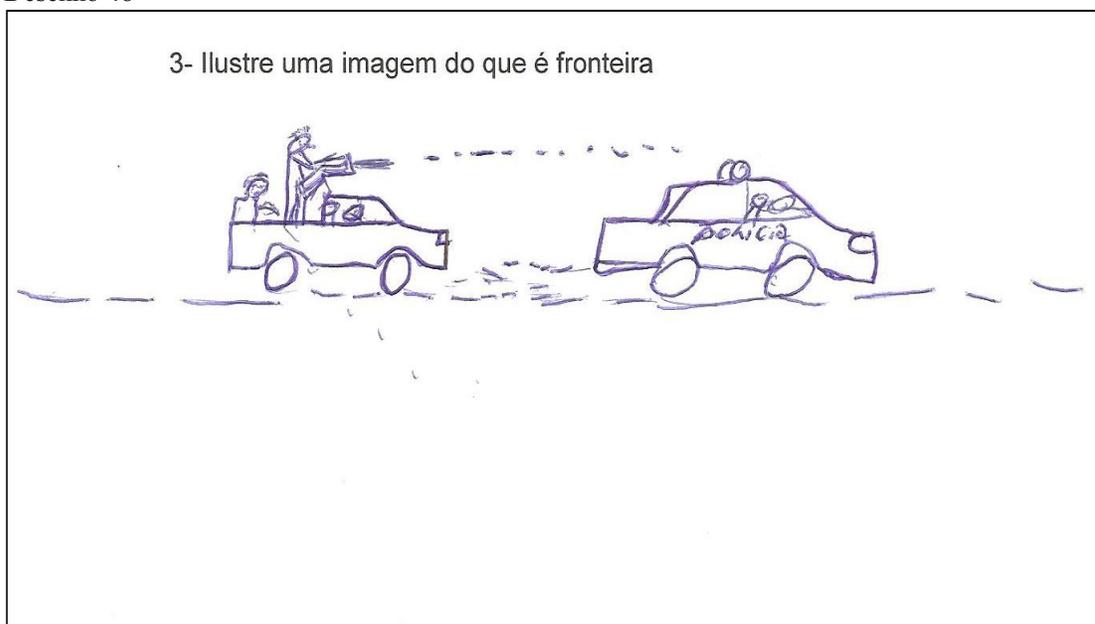
Desenho 47



(Aluno 69)

No desenho 48, ao desenhar uma perseguição, “a polícia é rechaçada pelos traficantes”. Dessa forma o aluno 70 representa a fronteira como local de pouca presença do Estado ou do despreparo desse Estado, se mostrando inerte frente a essa realidade.

Desenho 48

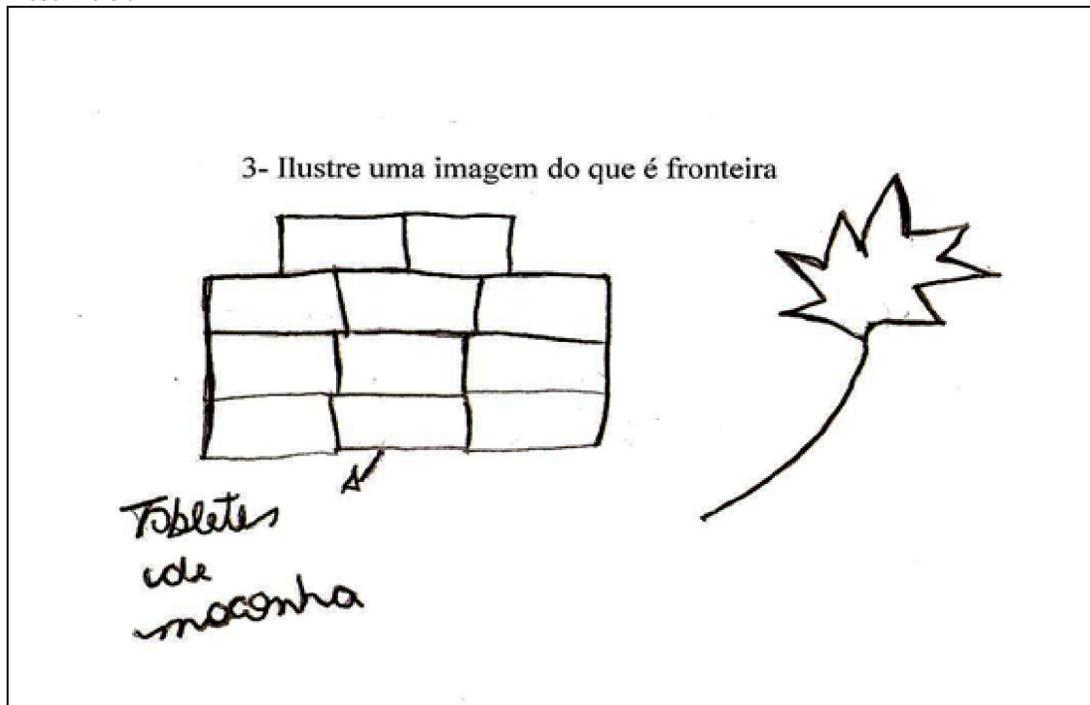


(Aluno 70)

Desenho 49



(Aluno 71)



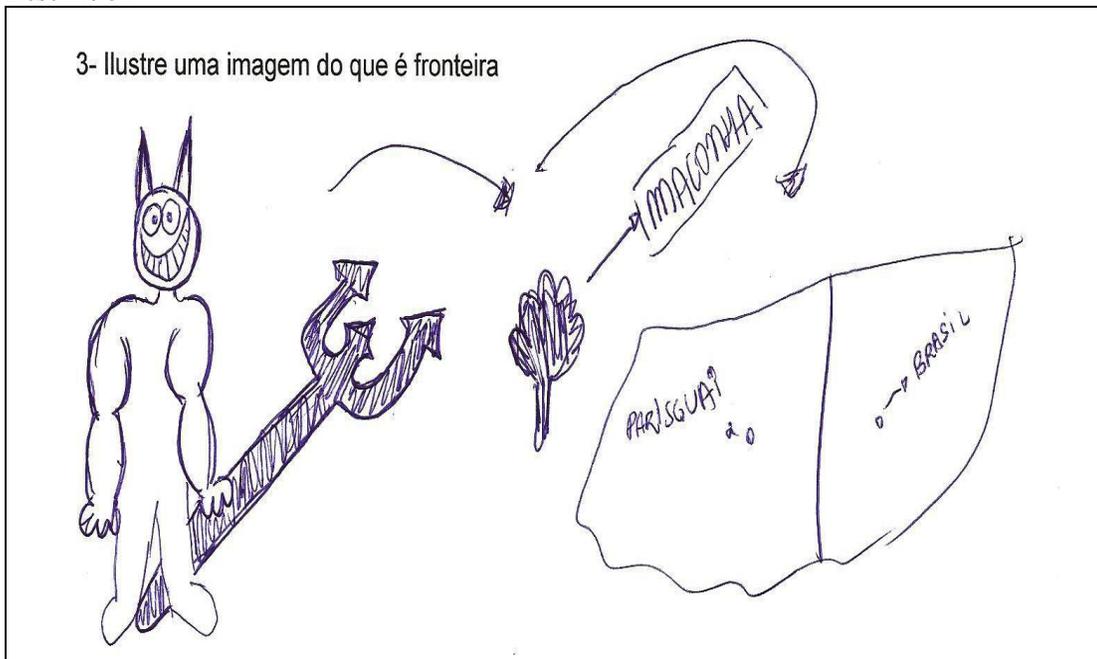
(Aluno 72)

Nestes desenhos, 49 e 50, os alunos representam a fronteira a partir da comercialização das drogas. A própria gíria “vo compra da boa!” e o próprio saber que a maconha é comercializada por “tabletes” revelam nesses alunos “o viver a fronteira”.

Nos desenhos a seguir, 51 e 52, percebemos o quanto a representação da fronteira, a partir da ideia da contravenção está presente no cotidiano desses alunos, principalmente da existência do ideal de capitalização de recursos a partir do narcotráfico.

Nos últimos anos, mesmo com a inserção de uma política ferrenha de combate a esse narcotráfico pelo governo federal, seu núcleo logístico ainda continua na fronteira “Brasil-Paraguai”. Dessa forma materialismo e atividades ilícitas são interdependentes nesse processo, o que às vezes, faz jovens se aventurarem em busca de melhores condições de vida.

Desenho 51



(Aluno 73)

Desenho 52



(Aluno 74)

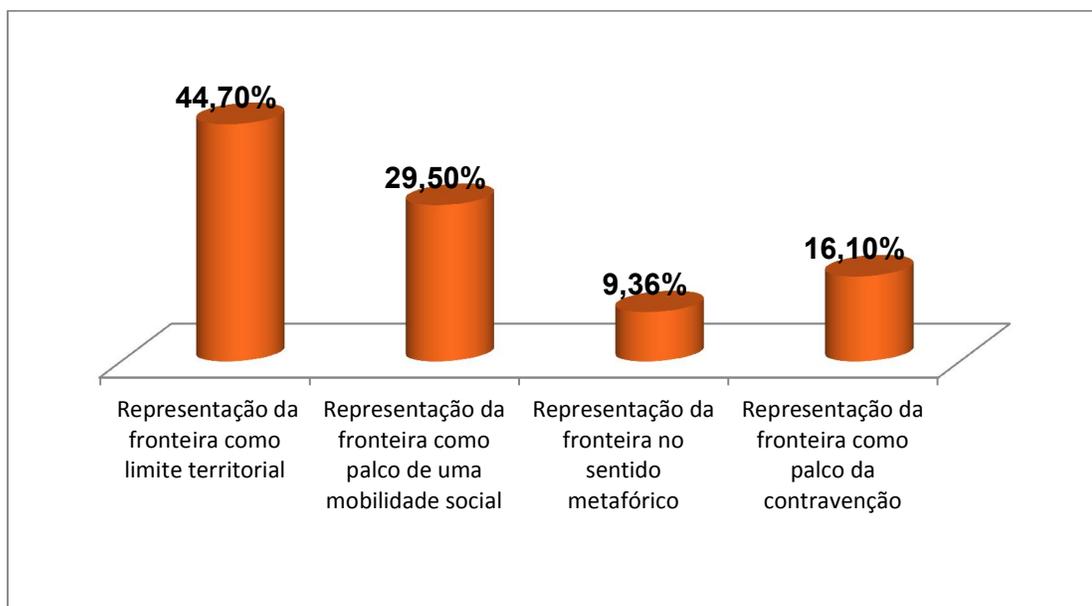
3.3 Sistematizando ideias: construindo representações

Seguindo os ditames propostos de acordo com os ideários predominantes idealizado nessa pesquisa, do total de 435 (quatrocentas e trinta e cinco) representações em 327 (trezentas e vinte e sete) ilustrações apresentadas:

- 200 (duzentas) tiveram em sua essência a representação da fronteira como limite territorial, ou seja, 44,7% do total de 435 (quatrocentas e trinta e cinco) representações;
- 128 (cento e vinte e oito) tiveram em sua essência a representação da fronteira como palco de uma mobilidade social, ou seja, 29,50% do total de 435 (quatrocentas e trinta e cinco) representações;
- 41 (quarenta e uma) tiveram em sua essência a representação da fronteira no sentido metafórico, ou seja, 9,36 % do total de 435 (quatrocentas e trinta e cinco) representações;
- 66 (sessenta e seis) tiveram em sua essência a representação da fronteira como palco da contravenção, ou seja, 16,10 % do total de 435 (quatrocentos e trinta e cinco) representações.

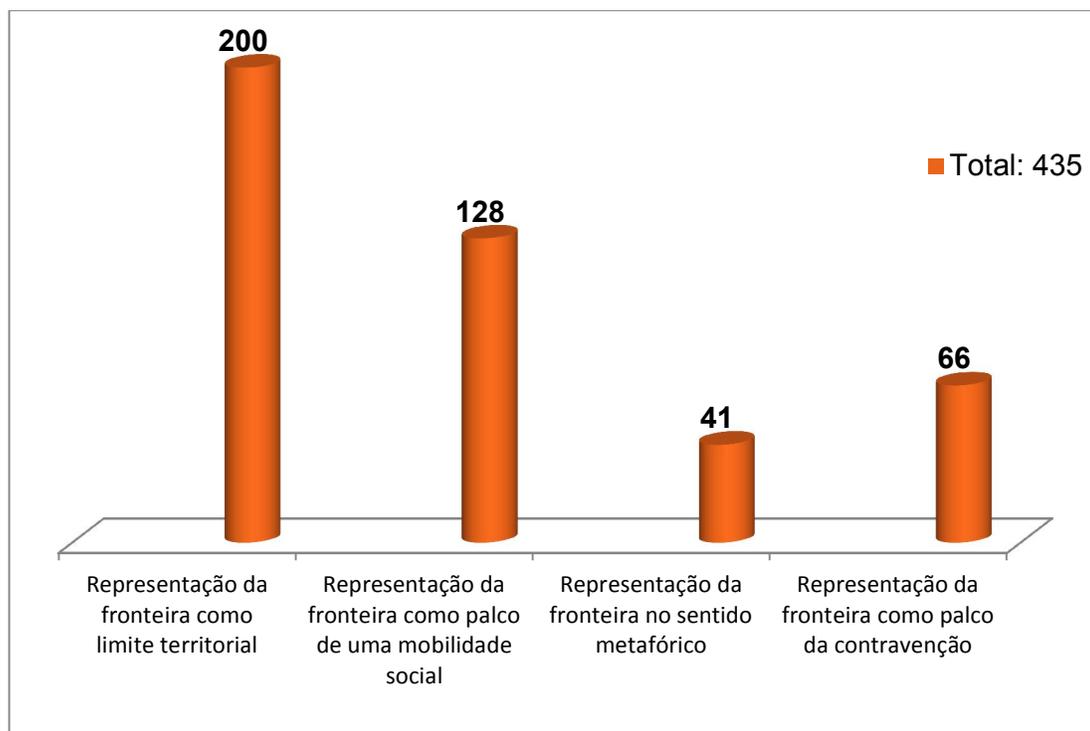
Apresentaremos esses números nos gráficos a seguir para melhor visualização dos dados:

Gráfico 07 – Representações da fronteira (%). Geral



Fonte: Questionário aplicado aos alunos do 3º ano do ensino médio das escolas estaduais de Amambai - ano 2010 (Org.) Michenco 2010

Gráfico 08 – Representações da fronteira (em números absolutos). Geral



Fonte: Questionário aplicado aos alunos do 3º ano do ensino médio das escolas estaduais de Amambai - ano 2010 (Org.) Michenco 2010

Analisando os gráficos 07 e 08 percebe-se que houve uma maior identificação dos alunos com a fronteira como limite territorial, o que demonstra uma aquisição de conhecimentos geográficos por esses alunos. A ideia da fronteira como limite se constituiu também de forma majoritária nas Questões 01 e 03.

O fato de estes desenhos representarem a fronteira nos esboços de mapas demonstra uma capacidade de visualização espacial e de definição de escalas que podem ser referências no domínio de aspectos socioeconômico, político e cultural da sociedade em escalas variáveis, ou seja, local, regional e global.

Na Questão 02, tivemos o predomínio da representação da fronteira como palco de uma mobilidade social, talvez aqui pela própria acepção do conceito de fronteira (Quando você ouve ou lê a palavra fronteira o que você lembra?) que remete ao sentido de indagação sobre elementos da percepção do indivíduo.

Quando falamos sobre estudos de percepção dentro do contexto da representação geográfica, Kozel (2010) nos remete a cognição. Ela reforça a importância da percepção e

da cognição aliadas à representação. Para esta autora a cognição estaria ligada à percepção que cada um constrói da realidade, construindo o objeto de conhecimento, de maneira a apreender o mecanismo desta construção, formando o símbolo do próprio objeto, como uma espécie de imitação interiorizada.

Portanto, as representações da fronteira como palco de uma mobilidade social estiveram permeadas de percepções individualizadas, regra que pode ser posta também nas representações da fronteira metafórica, pois estas, mais do que nunca, são permeadas por individualidades, diferente, por exemplo, das representações da fronteira como palco da contravenção que se apresentam num plano coletivo de representações.

A representação majoritária expressa nos desenhos consolidou o que já estava demonstrado pelos dizeres dos alunos, de modo que as ilustrações fecham a análise e ratificam que não é a contravenção a representação de fronteira dominante entre os alunos do ensino médio pesquisados. Ainda que sejam fortes as imagens que representam esse ideário.

Da mesma forma, há conhecimentos em extensão oriundos dos ensinamentos de Geografia, de História, entre outras disciplinas escolares que alimentam, juntamente com valores e olhares cotidianos o pensamento sobre a fronteira, majoritariamente consolidada como lugar, como divisa e também com forte apelo para uma visão de diferenças e limites sociais, de desenvolvimento econômico, técnico e tecnológico.

Ratifica-se, assim, a importância da existência da escola, como contraponto ao discurso da mídia, através das possibilidades de consolidação do movimento e da crítica, com certeza encontrada no material empírico analisado, ainda que pudesse ser potencializado, com discussão das ideias, desmistificações de valores preconceituosos e verdades estabelecidas à *priori*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais reunimos o conjunto de idéias conclusivas desenvolvidas neste trabalho, com o objetivo de contribuir para desmistificar o ideário dominante de fronteira pautado na contravenção e no crime, no metafórico, para reforçar outros olhares, ao que parecem mais permeados por saberes em extensão apreendidos na escola e incorporados na construção do conhecimento da fronteira e que foram nessa pesquisa captados/ou outros veículos, como é o caso de veículos da imprensa e a ferramenta internet.

Foram constatadas nos discursos e nos desenhos dos alunos uma diversidade de representações da fronteira que acabaram por contemplar, elementos de ordem espacial física e elementos de ordem social, nessa pesquisa.

Consideramos aqui como elemento de ordem espacial física as representações que legitimaram a fronteira como limite. Dos questionários respondidos, encontramos 44,7% de respostas em que a fronteira é claramente identificada como *locus* (ou lugares) em que há a separação, onde se estabelecem o limite entre povos e países. Verificamos que houve um predomínio de representações que configuram os elementos dessa ordem, onde a fronteira foi representada pela maioria dos alunos de forma a identificar os respectivos limites entre países, expostos principalmente nos desenhos. Nas representações figurativas dos alunos 38,8% delas expressam essa condição fronteira.

Esse limite, predominante nas representações, trás consigo reflexos do ensino de Geografia, com esboços de mapas e localizações de países muito bem identificadas, havendo a conotação de uma identificação desses alunos com esse sentido de estar próximo à fronteira, existindo assim uma assimilação da fronteira como o limite.

Nas falas e desenhos dos alunos, tais representações revelam também a fronteira como um processo de convergência de dois ou mais grupos com características étnico-históricas diferentes, que passam a compartilhar culturas, costumes, objetos e informações. Mesmo não sendo essas as representações predominantes (29,50%) consideramos que corroboram para a legitimação da fronteira como palco de mobilidade social.

Foi possível perceber que as tensões, por conta do ir e vir na fronteira, principalmente quando se refere a atividades ilícitas, colocam-se como um fator

significativo na construção das representações dos alunos. A nosso ver contribui significativamente na construção das representações negativas sobre a fronteira.

O indivíduo que habita a fronteira incorpora o direito de usar partes dos dois territórios nacionais, brasileiro ou paraguaio. E isso aparece em alguns dizeres e imagens desenhadas. A fronteira adquire, assim, um valor de identificação, a partir da qual “se unifica” os que estão mais próximos do “limite político-administrativo marcado pelos Estados”: a linha de fronteira. Essa é uma situação muito interessante, no caso do Mato Grosso do Sul, fundamentalmente no Sul do estado, porque falamos de uma “linha de fronteira seca”. Em que não há obstáculos naturais como rios, montanhas, que separam um do outro. Posto dessa forma, circular pela fronteira em Amambai, mas também em Ponta Porã, por exemplo, significa estar lá e/ou estar cá, é um ato simples de atravessar a rua.

Assim, apesar de o território fronteiriço ser delimitado pelo limite internacional, vale dizer que a soma desse ir e vir com a riqueza sócio cultural, ou seja, o tereré, a gastronomia, a música e outras formas de expressões representadas nas falas e nos desenhos é que se constituem como referência de identificação. Tudo isso impregnado pela perversidade e a ilicitude que esse ir e vir também proporciona e fomenta: contrabando, tráfico, latrocínio, homicídios etc.

É aonde sinalizamos para um aspecto diferenciado, pois se cotidianamente os habitantes da fronteira interagem sem abandonar as particularidades próprias de cada cultura, mas ignoram as dimensões político-administrativas, acabam então por criar um território compartilhado que se legitima como local da diversidade e multiplicidade. Local do encontro e da cultura, palco de uma mobilidade social. Essa é uma condição que os alunos puderam expressar nos desenhos, onde pelo menos 28% deles apontam essa percepção. Em seus dizeres, da mesma forma: 30,35%²⁴ dos discursos manifestam essa visão integradora e única da condição que a fronteira proporciona em termos de vivência.

Tais considerações colocam em evidência reflexos do ensino, principalmente das áreas humanas como Geografia, História, e Sociologia. Estes reflexos, adicionados com o “vivenciar a fronteira” tornaram-se significativos na construção dessas representações, principalmente, quando observamos os desenhos que representam aspectos econômicos e culturais. Ao representar tais aspectos os alunos corroboram conhecimento empírico

²⁴ Observando que os dizeres dos alunos tiveram presentes nas questões 01 e 02, tendo a representação da fronteira como palco de uma mobilidade social na questão 01 um total de 24,4 % e na questão 02 um total de 36,3%. Logo teremos a média de 30,35% manifestando a visão integradora supracitada no texto.

articulado com o conhecimento do processo de ocupação dessa área fronteiriça. Apontamos aqui para o conhecimento de Geografia e História.

A fronteira não é só uma realidade espacial histórica, mas é também uma representação que se coloca em diferentes grupos sociais. É por isso que a chegada de novos contingentes populacionais supõe a reafirmação da fronteira. Tanto que as representações dos alunos foram permeadas por instâncias da cultura, como o tereré, o chimarrão, o futebol.

Nesse grupo, que continha representações da fronteira como palco de uma mobilidade social, a ideia de lugar se tornou conexo com essas representações. Primeiro, porque nas representações dos alunos evidenciou-se a fronteira como lugar de encontros e de diálogos, mas, também de marcação de diferenças, onde se pode produzir um distanciamento entre culturas, pelo fato de existir uma fronteira que separa e distancia, mas que também une. Segundo porque essas representações estão permeadas por subjetividades que refletem a condição de lugar.

A fronteira, caracterizada como lugar atrela-se às questões culturais, que podem imprimir vínculos sentimentais e que emanados no cotidiano corroboram para a ideia de heterogeneidade ou particularidades dessa área de fronteira, principalmente pela mescla de etnias existentes, expostas também nos desenhos. São paraguaios, indígenas, gaúchos. Sujeitos da fronteira.

No grupo que continha representações da fronteira como palco da contravenção o discurso midiático é exemplo latente de como a representação da fronteira está permeada pela ideia do território sem lei, principalmente quando se trata dos veículos de comunicação local.

Constatou-se que a mídia tem um papel fundamental neste processo de formação de representações sobre a fronteira, pois é através das notícias e dos discursos que ela apresenta é que teremos práticas sociais, bem como normas e comportamentos estabelecidos e fortalecidos, valorizados e inculcados.

Reproduzidos pelos sujeitos, essa comunicação cria uma atmosfera fronteiriça, que acompanha o cotidiano da fronteira e, portanto, dinamizam representações sobre esta. Como já afirmado, no caso do *site Amambai Notícias*, *A Gazeta News de Amambai* e até em *site* de relacionamento *Orkut*.

Por outro lado, o imaginário construído pela sociedade e propagado pelas mídias convencionais, pode criar espaços de ação frente a essa realidade fronteiriça, se refletindo

em atuações, principalmente do poder público, no combate ao narcotráfico e ao contrabando. O envolvimento também das escolas nesse processo de desmistificação da fronteira como palco da droga é de suma importância, pois é nesse espaço que deve estar presente as reflexões sobre a realidade social e/ou cotidiano do aluno.

Esse discurso da contravenção, porém, não é exclusivo dos mecanismos midiáticos. A esse olhar procuramos observar os próprios sujeitos analisados e a relação que estabelecem com a fronteira, identificando neles discursos e representações.

Se considerarmos as representações como parte de um processo dinâmico da vivência dos alunos, tanto no ambiente extra-escolar como intra-escolar, aliado aos discursos dos mecanismos midiáticos, a predominância esperada era das representações da fronteira como palco da contravenção, mas, apesar das formas dos desenhos que impelem esse sentido, não foi essa a representação predominante. Foram 16,10% das expressões discursivas que relacionaram a fronteira com a violência e a contravenção. No tocante aos desenhos isso foi 21,40%. Não se constituiu, portanto em maioria, aspecto relevante da pesquisa, pois desmistifica um pensamento sobre a fronteira, fundamentalmente para o sujeito que lá vive.

Contudo, mesmo não sendo predominante, a violência, o contrabando, a *canabis sativa*, explícitos nos desenhos, aparece como uma condição de naturalidade no cotidiano desses alunos, onde a fronteira passa a ser resignada e desassistida pelo Estado e, ainda, observamos uma submissão a essa condição.

A não predominância de desenhos e falas alusivas à contravenção, como era esperado, nos impele a pensar também que o convívio com a ilicitude e a falta de investimentos do poder público para com a segurança na fronteira ocasiona esta “naturalidade”, por um lado, pela necessária convivência e que em alguns dizeres parece ser algo que existe, não se nega, mas que é um mundo a parte: apenas para quem nele se coloca e vive. Ato contínuo a essa situação os discursos integradores para um pesquisador poderia ser uma defesa? A busca de uma valorização do “meu e do seu lugar” em uma inconsciente luta para desmistificar o mal estar de se viver sob essas condições?

No que se refere à dubiedade entre o lícito e o ilícito, como lidar com o problema do porte e da comercialização de armas? Seria viável pensar na alternativa de legalização das drogas contrabandeadas a partir da fronteira com o Paraguai? Qual o caminho a seguir entre, de um lado a valorização dos direitos autorais e, de outro lado, a tendência de

universalização e gratuidade no acesso à cultura e à informação? Uma maior repressão às atividades tidas como ilícita contribui para uma solução ou agrava o problema?

Estas e tantas outras perguntas são passíveis de maiores reflexões que corroboram, mais uma vez, para a desmistificação da fronteira como palco da contravenção.

Aspectos interessantes da pesquisa que podem contribuir para análises outras, fomentar novas leituras e traduzir comportamentos, que evidentemente não são objeto dessa investigação, mas que a riqueza de nossa base documental pode permitir avançar.

Cabe-nos aqui, portanto, constatar que há sim uma incorporação de conhecimento que permitiu uma leitura da fronteira permeada pelos saberes comumente desenvolvidos pelas matérias escolares, mas se encontram imbricadas certamente pela fronteira como palco de uma mobilidade social e da contravenção, tendo como fator central a ambiguidade entre as atividades lícitas e ilícitas, condição que aparentemente é encarada com naturalidade, como condição que essa vivência na fronteira carrega.

Impregnadas de acepções e de elucubrações que transpõem o convencional significado de fronteira tivemos também o grupo que contemplou a representação da fronteira em seu sentido metafórico.

Observamos capacidade dos alunos em articular ideias sobre questões sociais, tendo em vista apresentarem subjetivamente algumas contradições da sociedade capitalista. Percebe-se também aqui a influência de conhecimentos de disciplinas escolares, notadamente das disciplinas como Geografia, História e Sociologia, que tem em seus currículos um enfoque voltado mais para a compreensão da sociedade.

A complexidade dessas articulações de ideias abrange não só aspectos econômicos, como também aspectos culturais. É no intercâmbio entre esses elementos que as relações fronteiriças seconstituem e a nosso ver, a fronteira deve ser analisada, considerando-se esse vínculo entre a pluralidade cultural com os demais fatores que compõem as relações humanas. Mesmo porque, para além do princípio autocentrado no limite, outras formas de representar fronteira podem ser concebidas, principalmente àquelas que se referem aos anseios mais próximos dos alunos no cotidiano da sala de aula, confirmado também nos desenhos.

Enfim, as representações formadas pelos alunos ratificaram o que diz a literatura consultada, ao se constatar que por meio de aporte teórico/metodológico da geografia é possível compreender concepções distintas, principalmente sobre a fronteira Brasil-Paraguai, o foco dessa pesquisa. Essas representações ao mesmo tempo em que se

constituem como um tipo de conhecimentos geográfico do “senso comum”, veiculado e legitimado pela sociedade, constituem-se também num sistema de explicação de mundo, um esquema coerente e pertinente do real que pode ser considerado como a base para inscrever ou modificar novos conhecimentos.

A presença do desenho nessa pesquisa apresentou uma série de contribuições, principalmente no sentido de enriquecer as contextualizações e reflexões sobre a fronteira “Brasil-Paraguai” e que tal prática pode ser disseminada para as práticas pedagógicas dos professores das escolas pesquisadas.

A ação pedagógica destes professores é muito importante e de certa maneira interventiva, para contribuir e favorecer no processo de ensino-aprendizagem, conduzindo os alunos a um melhor entendimento do mundo que o cerca, possibilitando o redimensionamento de ações, afinal as próprias representações dos alunos nos revelaram que a sala de aula pode ser um espaço de múltiplas idéias.

Outra conclusão, tirada das práticas e pesquisas com desenhos é a de que a presença desta linguagem, do desenho, traz à escuta não somente os sentidos conceituais dos temas desenhados, mas também apresenta os vínculos pessoais e os valores afetivos do desenhista na obra, desenho, realizada.

Valorizar o sentido que os alunos dão ao seu espaço de vida a partir dos desenhos pode ser útil na Geografia, quando o objetivo é fazer com que eles aprendam, manipulem e compreendam a essência da complexidade e da utilidade do raciocínio geográfico no estudo das problemáticas sócioespaciais.

Novas metodologias, aliadas às imagens e conceitos do cotidiano do aluno, conforme demonstramos no decorrer dessa pesquisa são capazes de levar a várias reflexões que podem estar internalizadas nos indivíduos como expressões e/ou representações e que podem ir, de uma linguagem do cotidiano, para uma linguagem geográfica, ocorrendo assim de fato uma aprendizagem significativa, conduzindo ao redimensionamento de ações.

Vimos nas representações dos alunos uma demonstração de que a fronteira “Brasil-Paraguai”, em sua maioria ainda é o limite, mas por outro lado vimos manifestações de conhecimentos articulados que podem assoalhar novas perspectivas de “olhar o mundo da fronteira” ou formar novas mentalidades no âmbito deste “olhar”.

Entendemos que superar a discriminação e conhecer as riquezas representadas pela diversidade etnocultural valorizando a trajetória dos grupos étnicos que compõe essa

fronteira torna-se o grande desafio das escolas pesquisadas. Essas precisam se interar da problemática da fronteira para não operacionalizar um processo de ensino-aprendizagem sem conexão com a realidade.

O uso de metodologias diferenciadas no cotidiano da sala de aula torna-se uma arma poderosa nesse processo, sobretudo quando evidenciamos a vontade dos alunos em participar da atividade no momento em que nos encontrávamos nas escolas. Esse momento também demonstrou que é possível, na sala de aula, refletir sobre realidades distintas, no caso aqui a fronteira, que se configura como um importante componente da Geografia e/ou ensino de Geografia.

A constante tensão fronteiriça entre os dois países clama por uma atenção diferenciada e criativa nesta área, que ao mesmo tempo separa e aproxima brasileiros e paraguaios.

Por último, não se encerra aqui nossa busca e também este trabalho. Ao contrário, almeja-se que este corrobore para provocar reflexões em relação à fronteira “Brasil-Paraguai” e ao ensino de geografia nas escolas como instrumento de formação de sujeitos para a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABINZANO, R. C. Las regiones de frontera: espacios complejos de la resistência global. In: OLIVEIRA, T. C. M. de. **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: editora UFMS, 2005. p. 113-130

ALBANEZ, J. L. **Sobre o processo de ocupação e as relações de trabalho na agropecuária: extremo sul de Mato-Grosso (1940-1970)**. Dourados/MS, 2003. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

ALBUQUERQUE, J. L. C. **A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. São Paulo: Annablume, 2010.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, P; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo, Ed. da UNESP, 1998.

BATISTA, Luiz Carlos; et. al. Resgate e construção da memória e da história da colonização do sudeste de Mato Grosso do Sul. **Klepsidra, Revista Virtual de História**, ano VI, Janeiro – Março de 2006, nº 27. Acesso em <<http://www.klepsidra.net/>> 17/03/2011 18h 34 min.

BHABHA, Homi K. **DissemiNação: Tempo, narrativa e as margens da nação moderna**. Belo horizonte. FALE/UFMG, 1995.

BONI, Márcia Regina. **Histórias e trajetórias de vida de professoras migrantes no município de Sorriso**. Dissertação de Mestrado, Cuiabá: 2010.

BOURDIEU, P. **O poder Simbólico**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BRAND, Antônio. Os Kaiowá/Guarani no Mato Grosso do Sul e o processo de confinamento – a “entrada de nossos contrários” In: Conselho Indigenista Missionário Regional Mato Grosso do Sul (CIMI), Comissão pró índio de São Paulo, Procuradoria Regional da República da 3ª região. **Conflitos de Direitos sobre as terras Guaranis Kaiowá no Estado do Mato Grosso do Sul**. Palas Athena. São Paulo. 2001

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 05 de outubro de 1988.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2001.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

_____. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

CHAVES, J. C. **Compêndio de História Paraguaya**. Asunción: Editora Intercontinental, 2010.

CASTELLAR, S. **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. 2ª ed. São Paulo: contexto, 2006.

CARDIA, L. M. Espaço e culturas de fronteira na Amazônia ocidental. In: **Revista Ateliê Geográfico** v. 3, nº. 7. Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2009.

- CASTROGIOVANNI, A. C.; GASTAL, S. Fronteiras e turismo: tencionando conceitos. **IV SEMINTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**. Caxias do Sul, 2006.
- COUTO, Marcos Antônio Campos. Pensar por conceitos geográficos. In: CASTELLAR, Sônia (org.). **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. 2ª ed. São Paulo: contexto, 2006.
- DEL'OLMO, F S. Uma abordagem do multiculturalismo em tempo de globalização. In: TEDESCHI et. al. **Abordagens interculturais**. Porto Alegre: Ed Martins Livreiro, 2008.
- FABRINI, J. E. **A posse da terra e o sem-terra no sul de Mato Grosso do Sul: o caso Itaquiraiá**. 1995. Dissertação (Mestrado em Geografia) – FCT/UNESP, Presidente Prudente.
- FARR, R. M. Representações Sociais: A teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em Representações Sociais**. 8.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro:Vozes, 2003. p. 31-59.
- FARRET, R. Especificidades das áreas urbanas de fronteira. In: CASTELLO, I. R.et. al. **Fronteiras na América Latina: espaços em transformação**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1997.
- GIL FILHO, S. F. Geografia cultural: Estrutura e Primado das Representações. In: **Espaço e Cultura**, nº 19-20, (Jan.-Dez.). Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2005.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 9. Ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.
- JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- KOZEL, Salete. Comunicando e representando: Mapas como construções socioculturais. In: SEEMANN, Jörn (Org.). **A aventura cartográfica: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.
- _____.Representação sob a ótica dos conceitos: mundo vivido e dialogismo. In: **Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos**. Porto Alegre: UFRGS, 2010
- _____.Geografia, Representação e Ensino: Um olhar sobre a dimensão conceitual. In: **Anais do I Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e representação**. Curitiba: Editora da UFPR, 2006. v. 1. p. 45-58.
- MACHADO, L. O; STEIMAN, R. **Limites e fronteiras internacionais: Uma discussão histórico-geográfica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Disponível em: <www.igeo.ufrj.br/gruporetis>. Acesso em 13/05/2011 15h 36min.
- MACHADO, L. O. **Sistemas, Fronteiras e Territórios**. Rio de Janeiro: 2002 [publicado em 19/07/2004] trabalho de pesquisa (Limites e fronteiras internacionais na América do Sul) disponível em: <www.igeo.ufrj.br/gruporetis>. Acesso em 13/05/2011 15h 45min
- _____.Limites, Fronteiras e Redes. In: STROHAECKER, T. M. et. al. (Orgs.). **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: AGB, 1998. Disponível em: <www.igeo.ufrj.br/gruporetis>. Acesso em 13/05/2011
- MARTIN, A. R. **Fronteiras e nações**. (Repensando a Geografia) 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- MELO, J. L. B. de. Reflexões conceituais sobre fronteira. In: CASTELO, Iara (org.) et al. **Fronteiras na América Latina: espaços em transformação**. Porto Alegre: Ed. Universidade: UFRGS: Fundação de Economia e Estatística, 1997.

- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. (Trad.: Carlos Alberto Ribeiro de Moura). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MORAES, A. C.R. de. **Geografia: Pequena História Crítica**. 2ª Ed. São Paulo: Ed. Annablume. 2005
- MOSCOVICI, S.A **representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NOGUEIRA, M. A. F. S. **O Armazenamento de grãos nas regiões da Grande Dourados e Sul - Fronteira do Mato Grosso do Sul com o Paraguai: um estudo de Caso**. Campo Grande: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2007.
- NOGUEIRA, R. J. B. Fronteira: Espaço de referência identitária? In: **Revista Ateliê Geográfico** v. 1, nº. 2. Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2007.
- OLIVEIRA, T. C. M. de. **Território sem limites**. Editora UFMS, Campo Grande, 2005.
- OLIVEIRA JÚNIOR, W. M. de. **A cidade (Tele) percebida: Em busca da atual imagem do urbano**. Campinas: Unicamp, Dissertação de Mestrado, 1994.
- PEREIRA, J. H. do V. Processos identitários da segunda geração de migrantes de diferentes etnias na fronteira “Brasil-Paraguai”. In: MARIN, J. R.; VASCONCELOS, C. A. de (orgs.) **História Região e identidades**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003.
- PÉREZ, C. L. Imagens do conhecimento do mundo. Mapas mentais e espaços praticados. Uma investigação sobre as lógicas operatórias e as práticas espaciais das crianças das classes populares. In: **Caesura: Revista de Ciências Sociais e Humanas** / Universidade Luterana do Brasil, n. 27 Canoas: ULBRA, 2005.
- PIAGET, J.; INHELDER, B. **A representação no espaço da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. 12ª reimpr. da 16ª Ed. de 1996, São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SEMAC - **Secretaria de Estado de Meio Ambiente, do Planejamento, das Ciências e da Tecnologia**. Campo Grande, 2010. Disponível em: <http://www.semac.ms.gov.br/> acesso em 20/11/2010
- SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento Geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004.
- SOARES, M. V. C. Telejornalismo de Fronteira: Um estudo de comunicação na fronteira do Brasil com o Paraguai. In: **América Platina Seminário Internacional: Educação, Integração e Desenvolvimento Territorial**. Campo Grande, 2006.
- SOBRINHO, A. P. **Amambai – Memórias e histórias de nossa gente**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009. 300 p.
- TEDESCHI, L.; RAMOS, A.D.; KNAPP, C. (Orgs). **Abordagensinterculturais**. Porto Alegre, Martins livreiro – Editor, 2008.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Tradução: Livia de Oliveira. 2ª Ed. São Paulo: Difel, 1983.

VESENTINI, J. W. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A Geografia na sala de aula.** 7ª ed. São Paulo: contexto, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins fontes, 1989.

Sites pesquisados

http://www.agazetaneuws.com.br/noticia_fotos2.php?not_id=45695

http://www.agazetaneuws.com.br/noticia_fotos3.php?not_id=45696

<http://www.amambainoticias.com.br/buscar?q=fronteira&p=2>

<http://www.amambainoticias.com.br/buscar?q=paraguai>

<http://www.igeo.ufrj.br/gruporetis>

<http://www.klepsidra.net>

<http://www.mozarcostadeoliveira.blogspot.com>

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=80272373>

<http://www.panoramio.com/photo/4421537>

<http://www.semec.ms.gov.br/>